



INSTITUTO SUPERIOR  
DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
E POLÍTICAS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

# A Autonomização Habitacional dos Jovens Adultos Portugueses – A Saída de Casa da Família de Origem em Tempos de Pandemia COVID-19

**Carina Alexandra Guerreiro Ruivo Maia**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Diana Maciel

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Família e Género

Ano Letivo 2024/2025

*Lisboa*  
*2025*

# A Autonomização Habitacional dos Jovens Adultos Portugueses – A Saída de Casa da Família de Origem em Tempos de Pandemia COVID-19

***Carina Alexandra Guerreiro Ruivo Maia***

*Orientadora: Prof.ª Doutora Diana Maciel*

***Presidente do Júri:***

*Doutora Maria Paula Pestana de Freitas da Silva Faria de Campos Pinto, Professora Associada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;*

***Vogais:***

*Doutora Cláudia Casimiro Ferreira da Costa, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;*

*Doutora Diana Miriam Mateus Maciel, Professora Auxiliar Convidada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na qualidade de Orientadora.*

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Família e Género

*Ano Letivo 2024/2025*

*Lisboa  
2025*

Índice	
AGRADECIMENTOS.....	V
RESUMO.....	VI
ABSTRACT .....	VII
SIGLAS UTILIZADAS .....	VIII
LISTA DE FIGURAS .....	IX
LISTA DE TABELAS .....	X
LISTA DE APÊNDICES .....	XI
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	14
1. Juventudes.....	14
2. Transição Para a Vida Adulta .....	18
3. Portugal e a Europa na Saída de Casa .....	21
4. Jovens e a Família na Saída de Casa .....	24
5. Jovens, Educação e Mercado de Trabalho .....	28
5.1. Impactos da Pandemia COVID-19 na Educação e Mercado de Trabalho .....	31
6. Jovens e Mercado Habitacional.....	33
6.1. Impactos da Pandemia COVID-19 no Mercado Habitacional.....	36
CAPÍTULO II- ESTRATÉGIA METODOLÓGICA .....	38
1. Natureza, Fundamentação e Objetivos da Investigação.....	38
2. Métodos, Técnicas e Instrumentos de Recolha .....	39
3. Modelo de Análise, Tratamento e Análise de Dados .....	43
4. Considerações Éticas .....	45
CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....	47
1. Caracterização do Grupo de Entrevistados .....	47

2.	A Saída de Casa da Família de Origem .....	49
2.1.	Experiências e Padrões de Mudança .....	49
2.2.	Benefícios e Constrangimentos .....	55
3.	O Papel da Família de Origem na Saída de Casa .....	57
4.	O Regresso a Casa da Família de Origem .....	64
5.	A Pandemia e a Saída de Casa .....	69
	CONCLUSÃO.....	73
	BIBLIOGRAFIA .....	78
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>84</b>

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e todos/as os/as docentes do Mestrado, pela oportunidade de prosseguir um tema que tanta curiosidade me suscita.

Deixo um especial agradecimento à excelentíssima orientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Diana Maciel, por ser imparável. O sucesso deste processo deve-se igualmente à professora. Estarei para sempre grata pelo incentivo e apoio contínuo.

Agradeço a todos/as os/as entrevistados/as que permitiram a realização da investigação. Obrigada por terem partilhado comigo um pouco da vossa história, um pouco do vosso mundo. O sucesso desta etapa só foi possível graças a vocês.

Nasci e cresci num contexto social e económico que muitas vezes nos rouba dos sonhos. Experienciei múltiplos desafios ao longo dos diversos trilhos que percorri, inclusive na entrada na vida adulta. Reconheço muitas das lutas dos/as jovens aqui descritos, tal como eles, vivi situações de dificuldade, vulnerabilidade e precariedade no processo de saída de casa. Agradeço à minha mãe, por me ter incentivado à educação, graças a isso já pude viver e experienciar mais do que me fizeram crer que podia.

Fizeram-me acreditar que não deveria ambicionar mais do que isto. Ainda assim sonho. Sonho com a possibilidade de trabalhar na minha área de formação (como tantos/as jovens ainda não tive essa oportunidade), talvez um dia a investigação e docência. Inspiro-me em todos/as aqueles que ensinaram, motivaram e me possibilitaram chegar aqui.

Agradeço a todos/as os que amo. Estão sempre no meu pensamento, alguns com demasiada saudade.

**Obrigada!**

## RESUMO

A presente investigação tem como objetivo compreender o processo de autonomização habitacional de jovens adultas/os portuguesas/es em tempos de pandemia COVID-19. Através de uma lente de género, procura-se analisar padrões de mudança e experiências na saída de casa da família de origem, constrangimentos e motivações das/os jovens e o papel da família de origem no processo de autonomização habitacional. Procurou-se compreender como a pandemia COVID-19 afetou o mercado de habitação e como este afetou a autonomização habitacional das/os jovens.

Se, por um lado, os/as jovens portugueses/as saem cada vez mais tarde da casa da família de origem (Eurostat, 2022) visualiza-se, igualmente, uma mudança nos processos de transição para a vida adulta. Atualmente mais complexos e singulares, estes processos vão sendo moldados por diversos fatores, nomeadamente o contexto socio-histórico e os elementos estruturais atribuídos, como o género e a classe social (Minguez et al., 2012; Settersten & Ray, 2010; Sagnier et al., 2021).

A partir de 17 entrevistas realizadas, conclui-se que as transições para a vida adulta são marcadas por uma complexidade multifacetada e que a entrada na vida adulta é assinalada por diversas experiências, existindo diferenças entre homens e mulheres em todo o processo de autonomização juvenil. Reconhece-se o crucial papel da família de origem no apoio ao/à jovem na concretização e navegação da saída de casa, assim como o impacto das condições sociodemográficas da mesma no nível de apoios que as famílias conseguem/estão dispostas a providenciar.

Ainda que os constrangimentos e benefícios sejam generalizados a todos os/as jovens, são distintos quando observamos através de uma lente de género e classe social. Conclui-se que os impactos da pandemia na autonomização habitacional dos/as jovens são distintos existindo variações consoante a situação socioeconómica prévia.

**Palavras-Chave:** Autonomização Habitacional Juvenil; Juventudes; Família; Género.

## ABSTRACT

This research aims to understand the process of housing autonomy of young Portuguese adults in times of the COVID-19 pandemic. Through a gender lens, it seeks to analyze patterns of change and experiences in leaving the family of origin, constraints and motivations of young people and the role of the family of origin in the process of housing autonomy. We sought to understand how the COVID-19 pandemic has affected the housing market and how it has affected the housing autonomy of young people.

If, on one hand, young Portuguese people are leaving their family home later (Eurostat, 2022), we can also see a change in the processes of transition to adulthood. Currently more complex and unique, these processes are being shaped by various factors, namely the socio-historical context and the structural elements assigned, such as gender and social class (Minguez et al., 2012; Settersten & Ray, 2010; Sagnier et al., 2021).

From the 17 interviews conducted, it can be concluded that transitions to adulthood are marked by multifaceted complexity and that entry into adulthood is marked by diverse experiences, with differences between men and women throughout the process of youthful autonomy. There is recognition of the crucial role of the family of origin in supporting the young person in achieving and navigating leaving home, as well as the impact of their sociodemographic conditions on the level of support that families are able/willing to provide.

Although the constraints and benefits are generalized to all young people, they are different when viewed through the lens of gender and social class. We conclude that the impacts of the pandemic on the housing autonomy of young people are different, with variations depending on their previous socio-economic situation.

**Keywords:** Youth Housing Autonomy; Youth; Family; Gender.

## SIGLAS UTILIZADAS

AL- Alojamento Local

AM- Área Metropolitana

AML- Área Metropolitana de Lisboa

OMS- Organização Mundial da Saúde

UE- União Europeia

JQSC- Jovens que saíram de casa

JQSCR- Jovens que saíram de casa e regressaram

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1- Modelo de Análise (Criação Própria)</b> .....	<b>44</b>
--	-----------

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1- Dados Homens que Saíram de Casa da Família de Origem.....</b>	<b>95</b>
<b>Tabela 2- Dados Homens que Saíram da Casa da Família de Origem e Regressaram .....</b>	<b>96</b>
<b>Tabela 3- Dados Mulheres que Saíram de Casa da Família de Origem .....</b>	<b>97</b>
<b>Tabela 4- Dados Mulheres que Saíram da Casa da Família de Origem e Regressaram .....</b>	<b>98</b>
<b>Tabela 5- Dados Compilados Homens e Mulheres Entrevistados/as .....</b>	<b>99</b>
<b>Tabela 6- Dados Famílias de Origem de Entrevistados/as .....</b>	<b>101</b>

## LISTA DE APÊNDICES

<b>APÊNDICE A- Guião de Entrevista .....</b>	<b>85</b>
<b>APÊNDICE B- Consentimento Informado .....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE C- Sínteses Capítulo III.....</b>	<b>90</b>
<b>APÊNDICE D- Tabela Dados Sociodemográficos Entrevistados/as .....</b>	<b>95</b>
<b>APÊNDICE E- Excertos de Entrevistas do Capítulo III.....</b>	<b>102</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende responder à questão de partida de como se procede a autonomização habitacional das/os jovens adultas/os portuguesas/es na saída de casa da família de origem em tempos de pandemia COVID-19. Para além da interrogação inicial, procura-se cumprir quatro objetivos específicos, nomeadamente, (a) conhecer os padrões de mudança e experiências sobre a saída de casa da família de origem em tempos de pandemia COVID-19; (b) compreender os constrangimentos e motivações das/os jovens adultas/os na saída de casa durante pandemia COVID-19; (c) compreender como a pandemia COVID-19 afetou o mercado de habitação e como este afetou a autonomização habitacional das/os jovens; (d) compreender o papel da família de origem no processo de autonomização habitacional, todos eles através de uma lente de género.

A presente investigação encontra-se dividida e organizada em três grandes capítulos. No **capítulo 1**, efetua-se uma revisão de literatura referente aos principais temas e subtemas da investigação. Os atuais processos de transição para a vida adulta são moldados pelo contexto socio-histórico e são dependentes das capacidades individuais e sociais dos indivíduos, dos elementos estruturais atribuídos (como as classes sociais de origem e o género), da agência, das oportunidades e constrangimentos. O que resulta numa multiplicidade de percursos juvenis de autonomização (Minguez et al., 2012; Settersten & Ray, 2010; Sagnier et al., 2021).

O **capítulo 2** é composto pela estratégia metodológica definida. Fundamenta-se que, para a presente investigação, a utilização da metodologia qualitativa, com o recurso a entrevistas semiestruturadas permite flexibilidade e o não condicionamento excessivo das entrevistas e das pessoas entrevistadas (Carmo & Ferreira, 2008; Bryman, 2012). Deste modo, realizaram-se 17 entrevistas a homens e mulheres dos 20 aos 35 anos de idade, que tivessem saído de casa da família de origem e/ou tivessem saído e regressado.

O guião de entrevista foi elaborado a partir dos temas problematizados no capítulo 1 e, através das entrevistas realizadas, analisa-se, no **capítulo 3**, as informações recolhidas. Por fim, nas considerações finais, responde-se à questão de partida e objetivos de pesquisa definidos, destacando-se a multiplicidade das experiências e percursos de transição para a vida adulta, compostos por diversos movimentos habitacionais. Destaca-se ainda, o

importante papel da família de origem na concretização da saída de casa e na navegação da transição habitacional.

## CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1. Juventudes

O conceito de juventude tem sofrido, ao longo das últimas três décadas, oscilações, sendo complexo e ambíguo. A juventude, tal como se concebe, é um produto da modernidade, enquanto fase da vida, categoria social, cultural e histórica (Pais, 1993; Pappámikail, 2010; Sagnier et al., 2021; Vieira, 2022). A preliminar noção sociológica da juventude encontra-se interconectada com outras disciplinas, cada qual com a sua própria denominação e noção desta fase da vida (por exemplo, a psicologia, focada no desenvolvimento da personalidade dos indivíduos, as ciências biomédicas, focadas nas transformações biológicas) (Groppo, 2017).

O paradigma linear de desenvolvimento<sup>1</sup> retrata a base hegemónica de análise das juventudes. Favoreceu a visão da/o jovem como um *ser em devir*, cujo objetivo final é a maturidade imaginada da identidade adulta. Tais caracterizações remontam a juventude a ideais de carácter transitório e homogéneo, focalizados na idade (Groppo, 2017; Pappámikail, 2010; Vieira, 2022). Embora a puberdade seja um processo biológico universal, a juventude começou a ser visualizada como uma fase da vida quando os problemas e tensões a ela associados começaram a tornar-se objeto de consciência social, a partir da segunda metade do século XIX (Doutor, 2016; Pais, 1993; Pappámikail, 2010).

A idade atua como uma forma de organização e sistematização do tempo dos indivíduos nas diferentes fases da vida nas sociedades. Os limites dos sistemas etários são de difícil demarcação, não existindo concordância quanto aos mesmos (Ferreira & Nunes, 2010). A presente investigação procurou estudar jovens entre os 20 anos e os 35 anos (idade média de saída de casa da família de origem, aquando do início do estudo, segundo os dados do Eurostat [2022]).

Enquanto questão social, a visibilidade do tema surge nos anos 50. Em Portugal, por volta de 1960, intimamente relacionada com acontecimentos sociais emergentes, nomeadamente os movimentos estudantis e políticos (contra a Guerra do Ultramar) do final da década de 60, início da década de 70 (Revolução do 25 de abril de 1974). A partir dos anos 80, a juventude tornou-se protagonista no meio académico e político. A emergência da juventude

---

<sup>1</sup> A juventude é vista como um tempo de sucessivas etapas sequenciais, determinado por imperativos biológicos e psicológicos, de acordo com a idade cronológica, que levam a criança até à vida adulta (Pappámikail, 2010).

é apontada como uma consequência da sociedade de consumo (Doutor, 2016; Pais, 1993; Pappámikail, 2010; Sousa, 2010).

Considerado um processo lento, aquele que dá origem à juventude enquanto grupo social abrangente, resulta da crescente sentimentalização da infância e atribuição da condição de indivíduo ao jovem, com a expansão da escola enquanto espaço primário de interação, aprendizagem e socialização. O prolongamento, obrigatoriedade e crescente democratização do acesso ao ensino, as legislações sobre o trabalho infantil e outras medidas de carácter público, o surgimento e configuração social da família contemporânea aliada ao aumento progressivo da dependência do jovem face à família de origem, constituíram medidas de visibilidade e reconhecimento social dos problemas da juventude (Pais, 1993; Pappámikail, 2010; Sousa, 2010). Histórica e socialmente, a/o jovem adquire estatuto de adulta/o quando sofre uma mudança de *status* social e adquire responsabilidades laborais, habitacionais, conjugais e familiares com relativa independência em relação ao núcleo familiar de origem. Distingue-se da infância por ser um *status* com maior prestígio social, contrariamente à idade adulta (Doutor, 2016; Groppo, 2017; Pais, 1993).

Segundo Pais (1993), a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada em contextos e circunstâncias individuais, económicas, sociais, culturais e políticas próprias. Consequentemente, trata-se de uma categoria sujeita a alterar-se ao longo do tempo, que não pode ser definida, exclusivamente, tendo em conta critérios sociológicos, biológicos e/ou psicológicos (Doutor, 2016). Sendo socialmente construída, a juventude distingue-se pelas suas diversas maneiras de existir em tempos e espaços sociais distintos, estando em permanente transformação. Assim, distingue-se a juventude enquanto categoria histórica, representação social e grupo etário que não é legitimado ou instituído em todas as sociedades (Doutor, 2016; Groppo, 2017; Pais, 1993).

A idade só por si não chega para definir a condição juvenil. No entanto, o desejo de criar marcadores universais objetivos estabeleceu limites etários públicos e formas de lidar com cada categoria etária, estabelecendo igualmente fronteiras entre as diferentes categorias. Ainda que se verifique um colapso nos processos de institucionalização do curso da vida, os marcadores permanecem no imaginário social para orientar os indivíduos. O mesmo parece estar a acontecer à ideologia da juventude enquanto fase de preparação para a vida adulta.

Mais do que práticas reais desejadas pelos/as jovens, o que subsiste atualmente são padrões de referência (Groppo, 2017).

Na primeira metade do século XX, a sociologia considerava a juventude como um elemento natural e universal, cujo interesse final é o tornar-se adulto, inerentemente ligada ao processo de socialização secundária. Já a segunda metade do século XX é marcada pelo surgimento das teorias críticas da juventude (corrente geracional e a corrente classista) (Groppo, 2017; Sousa, 2010). A primeira visualiza a juventude como um conjunto social, composto por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida. Procura identificar os aspetos comuns que caracterizam esta fase da vida e a cultura juvenil específica, definida por critérios de idade e por oposição a outras gerações. A teoria geracional assenta a sua base na noção de geração<sup>2</sup> (Pais, 1993; Sagnier et al., 2021). Os/As jovens interiorizam e reproduzem, no seu quotidiano, normas, valores, crenças e símbolos das gerações adultas, como resultado da socialização de instituições como a família e a escola. Quando essa interiorização não é feita de modo indiscriminado ou passivo geram-se fracionamentos culturais entre as várias gerações (Doutor, 2016; Pais, 1993; Sousa, 2010).

A corrente classista encara a juventude como um conjunto social diverso. Assim, assume-se a existência de diferentes culturas juvenis em função da classe social, situações económicas, interesses e oportunidades. Assim não se procura apenas as similaridades entre jovens, mas fundamentalmente as diferenças. A reprodução social dos/as jovens não resulta das relações intergeracionais, mas sim das relações entre classes sociais, na qual a transição para a vida adulta é pautada por desigualdades sociais. Recusa-se o conceito de juventude e define-se a cultura juvenil como heterógena, disforme e dependente da estrutura de classes (Doutor, 2016; Pais, 1993; Sousa, 2010).

Para Pais (1993), a juventude apresenta-se homogénea quando a comparamos com outras gerações, pois inclui indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, que manifesta uma determinada maneira de estar na sociedade, mas igualmente heterogénea quando se analisam os diversos atributos sociais que fazem distinguir os/as jovens uns dos/as outros/as.

---

<sup>2</sup> Em termos sociais define-se geração como um conjunto de indivíduos na mesma fase de vida, socializados de forma homogénea e de acordo com padrões normativos, constituído por um grupo provido de uma situação social distinta (Doutor, 2016; Pais, 1993).

Assim, a juventude não é socialmente homogénea, estando dividida em função de interesses, origens sociais, perspetivas e aspirações. Logo, Pais (1993) assume que não existe apenas uma transição para a vida adulta, mas sim várias, como várias são as formas de ser jovem ou adulta/o de acordo com os planos económicos, sociais e culturais.

Ambas as correntes encaram o fenómeno juvenil de forma contraditória e paradoxal. A análise na investigação sociológica é realizada pela bifurcação das correntes. O estudo das transições para a vida adulta, especificamente, a saída de casa da família de origem, representa de forma exemplar a excessiva dicotomização entre ambas. Segundo Nico (2016), optar precocemente por uma corrente poderá remeter o caminho da pesquisa para um vício, condenando os resultados e confirmando apenas teorias vigentes e populares. A escolha da teoria não deve ser prévia à análise dos dados, pois a mesma poderá levar a elevados níveis de “teoricismo” contraproducentes, encerrando em si filiações disciplinares e teóricas desnecessárias ou ideológicas. A complementaridade entre as correntes deve ser um requisito inicial obrigatório, de forma a revelar variações locais e fatores individuais sobre determinados fenómenos. Revela-se a importância da utilização de uma abordagem holística nas transições para a vida adulta (Nico, 2016)<sup>3</sup>.

As teorias desenvolvidas desde o final do século XX, denominadas teorias pós-críticas, colocam em causa a estrutura referencial das categorias etárias. Negam a juventude como uma transição para a vida adulta, reconhecendo o papel ativo do sujeito na constituição das juventudes. Estas focam-se nos processos de flexibilização, desinstitucionalização e privatização da vida dos indivíduos. Reconhece-se a juventude como um processo generalizado, que se perpetua de modo precário e por vezes intermitente. Dissolve-se a ideia de juventude enquanto categoria etária e representação social. Ainda que a idade seja importante na obtenção do *status* social, observa-se de certa forma uma flexibilização das categorias etárias. Os padrões e expectativas sociais tornaram-se mais frágeis em relação ao curso de vida. Permanece, tal como

---

<sup>3</sup> Quando utilizadas individualmente, ambas as correntes apresentam limitações. A corrente geracional é limitada ao encarar a juventude como homogénea, sendo ineficaz na análise das desigualdades sociais pela pouca atenção dada ao contexto histórico e à necessidade de comparabilidade temporal dos dados. A corrente classista, ainda que visualize a juventude enquanto heterogénea e não apresente *a priori* nenhuma inaptidão sociológica, se não for conjugada com uma métrica temporal (geracional ou *coortes*), poderá contribuir de forma circunscrita ou pouco fundamentada (Nico, 2016).

na corrente classista, a valorização da diversidade juvenil e aos sujeitos cabe gerir o seu curso de vida (Groppo, 2017).

## 2. Transição Para a Vida Adulta

A transição para a vida adulta tornou-se, nas últimas décadas, uma importante área de pesquisa da Sociologia (Mulder, 2009; Ramos, 2018). Os estudos focados na juventude têm abordado diversos temas, particularmente a transição para a vida adulta, a partir dos anos 80 (Chevalier, 2021; Sagnier et al., 2021; Sousa, 2010). Porém, estudos sobre as perspetivas e interpretações dos/as jovens quanto à transição habitacional são incomuns (Breidenbach, 2018).

Entendida como uma fase crucial na vida dos/as jovens, a transição para a vida adulta revela-se ambivalente no seu significado, sem consenso (Buchmann & Kriesi, 2011; Minguez et al., 2012). Até aos anos 70, os estudos visualizavam as transições juvenis como um processo de passagem linear no institucionalizado curso de vida<sup>4</sup>, marcado pela negociação de eventos e passagem de papéis sociais, de fácil identificação e reconhecimento (finalização da educação, a entrada no mercado de trabalho, a saída de casa de origem, constituição de uma nova família através do casamento e/ou parentalidade). Reconhece-se o carácter rápido das transições (Billari & Liefbroerb, 2010; Chan et al., 2023; Furlong & Cartmel, 1997, 2007; Ferreira & Nunes, 2010; Sousa, 2010).

O tradicional modelo de transição para a vida adulta, enquanto parte do curso de vida, assenta em dois princípios. O princípio da instantaneidade da transição da infância para a vida adulta e o princípio da concordância, no final da escolaridade e ingresso na atividade profissional e entre o casamento e a saída de casa da família de origem. No modelo tradicional, as transições são delimitadas por normas sociais e comportamentos apropriados, com base nas idades. Assim, a passagem entre as diferentes etapas é determinada de forma homogénea, bem como os papéis e posições sociais dos/as jovens e adultos/as (ao/à jovem cabe-lhe o papel de estudante, aprendizagem e dependência face ao/à adulto/a; ao/à adulto/a, associa-se a

---

<sup>4</sup> O conceito curso de vida é entendido como a trajetória social do indivíduo ao longo da vida. Ainda que individual, engloba um tempo biográfico cultural e normativamente organizado, em conformidade com os itinerários disponíveis. Itinerários estes dependentes dos contextos conjunturais, espaciais, temporais, estruturais, institucionais, familiares e biográficos do indivíduo (Ferreira & Nunes, 2010).

independência económica, habitacional e afetiva [Chan et al., 2023; Chevalier, 2021; Ferreira & Nunes, 2010; Sousa, 2010]).

As mudanças a nível educacional, profissional, familiar e social, a partir de 1970, tiveram impactos sobre os processos de transição para a vida adulta e na forma como os/as jovens vivenciam essas experiências (Chevalier, 2021; Giddens, 2001; Sousa, 2010). Nas sociedades pós-industriais, as transições parecem ser mais complexas com marcadores de passagem erráticos em duração, sequência e simbolicamente desvalorizados em termos de valor normativo (Ferreira & Nunes, 2010; Sagnier et al., 2021). Atualmente, os/as jovens encaram novas formas de entrada na vida adulta e, ao invés de rituais de passagem, as transições são visualizadas como um conjunto de escolhas que os/as jovens realizam, ao longo das diversas experiências sociais, também elas impactadas por constrangimentos e limitações (Chan et al., 2023; Sagnier et al., 2021; Sousa, 2010). A desestandardização do curso de vida justificou a criação da juventude enquanto período específico na vida dos indivíduos e categoria social (Chevalier, 2021; Sousa, 2010).

Dependente das capacidades psicológicas e sociais e da agência dos indivíduos, das oportunidades e constrangimentos moldados pelo contexto socio-histórico, a transição para a vida adulta é, por definição, progressiva onde muitas transições ocorrem e se sobrepõem (Minguez et al., 2012). Esta resulta no assumir de novos papéis e responsabilidades (Baranowska-Rataj et al., 2016; Ferreira & Nunes, 2010; Moreno, 2012; Nico, 2011). A indeterminação nos domínios profissionais, familiar e conjugal, promovem o prolongamento das transições e o aumento da idade em que tal acontece. Estas prolongam-se por tempos de experimentação e navegação (Chan et al., 2023; Chevalier, 2021; Sousa, 2010).

A desinstitucionalização das transições reflete-se no carácter flexível que, atualmente, as mesmas detêm face ao passado. As normas sociais e legais foram enfraquecendo com a globalização, assim como os códigos que guiavam as escolhas e ações dos indivíduos (Ferreira & Nunes, 2010; Giddens, 2001; Minguez et al., 2012). Ainda que os marcadores e esquemas normativos permaneçam no imaginário social, enquanto padrões de referência (Groppo, 2017), o modelo assente em diferentes passagens de etapas é desconstruído e enfatiza-se a autonomização do jovem através de acontecimentos pontuais (Sousa, 2010; Mulder, 2009).

Os tradicionais processos de socialização continuam a exercer uma forte influência sobre os/as jovens na entrada para a vida adulta, ainda que estes detenham agora mais controlo sobre as suas decisões. Os processos de reprodução social permanecem altamente estruturados, na medida em que a visualização da transição como um movimento da infância para a idade adulta, as etapas e o *timing* que o/a jovem recebe das instituições de integração (família, escola, mercado de trabalho e políticas assistenciais) permanecem as mesmas (Billari & Liefbroerb, 2010; Furlong & Cartmel, 1997, 2007; Minguez et al., 2012).

Muitas vezes, dependentes a nível residencial e/ou financeiro, as/os jovens progridem para a vida adulta através de episódios e situações esporádicas, que não passam somente por experiências decisivas (terminar a carta de condução, o primeiro carro, o primeiro namorado/a). Estes encontram-se associados a uma pluralidade de processos interdependentes, dessincronizados e reversíveis. Os acontecimentos pontuais são importantes para a formação do indivíduo, contudo já não assentam nos limites anteriormente definidos (Ferreira & Nunes, 2010; Minguez et al., 2012; Moreno, 2012; Pappámikail, 2010; Sousa, 2010).

Mais do que completamente independente, o indivíduo constrói-se a si enquanto ser autónomo através de determinados momentos esporádicos que se revelam marcantes. Os acontecimentos que são considerados relevantes para alguns/mas jovens não são para outros/as, reforçando a ideia de diversidade nas transições para a vida adulta (Sousa, 2010). Atualmente os/as jovens perseguem novos trajetos de vida mais complexos, fragmentados e diversos, que promovem novas visões e modos de entender e viver a vida adulta. Os roteiros convencionais e fixos classificados como breves, lineares e simples, estão progressivamente a alterar-se para biografias eletivas. Não seguem mais a sequência linear de saída de casa da família de origem e procuram formas alternativas de adquirir a sua identidade (Baranowska-Rataj et al., 2016; Billari & Liefbroerb, 2010; Huang, 2013; Minguez et al., 2012; Sousa, 2010; Swartz & O'Brien, 2009).

As decisões que as/os jovens tomam não são uma mera expressão da sua vontade, mas das diversas influências externas, pressões sociais, recursos e capital ao seu dispor, intimamente relacionadas com a estrutura social e elementos atribuídos, como as classes sociais de origem e o género (Minguez et al., 2012; Sagnier et al., 2021; Settersten & Ray, 2010).

O género é um dos fatores que mais influência detém na saída de casa da família de origem e as trajetórias do curso de vida (Blaauboer & Mulder, 2010). A prossecução de trajetórias individuais baseadas na liberdade, realização individual e lazer poderá explicar as diferenças entre homens e mulheres na saída de casa (Moreno, 2012; Nico, 2012). Tendencialmente as mulheres saem mais cedo porque valorizam mais a formação de família, os homens tendem a adiar até obterem determinada independência económica (Minguez et al., 2012).

Ainda que a classe social, o género, a etnicidade e a religião possam caracterizar-se como fatores importantes nas escolhas individuais, a globalização acarretou mudanças nas experiências dos/as jovens e nas instituições que as sustentam. Observa-se uma redefinição de diferentes aspetos íntimos, a nível da família, papéis de género, identidade, sexualidade e interações. Os efeitos da globalização fizeram-se sentir a nível macro e a nível micro, da esfera privada, afetando as relações que os indivíduos detêm com o mundo e consigo mesmo. Perante a emergência de um novo individualismo, as/os jovens têm mais controlo sobre as decisões que marcam os seus percursos, sem esquecer os constrangimentos e influências sociais e estruturais<sup>5</sup> (Giddens, 2001; Minguez et al., 2012).

A interação com diferentes culturas contribuiu igualmente para a emergência de novos padrões, opções, estilos de vida e identidades híbridas mais abertas, adaptativas e reflexivas, compostas por elementos de diferentes origens culturais. Este carácter de diferenciação, influenciado por fatores estruturais e padrões sociais, caracteriza a pluralidade das transições juvenis. As diversas possibilidades aumentaram igualmente os riscos associados às escolhas dos indivíduos (Giddens, 2001; Minguez et al., 2012; Sagnier et al., 2021).

### 3. Portugal e a Europa na Saída de Casa

Portugal é um dos países europeus onde as/os jovens saem mais tarde de casa da família de origem. Segundo os últimos dados do Eurostat, referentes a 2022, as/os jovens saem de casa

---

<sup>5</sup> Contrariamente aos riscos do passado, que tinham causas instituídas e efeitos sabidos, atualmente os riscos e consequências são inúmeras. Os indivíduos são forçados a tomar decisões relativamente aos riscos que estão dispostos a correr no processo de transição para a vida adulta (Giddens, 2001; Minguez et al., 2012; Sagnier et al., 2021). Segundo Minguez et al (2012), as/os jovens consideram os riscos da saída como efeitos colaterais eventuais, mas inevitáveis das suas escolhas. Percebem a insegurança e instabilidade como fatos estruturais da realidade em que vivem, fomentando muitas vezes sentimentos negativos, nomeadamente ansiedades e medos associados à incerteza da juventude (Ferreira & Nunes, 2010).

dos pais perto dos 30 anos (29,7 anos), sendo que os homens (30,4 anos) saem, em média, ligeiramente mais tarde que as mulheres (29,0) (Eurostat, 2023)<sup>6</sup>.

O facto de as/os jovens saírem cada vez mais tarde de casa está condicionado pelas estruturas de oportunidades, os desiguais acessos e constrangimentos (Breidenbach, 2018; Iacovou, 2010; Nico, 2011). Para as/os jovens, a saída de casa é desejada para obter o seu próprio espaço e liberdade (Goldscheider & Goldscheider, 1999). Os fatores estruturais e culturais são importantes na modelação da ação individual na saída de casa, dado que condicionam o planeamento e escolha dos seus projetos de vida (Chan et al., 2023; Minguez, 2016; Torres et al., 2018). Estes criam um conjunto de oportunidades e restrições específicas em cada país, com contextos institucionais e normativos distintos (Minguez et al., 2012; Schwanitz et al., 2017). Assim a autonomização habitacional das/os jovens difere consideravelmente nos diversos países da Europa (Breidenbach, 2018).

Os contextos de saída de casa na Europa são frequentemente agrupados em três grupos, construídos com base nas contribuições teóricas de Esping-Andersen sobre as tipologias de Estados Providência <sup>7</sup> (Breidenbach, 2018; Minguez et al., 2012; Minguez, 2016). Primeiramente, o modelo do Norte inclui países como o Reino Unido, França, Bélgica, Alemanha e Áustria. A saída é relativamente cedo (20 anos de idade) e a formação de família é mais tardia, com obrigações familiares menos pronunciadas (Schwanitz et al., 2017). O parque habitacional destinado ao arrendamento é mais alargado do que o do Sul da Europa e as transições escola-trabalho são mais seguras, flexíveis e rápidas. Socialmente espera-se que as/os jovens saiam de casa da família de origem cedo para apreender o significado da independência e responsabilidade, ainda que atrasos na saída sejam aceites (Breidenbach, 2018; Jamieson & Simpson, 2013; Nico, 2011). Também Mauritti (2011) refere que os países do norte com políticas e climas mais propícios à autonomização detêm formas mais abrangentes e igualitárias de conciliação público-privada.

Segundo, o modelo nórdico que engloba países como a Finlândia, a Dinamarca, a Suíça e Holanda. Este representa uma versão extrema do modelo do Norte onde promovem saídas

---

<sup>6</sup> Em 2021, os/as jovens saiam de casa após os 30 anos (33,6 anos) e os homens (34,4 anos) saiam igualmente mais tarde que as mulheres (32,7 anos) (Eurostat, 2022). Estes dados refletem o impacto da pandemia na saída de casa.

<sup>7</sup> Ainda que a presente investigação faça referência à teoria realçada por Breidenbach (2018), ao longo da última década foram elaborados diversos modelos comparativos que discutem outras configurações, mas que, em geral, combinam os contextos económicos, institucionais e culturais europeus (Minguez, 2016; Minguez et al., 2012).

ainda mais cedo, com países com elevados níveis de investimento social na juventude com diversas políticas e apoios públicos direcionados às/aos jovens. Existe um forte investimento por parte dos Estados na formação académica e profissional da população mais jovem. Neste contexto, as/os jovens usufruem de pouca ou limitada supervisão parental desde os 18 anos, ou ainda antes. As/Os jovens são incentivadas/os socialmente a explorar diferentes oportunidades laborais e de educação, a viver em residências unipessoais sozinhas/os, com amigas/os ou parceiras/os românticas/os (Breidenbach, 2018; Nico, 2011). Este contexto flexível permite realizar saídas despadronizadas (Minguez et al., 2012).

Por fim, o modelo do Sul (Portugal, Itália, Espanha, Grécia e Irlanda), é caracterizado por condições estruturais, a nível profissional e habitacional, pouco atrativas à autonomização, poucas políticas públicas de promoção e emancipação juvenil e um sistema educacional rígido em termos de percursos de formação (Minguez et al., 2012). Subsiste uma forte influência dos papéis tradicionais de género dentro do casal e pouca corresponsabilidade entre homens e mulheres nas tarefas domésticas (Minguez et al., 2012; Schwanitz et al., 2017). Em Portugal, as mudanças socioeconómicas reforçam o peso da família através da solidariedade prolongada, em termos económicos, habitacionais e na procura de emprego (Sousa, 2010). As novas condições da vida familiar e matrimonial refletem mudanças, como a experimentação de relacionamentos amorosos e formas de conjugalidade, assim como o aumento generalizado da separação, divórcio e recomposição familiar (Breidenbach, 2018; Ferreira & Nunes, 2010; Iacovou, 2010; Moreno, 2012; Sousa, 2010).

Portugal integra o grupo de países do sul europeu, onde as saídas de casa são fortemente impactadas por constrangimentos estruturais. Estes referem condições externas às/aos jovens e suas famílias, sobre as quais não têm controlo, e que impactam a sua integração no mercado de trabalho e habitacional. O apoio estatal à emancipação juvenil é mínimo ou inexistente (Breidenbach, 2018; Ferreira & Nunes, 2010; Nico, 2011; Sousa, 2010). O mercado habitacional demonstra-se como um constrangimento pelo reduzido número de casas acessíveis para arrendamento e a elevados preços complementado pela dificuldade das/os jovens em obter

créditos à habitação. Estas dificuldades têm um valor cumulativo, à medida que mais destas condições convergem, menos viável é a saída de casa (Breidenbach, 2018; Nico, 2011)<sup>8</sup>.

#### 4. Jovens e a Família na Saída de Casa

A autonomização habitacional retrata um fenómeno complexo com impactos para mães/pais e filhas/os (Goldscheider & Goldscheider, 1999). As mudanças advindas da saída de casa impactam as relações das/os jovens (consigo e com outras/os), resultando no assumir de responsabilidades individuais, novas formas de autonomia (sem a supervisão parental regular) e a reestruturação de relações existentes (crescimento de uma relação mais igualitária entre mães/pais e filhas/os) (Blaauboer & Mulder, 2010; Minguez, 2016; Mulder, 2009). A saída requer um realinhamento das relações intergeracionais, uma redefinição dos papéis e uma reavaliação das prioridades da família. O tempo com a família de origem é valorizado e sair de casa é visualizada como uma perda emocional para ambos (Breidenbach, 2018; Moreno, 2012).

A resposta de familiares, na saída, tem vindo a alterar-se em termos de facilitação, sendo que estes são um importante apoio dado às/aos jovens, dada a falta de outros mecanismos (Swartz & O'Brien, 2009). Nos países do Sul Europeu, as mães e pais tornaram-se a principal fonte de suporte no processo de autonomização (Minguez, 2016). Em Portugal, a família detém um papel crucial para a provisão e financiamento de habitação através de apoio financeiro direto com participação monetária na compra de casa e regularmente como uma fonte de transferências intergeracionais de imóveis (Xerez et al., 2019).

Numa perspetiva de curso de vida familiar, as interações e partilhas dos membros da família influenciam a decisão da/o jovem de sair de casa. As teorias sobre a transmissão intergeracional contribuem para explicar as diferenças nos percursos de saída. Seja através de transmissões diretas de recursos, na socialização e transmissão de valores, as/os mães/pais detêm influência sobre as/os jovens. Assim, a decisão de sair de casa é suscetível de ser

---

<sup>8</sup> Ainda que recente, os países pós-socialistas da Europa de Leste começaram a ser incluídos nos estudos comparativos sobre a saída de casa da família de origem. Nestes contextos, as/os jovens enfrentam condições e restrições desfavoráveis. O mercado habitacional é caracterizado pela escassez de habitação dado o declínio generalizado do setor da habitação social, após a queda do comunismo e um setor privado subdesenvolvido de arrendamento a custos elevados. Além disso, existem elevados níveis de desemprego e baixos salários. Existe uma forte dependência do apoio informal. Culturalmente promove-se a conjugalidade e parentalidade precoce e a formação de agregados familiares alargados, o que agrava a sobrelotação. Sair de casa precocemente e para viver sem um parceiro é geralmente difícil para as/os jovens adultas/os, pelo que o casamento é principal razão para sair de casa (Mínguez, 2016; Schwanitz et al., 2017).

influenciada pelas características do agregado e pela sociedade. A negociação da saída não é única à família, a sociedade está envolvida na modelação deste processo (Blaauboer & Mulder, 2010; Goldscheider & Goldscheider, 1999).

O que motiva as/os jovens a sair de casa difere nas suas causas e efeitos. Certo é que a rota de saída afeta as probabilidades de voltar a casa. O mais comum são as saídas para viver sem parceira/o (viver sozinha/o ou com colegas de casa) por razões educativas, laborais ou desejo de independência e autonomia; ou para formar uma união (casamento ou coabitação) (Blaauboer & Mulder, 2010). As/Os que saem para casar têm menores probabilidades de retornar, pois esta saída é programada e planeada, ao contrário das/os jovens que saem com baixa escolaridade e/ou sem integração no mercado de trabalho. As/Os que saem para estudar tendem a visualizar a saída como reversível. Quem sai para relacionamentos de pouco compromisso, coabitar com amigas/os ou pelo desejo de independência tem maior probabilidade de voltar a casa da família de origem. As mães e pais tendem a apoiar as saídas motivadas pelo desejo de independência e mostram-se disponíveis a apoiar caso necessitem ou queiram retomar a casa (Goldscheider & Goldscheider, 1999).

As atitudes e recetividade das/os mães/pais em ter as/os jovens em casa detêm um papel importante na autonomização habitacional (Breidenbach, 2018). No Sul Europeu, as mães e os pais compreendem o risco associado à saída de casa e em certo nível encorajam uma coresidência mais prolongada. Nos países nórdicos, os/as pais/mães encorajam uma saída prévia ao casamento. Nos países do sul europeu a possibilidade de coresidência é a primeira assistência providenciada às/aos jovens, em contraste com os países de norte europeu em que os pais/mães, maioritariamente, apoiam financeiramente (Minguez, 2016).

Ainda que transições sejam atualmente caracterizadas por escolhas, explorações e experimentações, os apoios providenciados pelos/as pais/mães proporcionam às/aos jovens uma segurança que ajuda a minimizar riscos e a manter um determinado padrão de vida e consumo, permitindo explorar diversos caminhos (Swartz & O'Brien, 2009). O estatuto socioeconómico dos/as pais/mães tem um efeito substancial nas oportunidades de saída de casa do/a jovem, nomeadamente no que diz respeito aos recursos, valores materiais e imateriais que os/as pais/mães podem investir e transferir. Quanto mais recursos estiverem disponíveis para as/os jovens, maior será a probabilidade de conseguirem concretizar todas as

suas preferências e ultrapassar constrangimentos na saída (Blaauboer & Mulder, 2010; Goldscheider & Goldscheider, 1999).

As/Os mães/pais reconhecem as adversidades que a juventude encara na contemporaneidade e por isso estão mais dispostos a apoiar quando concebem a causa como legítima (educação, trabalho, formação de família). A provisão de apoios contribui para a manutenção de relações de proximidade, ainda que, com a saída, as/os jovens continuem a conviver regularmente e a auxiliar os seus familiares num conjunto de matérias (Blaauboer & Mulder, 2010; Swartz & O'Brien, 2009).

A habitação própria da família de origem é um recurso para as/os jovens. Coincide muitas vezes com uma boa situação financeira do agregado, com elevada valorização social e económica que se traduz em estatuto. A acumulação de riqueza congruente com a compra de habitação, percebida como uma rede de segurança, pode ajudar as/os filhas/os a garantir a sua hipoteca (Blaauboer & Mulder, 2010; Xerez et al., 2019). O conforto material e emocional da casa de origem diminui a probabilidade de sair de casa (Blaauboer & Mulder, 2010; Goldscheider & Goldscheider, 1999; Iacovou, 2010).

Entre os diversos apoios prestados pela família distinguem-se os transferíveis materiais (formas de capital económico) e imateriais (ambiente e estrutura familiar; valores e preferências; cuidado e compreensão intrafamiliar). Compreende-se que as/os jovens tendem a sair mais cedo de casa com estruturas familiares não tradicionais (divórcio parental, viver com padrastos e/ou madrastas ou em famílias monoparentais). O ambiente familiar, fortemente influenciado pela qualidade do relacionamento parental, determina também a saída da/o jovem, reduzindo igualmente a probabilidade de este/a retomar a casa. Um bom ambiente doméstico permite às/aos jovens permanecer até estarem prontas/os para a independência (reduzidos conflitos internos, disponibilidade de espaço e privacidade). Em famílias maiores, pode haver falta de espaço ou privacidade, com a necessidade de divisão de atenção e recursos por parte dos/as pais/mães, entre as/os filhas/os, havendo menor montante disponível para cada um/a. As/Os jovens com irmãos/os tendem a sair de casa mais cedo comparativamente aqueles sem irmãos/os, e as famílias monoparentais têm frequentemente menos recursos (Blaauboer & Mulder, 2010; Goldscheider & Goldscheider, 1999; Minguez, 2016; Schwanitz et al., 2017).

O capital cultural, como o nível de educação, também um recurso imaterial transferível, revela-se importante por deter um forte impacto sobre a socialização da/o jovem<sup>9</sup>. A família demonstra-se como uma forte instituição de apoio instrumental, nos cuidados e assistência das/os netas/os, em especial em países onde existe fraco apoio estatal, providenciando oportunidade às/aos jovens de exploração e realização (Schwanitz et al., 2017).

Existem diferenças na saída para homens e mulheres, havendo logo à partida diferenças de género na alocação dos recursos parentais e na influência das características da família de origem. As mulheres, mais que os homens, evidenciam ser mais influenciadas pelos recursos parentais, como o estatuto profissional, e pela atmosfera e contexto familiar (conflitos, tensões, mudanças na estrutura familiar e tamanho da família). As mulheres tendem a valorizar relacionamentos de maior proximidade com os pais e as mães e os homens tendem a vivenciar conflitos e tensões de diferentes graus, em distintas situações. Por isso, os pais e as mães podem estar mais dispostos/as a determinar recursos para apoiar as filhas (Blaauboer & Mulder, 2010).

A socialização de género sobre crenças e papéis sociais, nomeadamente na esfera privada, serve para explicar a saída mais precoce das mulheres. Tradicionalmente socializadas em ambientes de maior controlo parental, a saída de casa poderá levar à experimentação da vida, da sexualidade, reconhecendo mais benefícios do que os homens, cujo controlo parental é menor. Para estes, a escolha de permanecer em casa mais tempo é mais racional (Torres et al., 2018; Nico, 2011). Compreende-se que a entrada mais precoce das mulheres na conjugalidade e conseqüentemente a saída de casa, possa também ser explicada pela socialização e expectativas de género sobre as mulheres. Por se sentirem mais preparadas e como forma de se autonomizarem do controlo parental e da divisão de tarefas domésticas, estas saem mais cedo. Conclui-se que, associados à saída estão poderosos significados e expectativas, nomeadamente privacidade e liberdade. A procura de liberdade poderá ser uma

---

<sup>9</sup> A família assume um papel decisivo nos processos escolares. A valorização da escola é encarada de forma distinta por diferentes grupos sociais, sendo a sua valorização maior no seio de classes sociais com educação superior (Tavares, 2022). Existe uma forte transmissão intergeracional do nível de escolaridade dos pais e mães para as/os filhas/os, sendo que os pais/mães tendem a ser mais abertos à inovação e autonomia, transferindo normas e valores específicos às/aos filhas/os. O que aumenta a probabilidade de as/os jovens saírem de casa à procura de independência ou para estudar. O nível educacional influencia também a quantidade e qualidade de recursos passíveis de serem transferidos. Assim, a transição para a vida adulta é fortemente moldada pela classe social (Blaauboer & Mulder, 2010; Goldscheider & Goldscheider, 1999).

das principais razões pela qual as mulheres saem mais cedo de casa que os homens (Nico, 2011; Torres et al., 2018).

Ainda que as/os jovens esperem que os pais/mães apoiem a transição habitacional e que seja realizada uma negociação sobre os tipos e graus de suporte que estão dispostos a providenciar (moldados pelos valores culturais, expectativas da fase de vida e momento histórico em que se encontram), estas/es sofrem sentimentos ambivalentes relativamente aos apoios que recebem quando desafiam o *status* de adulto. Por exemplo, ainda que a coresidência com os/as pais/mães providencie uma ajuda necessária e benefícios a longo prazo, detém igualmente impactos nas relações parentais, nomeadamente menores níveis de confiança, respeito, justiça e maiores níveis de conflito e falta de controlo (excetuando sítios onde viver com os/as pais/mães é uma normativa social) (Swartz & O'Brien, 2009).

#### 5. Jovens, Educação e Mercado de Trabalho

A expansão do sistema educativo português em 1986, que possibilitou a abrangência de mais estudantes de diferentes faixas etárias e grupos sociais, demonstrou-se positiva nas taxas de escolarização e qualificação das/os portuguesas/es (DGEEC, 2021; Torres et al., 2018). As qualificações escolares são mais elevadas nas faixas mais jovens (em 2022, mais de 50% dos jovens adultos, entre os 18-24 anos, estavam a estudar ou em formação profissional) (OECD, 2023). Contudo, Portugal é um dos países da UE com o mais elevado grupo de pessoas com baixos níveis escolares (37,7% em 2021 no grupo etário 20-64 anos, 17,6 pontos percentuais acima da média da UE) (DGEEC, 2021; GEP, 2022; Torres et al., 2018).

Para além da classe social ou das origens étnicas, o género detém impactos nas atitudes e comportamentos dos jovens face à escola (Torres et al., 2018). Subsistem disparidades entre ambos, sendo que as mulheres detêm um perfil de escolarização predominantemente superior aos homens, até aos 50 anos (GEP, 2022). A proeminente representação feminina no ensino superior é visível em todos os países da OCDE. Em 2022, 54% das mulheres jovens nos países da OCDE tinham um diploma superior, face a 41% dos homens (OCDE, 2023). Em Portugal, no ano 2022, dos 91.870 indivíduos que concluíram o ensino superior, 58,2% foram mulheres e 41,8% homens (PORDATA, 2023). Em relação ao ensino secundário, também as mulheres têm uma maior representação que os homens (OCDE, 2023b).

As diferenças de comportamento e confiança face à escola resultam de construções sociais, normas e estereótipos de género que persistem nas famílias, escolas e comunidades. Os pais e mães esperam que os filhos, mais do que as filhas, trabalhem numa área relacionada com ciências, tecnologia, engenharia e matemáticas. Estes preconceitos de género, por vezes inconscientes, afetam negativamente as expectativas e perspetivas das/os estudantes, as suas escolhas e conseqüentemente as competências, oportunidades e rendimentos ao longo da vida (OCDE, 2023b).

A valorização da adesão ao estudo nos processos de socialização parece influenciar as/os jovens nas recentes dinâmicas do ensino<sup>10</sup> (Torres et al., 2018). Na maioria dos países europeus, os rapazes saem mais cedo da educação ou formação que as jovens mulheres (Eurostat, 2023; OCDE, 2023b).

As mulheres escolhem predominantemente áreas de estudo que as levam a profissões de baixo rendimento (educação, artes e humanidades), auferindo menos em todos os países da OCDE (cerca de 76% do que os seus pares masculinos recebem) (OCDE, 2023b). Ainda que as profissões mais prestigiadas sejam altamente feminizadas, a maioria dos cargos de gestão são ocupados por homens (Torres et al., 2018). Em maior grau que os homens, as mulheres têm frequentemente de equilibrar as responsabilidades familiares e profissionais, por isso estão propensas a procurar trabalhos menos competitivos e mais flexíveis, levando a rendimentos mais baixos e colocando-as numa situação de maior vulnerabilidade (OCDE, 2023b; Torres et al., 2018).

O prolongamento dos estudos, a não linearidade no término e entrada no exercício de uma profissão, a não tendência para o estatuto trabalhador-estudante<sup>11</sup> influencia a capacidade da/o jovem se tornar financeiramente independente (Breidenbach, 2018; Ferreira & Nunes, 2010; Nico, 2011; Sousa, 2010). A juventude é considerada um dos grupos mais vulneráveis às condições estruturais e precárias do mercado laboral, especialmente as

---

<sup>10</sup> O maior sucesso feminino na educação poderá ser explicado pela maior facilidade de se enquadrarem e responderem a expectativas de um desempenho associado à obediência e conformidade. Os rapazes tendem a adotar um conceito de masculinidade que rejeita contextos hierarquizados, autoritários, assentes na disciplina e cumprimento de regras. Ainda que se esforcem menos, entendem a importância da escolaridade. As suas desvantagens em termos educativos parecem associadas a menores aptidões sociais e problemas de comportamento (Torres et al., 2018).

<sup>11</sup> Portugal é um dos países onde os/as jovens não tem a tendência de estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Segundo os últimos dados do Eurostat, em 2021, apenas 10,3% dos/as jovens, entre os 15-29 anos, encontravam-se empregados e a estudar, 2,9% estavam desempregados (contudo à procura de empregos e prontos para ingressar enquanto estudam) e 86,9% estavam fora do mercado laboral (nem empregados ou desempregados) (Eurostat, 2022b).

mulheres, que tendem a estar mais associadas a contratos temporários (Carmo & Matias, 2019; Ferreira & Vieira, 2018; Torres et al., 2018). Indivíduos com contratos temporários têm menor probabilidade de viver autonomamente do que aqueles com vínculos laborais permanentes (Baranowska-Rata et al., 2016).

Atualmente atingir maturidade económica e social é mais difícil para as/os jovens, em grande parte pela expansão do ensino superior. A educação tornou-se, ainda mais, uma potente fonte de estratificação social (Berlin et al., 2010), sendo um importante motor de entrada das mulheres para o mercado de trabalho<sup>12</sup> (Torres et al., 2018). As empresas estão mais relutantes a contratar jovens sem escolaridade (Berlin et al., 2010), mesmo em profissões onde qualificações formais não são obrigatórias (OECD, 2023). A forma como as empresas operam foi afetada pelos efeitos da competição interna/externa da globalização, desregulamentação e interpenetração dos mercados laborais. Sujeitos a contínuos ajustes e flexibilidades, as/os trabalhadoras/es sofrem com a precariedade das relações laborais, contratuais e salariais, que intensificaram os processos de polarização social e de classe, colocando as/os mais novas/os em clara desvantagem (Carmo & Matias, 2019; Ferreira & Vieira, 2018). A duração dos contratos reduziu de tal forma que a noção de emprego para toda a vida numa determinada empresa se perdeu quase por completo (Carmo & Matias, 2019).

O mercado de trabalho, fortemente estratificado e dominado por gerações mais velhas<sup>13</sup>, é composto por novas formas atípicas de trabalho<sup>14</sup> que levam, na maioria das vezes, a um período de interrupção entre a saída da escola e o emprego (Breidenbach, 2018; Ferreira & Nunes, 2010; Nico, 2011; Sousa, 2010; Torres et al., 2018). A probabilidade de um/a jovem auferir salário mínimo é mais elevada comparativamente com a restante população empregada (Marques et al., 2021) e quanto mais baixo for o salário médio por hora das/os jovens, mais tarde vão sair de casa. De acordo com Iacovou (2010), os rendimentos das/os jovens são

---

<sup>12</sup> Ainda que deter um curso superior reduza o risco de desemprego e aumente as oportunidades de emprego com maiores rendimentos para a maioria dos/as jovens entre os 25-34 anos, as mulheres beneficiam ainda mais que os homens, com tal feito. Contudo têm maior dificuldade do que os homens em arranjar o primeiro emprego e têm maiores probabilidades de trabalhar a tempo parcial. Em média, nos países da OCDE, as mulheres têm duas vezes mais probabilidades, que os homens, de trabalhar a tempo parcial, independentemente do seu nível de escolaridade (OCDE, 2023b; Torres et al., 2018).

<sup>13</sup> O aumento da população mais velha tem vindo a provocar um aumento na idade da reforma. Este aumento impacta diretamente a oferta de emprego para as camadas mais jovens (Ferreira & Vieira, 2018). Para além disto, a tendência do mercado de trabalho é para postos estruturalmente mais envelhecidos, assegurados a longa data, logo com pouca possibilidade de entrada de jovens nesses mesmos postos de trabalho (Breidenbach, 2018; Mauritti, 2011; Mínguez, 2016; Torres et al., 2018).

<sup>14</sup> Trabalho temporário, teletrabalho, emprego intermitente, e subdesemprego (Ferreira & Nunes, 2010; Sousa, 2010).

determinantes positivos para a saída de casa da família de origem. A possibilidade de manter um emprego e maiores níveis de escolaridade são cruciais para a saída de casa.

As alterações políticas e económicas da última década detiveram fortes impactos nos padrões e dinâmicas do mercado de trabalho português. Este apresenta uma série de características estruturais que o tornam particularmente vulnerável a conjunturas adversas. Os efeitos das mudanças legislativas, financeiras e institucionais que se fizeram sentir, a nível da oferta e da procura de emprego, aquando da entrada de Portugal na União Europeia em 1986, a crise económica pós 2008 e consequente programa de austeridade 2011-2014, afetaram os/as jovens, que sofreram com o aumento da precariedade laboral e desemprego. Portugal foi um dos países europeus mais impactados, a nível laboral, pela crise económica de 2008 e o programa de resposta (Ferreira & Vieira, 2018; Torres et al., 2018).

A instabilidade e os riscos imprevisíveis da precariedade laboral afetam a dimensão subjetiva da vida das/os jovens na definição de planos a médio/longo prazo. A precariedade económico-financeira, representa uma situação de semiautonomia que se pode perpetuar por vários anos, independentemente de viver fora da casa dos pais e/ou mães. Embora existam oportunidades de trabalho, os salários baixos não permitem realizar escolhas baseadas na capacidade de agência, investimentos e alcançar as diferentes etapas que marcam a transição para a vida adulta. A instabilidade poderá fazer-se sentir em particular na incapacidade de fazer face às despesas (Carmo & Matias, 2019).

### 5.1. Impactos da Pandemia COVID-19 na Educação e Mercado de Trabalho

A OMS declarou situação de pandemia em 2019 pela propagação da doença COVID-19 (Eurofound, 2021). Quando esta surgiu em Portugal, em março de 2020, a economia portuguesa tinha recuperado, em parte, da crise financeira e económica precedente<sup>15</sup> (Caleiras, 2022; Mamede et al., 2020). A pandemia Covid-19 impactou diversos aspetos das vidas dos indivíduos, fazendo emergir desigualdades sociais que estavam ocultas, agravando desigualdades existentes na área social, da saúde, educação, trabalho e economia. Os impactos foram diversos, alguns invisíveis, contudo maiores para as mulheres, jovens, migrantes e

---

<sup>15</sup> Os valores demonstravam-se positivos pelo aumento do PIB real, do emprego total e dos salários. A taxa de desemprego estava no nível mais baixo desde 2002 (6,5%) (Caleiras, 2022; Mamede et al., 2020).

trabalhadoras/es de baixas qualificações e rendimentos (OIT, 2021; Caleiras, 2022; Aboim, 2020).

Como resposta de contenção à propagação da pandemia, diversas atividades foram interrompidas, nomeadamente escolas e lojas não essenciais<sup>16</sup> (Eurofound, 2021). As medidas de confinamento tiveram igualmente impactos profundos no mercado de trabalho e condições laborais, fazendo com que muitos indivíduos perdessem ou ficassem em risco de perder os seus rendimentos (Caleiras, 2022; Carvalho et al., 2021)<sup>17</sup>.

Os grupos mais afetados já se encontravam entre os mais desfavorecidos antes da pandemia, nomeadamente trabalhadoras/es com contratos temporários e as/os trabalhadoras/es jovens, que já enfrentavam taxas de desemprego e subemprego elevadas. O emprego jovem é especialmente sensível a ciclos económicos e às condições estruturais decorrentes dos mesmos (Ferreira & Vieira, 2018; Mamede et al., 2020; Marques et al., 2021). Durante a pandemia, as/os jovens sofreram com a perda e/ou com a procura ineficaz de trabalho, com reduções nas ofertas de emprego, cancelamento de estágios, redução no número de horas de trabalho e rendimento fazendo com que muitas/os jovens tivessem de retomar à casa da família de origem (Suleman, 2022).

Estima-se que, na UE, a maioria das horas perdidas, em 2020, terão sido nos países do sul europeu e para as mulheres (Caleiras, 2022). Mesmo sem crianças, os empregos das mulheres foram mais vulneráveis à crise do que dos homens (Aboim, 2020). O aumento da necessidade de cuidados não remunerados durante a pandemia prejudicou as mulheres desproporcionalmente (estas tiveram maiores dificuldades a ajustar-se ao teletrabalho e à vida familiar/doméstica) (Aboim, 2020; Carvalho et al., 2021). Também o mecanismo do *Layoff* simplificado, que permitiu às empresas a suspensão temporária dos contratos de trabalho, poderá explicar a diminuição no número de horas trabalhadas e a redução no salário das/os trabalhadoras/es. A queda do rendimento disponível trouxe implicações nos orçamentos

---

<sup>16</sup> O encerramento das escolas acarretou alterações e/ou interrupções nos percursos escolares. Verificou-se uma transferência para o ensino à distância, em que nem todas/os as/os alunas/os conseguiram aceder, ficando sem acesso ao ensino, especialmente as/os jovens com baixos rendimentos (Mamede et al., 2020; OIT, 2021; Peralta et al., 2022). Em termos de conteúdo, as/os alunas/os sentiram uma diminuição na qualidade da educação, especialmente em matérias mais práticas, no desenvolvimento de competências e aprendizagens informais (Tavares, 2022). Em termos de produtividade, o aumento das responsabilidades familiares e sobrecarga de trabalho que o confinamento originou, teve impactos sobre a produtividade profissional das mulheres. Esta diminuiu para as mulheres e aumentou para os homens (Aboim, 2020).

<sup>17</sup> Ademais, aumentou substancialmente o número de despedimentos coletivos e subutilização do trabalho. Estes valores poderão ter sido atenuados pelas políticas públicas de apoio ao emprego (Carvalho et al., 2021; OIT, 2021).

familiares, levando ao incumprimento no pagamento de rendas/hipotecas e de empréstimos ao consumo (Carvalho et al., 2021; Mamede, et al., 2020)<sup>18</sup>.

## 6. Jovens e Mercado Habitacional

O direito à habitação é um direito social, consagrado na Constituição, desde 1976. Em Portugal, o mercado habitacional esboça-se como um constrangimento para a autonomização das/os jovens adultas/os. A questão da habitação tornou-se, na última década, um tema geral nos debates académicos, que caracterizam a habitação como um problema social. Os processos de privatização, liberalização e financeirização, a partir da década de 80, tiveram impactos significativos sobre os indivíduos, especialmente a juventude e o setor habitacional. As transformações advindas da redução da provisão pública no *stock* habitacional, da privatização (através da venda a singulares e/ou fundos imobiliários) dos *stocks* de habitação social (não permitindo a evolução de um mercado de arrendamento social mais alargado)<sup>19</sup> e da liberalização sucessiva dos regimes de regulamentação do arrendamento (redução/eliminação do controlo sobre as rendas), resultaram na redução do papel do Estado na provisão habitacional, permitindo o crescimento da iniciativa privada (Drago, 2021; Xerez et al., 2019).

O conjunto de políticas de incentivo direcionadas, desde a década de 1970, para o impulso da aquisição de habitação própria com recurso ao crédito tornou o acesso à habitação mais atrativa para a população portuguesa (regime de crédito bonificado; contas poupança-habitação; isenção de impostos nas poupanças; liberalização e desregulamentação do setor bancário; redução das taxas de juro após entrada na União Europeia). Para as/os jovens adultas/os, estas facilidades foram ainda maiores, até à crise de 2008, em que o acesso a créditos tornou-se menos viável (Drago, 2020; Rodrigues et al., 2022; Xerez et al., 2019).

As alterações macroeconómicas, advindas da entrada de Portugal na UE, resultaram no incentivo para a aquisição de habitação própria com recurso a créditos e consequentemente

---

<sup>18</sup> Entre o 1.º trimestre de 2019-2021, as/os jovens (15-24 anos) trabalharam menos 6,5% do que a média de horas nacional (Carvalho et al., 2021; OIT, 2021). Sendo o teletrabalho apenas possível em algumas profissões, as/os trabalhadores que conseguiram desenvolver a sua atividade remotamente ajustaram-se às condições da crise. As/Os que não tiveram essa possibilidade, viram-se forçados a cessar funções, perdendo o seu trabalho, muitas/os de forma imediata sem acesso a proteção social (Caleiras, 2022; Mamede, et al., 2020).

<sup>19</sup> Contrariamente à maioria dos países europeus, Portugal não teve a capacidade orçamental de desenvolver políticas de promoção de habitação aptas para apoiar os indivíduos no acesso à habitação. Até 2011, a intervenção pública na área habitacional era de 16%, e entre 2011-2018 a intervenção foi de apenas 1,6% e o *stock* de habitação social acomoda um dos valores mais baixos na Europa (cerca de 2%) (Drago, 2021; Rodrigues et al., 2022; Xerez et al., 2019).

no endividamento das famílias (Drago, 2021; Xerez et al., 2019). Os riscos sociais e económicos dos sistemas financeiros centrados na rentabilização de rendimentos individuais laborais e de poupanças foram evidenciados na crise de 2008. A nova crise habitacional resulta da relação disfuncional entre a habitação e a financeirização, que atualmente vitimiza grupos sociais (classes médias urbanas e jovens), outrora protegidos. Atualmente, os modelos de rentabilização indicam transformações assentes nos processos de gentrificação e turistificação das metrópoles e na promoção de investimentos privados para arrendamento (não nos rendimentos do trabalho e acesso à habitação através do endividamento) (Drago, 2021).

Em 2012, foram efetivadas formas de procura externa que alimentaram os processos de gentrificação e turistificação nas áreas metropolitanas, nomeadamente pela dinamização de instrumentos de investimento (autorizações de residência para investimento [“Vistos *Gold*”] e pela dinamização do estatuto do residente não-habitual). Em geral, os indicadores na habitação agravaram em relação ao custo, resultando na expulsão direta/indireta de população residente e comerciantes locais em zonas turísticas. O investimento no mercado habitacional externo resultou num aumento generalizado dos preços da habitação, com valores acima do que a maioria dos agregados residentes conseguem pagar, em especial as classes médias e a juventude (Drago, 2020b; Pavel, 2020).

A conjuntura levou as/os proprietárias/os a aproveitar o *boom* turístico para a venda, afetação ou conversão das suas habitações em alojamentos locais. Em 2013, existiam 12 mil alojamentos registados para alojamento de curta duração, em 2019 o valor era de 94 mil, sendo que 20% eram na área de Lisboa. A simplificação do processo de registo *online* foi acompanhada por um aumento no fluxo de turistas. Os centros históricos foram as zonas mais afetadas pelo crescimento dos alojamentos de curta duração assim como do aumento do preço dos imóveis. O resultado explica-se pelo decréscimo acentuado do número de alojamentos para arrendamento (Drago, 2020; Rodrigues et al., 2022, 2023; Xerez et al., 2019).

Também as políticas públicas direcionadas para o desfavorecimento do mercado de arrendamento (congelamento das rendas; renovação automática de contratos, morosidade da justiça) tornaram o mercado pouco atrativo para as/os senhorias/os até 2000 (Drago, 2020b; Rodrigues et al., 2022; Xerez et al., 2019). A austeridade 2011-2014 penalizou as/os arrendatárias/os e protegeu as/os ocupantes proprietárias/os. Depois de um período de subida

significativa das taxas de juro entre 2005-2008, a década de 2010-2020 foi marcada por taxas de juro distintamente baixas (em 2008 de 7,4%; em 2019 de 4,1%). Comparativamente, a sobrecarga dos custos habitacionais das/os arrendatárias/os agravou-se, duplicando entre 2008-2014. Em período de recuperação, a mesma não retomou a níveis anteriores (Drago, 2021).

As camadas mais jovens e desfavorecidas economicamente são as que mais sentem os efeitos adversos da desigualdade de acesso ao mercado de habitação, levando a uma maior segmentação das/os jovens (as/os que têm a possibilidade de cumprir as exigências e as/os que não o fazem por falta de oportunidades e recursos) (Breidenbach, 2018; Nico, 2011). O progressivo aumento do preço das habitações e das rendas na Europa fazem com que o processo de autonomização seja adiado. Os preços das habitações na UE aumentaram 37% e o valor das rendas aumentou 16% entre 2010-2021. Em Portugal verificou-se um aumento de 57% nos preços da habitação e um aumento de 24% no valor das rendas entre 2010-2021 (Eurostat, 2022).

A incapacidade de resposta do mercado e das políticas públicas condicionam as/os jovens, assim como o reduzido número de alojamentos direcionados para arrendamento. Numa fase da vida caracterizada por mudanças constantes, as/os jovens procuram casas disponíveis e prontas a serem ocupadas rapidamente; e flexibilidade e liberdade para as mudanças que possam surgir a nível escolar, profissional e/ou pessoal. Não existindo respostas e sim constrangimentos, as/os jovens podem ver-se obrigados a desistir de oportunidades ou a encontrar alternativas habitacionais como dividir casa com colegas, estar mais propensas/os a aceitar propostas de emprego caso incluam habitação e candidatar-se a apoios do estado para habitação (Iacovou, 2010; Nico, 2011).

Não é apenas a idade que esboça a nova crise habitacional, mas principalmente a combinação entre escalão etário e rendimento<sup>20</sup>. Nos consumos, a habitação e todos os custos associados à mesma destaca-se como a despesa de consumo final que mais pesa no orçamento

---

<sup>20</sup> Atualmente o rendimento necessário para adquirir uma habitação aumentou na AML. Talvez por isso se observe uma diminuição nos pedidos de crédito por parte das/os mais jovens. O mesmo se observa no rendimento necessário para arrendar para uma família com duas/ois jovens trabalhadoras/es. Porém, é para os agregados unipessoais jovens que a situação é significativamente pior em termos de compra e arrendamento, sendo quase impossível para grande parte da população nas AM. Atualmente, um/a jovem (ou casal), para adquirir ou arrendar casa, tem de estar bem posicionado/a a nível profissional, conseguir reunir poupanças de forma acelerada ou ter a possibilidade de financiamento particular (família) (Banco de Portugal, 2023;Drago, 2021; Rodrigues et al., 2023).

da população portuguesa, sendo o custo da habitação o maior desafio que enfrenta, principalmente em famílias com rendimentos mais baixos, evidenciando-se uma evolução dissonante entre os preços habitacionais e a evolução dos salários médios (Azevedo, 2020; Drago, 2021; Rodrigues & et al., 2023). As/Os jovens sofrem uma dificuldade acrescida no processo de saída de casa da família de origem quer pela sobrecarga com as despesas relacionadas com a habitação, quer pelo difícil conjugar das mesmas com a supressão das diferentes necessidades básicas (Xerez et al., 2019).

Em 2015, é introduzida a necessidade de promover habitação acessível, que corporiza uma alteração significativa na orientação das políticas públicas, destinada aos grupos de rendimentos intermédios. Em 2017, é criada a Secretaria de Estado da Habitação e surge a publicação da Nova Geração de Políticas de Habitação, em Conselho de Ministros<sup>21</sup>. Em 2018, as orientações são traduzidas na aprovação da Nova Estratégia da Política de Habitação (Resolução do Conselho de Ministros n.º 50-A/2018, de 2 de maio)<sup>22</sup>. A lei de bases da habitação surge a 3 de setembro de 2019, definindo as bases do Direito e as tarefas do Estado nessas matérias. Com especial cuidado sobre as/os jovens, integra medidas de proteção especial com vista à autonomização e independência, assim como a atribuição de subsídios direcionados às/aos que não conseguem aceder ao mercado habitacional, nomeadamente subsídios ao arrendamento jovem (Drago, 2021).

#### 6.1. Impactos da Pandemia COVID-19 no Mercado Habitacional

Durante a crise pandémica verificaram-se as fragilidades do sistema de crescimento económico centrado no turismo e no mercado imobiliário de curta duração. O processo de exclusão social e habitacional em que muitos indivíduos já se encontravam é reforçado e o acesso a uma habitação adequada é dificultada a muitos grupos sociais, como é o caso das mulheres (Drago, 2021; 2020b; Lages, 2022; Pavel, 2020). O encerramento das fronteiras impossibilitou a entrada de turistas, o que consequentemente teve impacto no mercado habitacional e na indústria do turismo. A pandemia COVID-19 causou uma contração do PIB de quase 8% em 2020 (Rodrigues et al., 2022).

---

<sup>21</sup> Esta surge com o compromisso de definir uma Política Pública de Habitação Única, com o objetivo de reforçar o parque público e direcionar a procura habitacional da juventude e classes médias para o arrendamento acessível (Drago, 2021).

<sup>22</sup> Foram efetivados instrumentos, nomeadamente programas, como 1.º Direito (Programa de Apoio ao Acesso à Habitação); Porta de Entrada (Programa de Apoio ao Alojamento Urgente); Porta 65 - Jovem (apoio financeiro ao arrendamento jovem), entre outros.

As medidas de redução de danos impostas no confinamento de proibição de despejos, prolongamento dos contratos de arrendamento, apoios às rendas e moratórias nos pagamentos de crédito tiveram impactos significativos na proteção do rendimento das famílias e na manutenção da sua habitação que terão contribuído para o aumento dos novos empréstimos para aquisição de habitação. Contudo, a inflação e o aumento das taxas de juro em 2022 alteraram as decisões do consumo e levaram a uma redução nos créditos à habitação. Foram igualmente colocadas em prática medidas de apoios a pessoas em situação de sem-abrigo, cessação de pagamentos das rendas na habitação pública, suspensão de pagamentos de serviços como água, eletricidade, gás, comunicações para famílias mais vulneráveis (Antunes & Seixas, 2022; Drago, 2021; Rodrigues et al., 2023).

O Programa de Estabilização Económica e Social (PEES), planeado para insurgir-se contra os impactos da pandemia, com propostas especificamente direcionadas ao sector da habitação, levou mais tempo do que era expectável, revelando baixa taxa de execução e desarticulação, não incluindo uma abordagem de género. As principais medidas passariam pela reconversão do AL em habitação acessível, proteção do arrendamento habitacional, criação da Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e *Housing First*, reabilitação do parque habitacional do IHRU e criação de um parque público acessível (Lages, 2022).

De modo geral, a relativa estabilidade no mercado habitacional e a tendência de condicionamento no acesso à habitação manteve-se. Ainda que os preços das habitações tenham abrandado, não diminuíram, retomando o número de transações no fim do terceiro trimestre de 2020. Os indivíduos que não sofreram afetação de rendimentos durante o confinamento conseguiram concretizar estratégias habitacionais após a ligeira desaceleração dos preços, ao contrário dos que tiveram o seu trabalho/rendimento afetado pela crise pandémica e não conseguiram fazer face às exigências do mercado (Antunes & Seixas, 2022; Drago, 2021).

## CAPÍTULO II- ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

### 1. Natureza, Fundamentação e Objetivos da Investigação

A recolha primária de informação, relativamente às transições para a vida adulta permitiu reconhecer os diferentes contributos disponíveis sobre a temática. Ainda que seja um tema de gradual importância na área da pesquisa sociológica (Ramos, 2018), o mundo e a vida social são cada vez mais complexos, transitórios e diversos (Carmo & Ferreira, 2008). Neste sentido, o desenvolvimento deste estudo exploratório é fundamentado pelo crescente agravamento das desigualdades sociais sentidas na pandemia COVID-19 pelas/os jovens, em inúmeras áreas, nomeadamente habitacional (Caleiras, 2022; Drago, 2021; 2020b; Mamede et al., 2020; Suleman, 2022).

Os dados indicam que a pandemia COVID-19 impactou a saída de casa das/os jovens adultas/os portuguesas/es. Ainda que os dados mais recentes, referentes a 2022, tornem evidente a diminuição na idade da saída de casa, os dados do Eurostat 2019-2021 refletem um aumento progressivo na idade média de saída. Visualiza-se, igualmente, diferenças de género nos diferentes anos mencionados anteriormente (Eurostat 2023; 2022; 2021; 2020). Estando a investigação introduzida no Mestrado em Família e Género, o estudo desenvolve-se com uma perspetiva de género.

Entende-se género como algo atribuído desde o nascimento, construído gradualmente e negociado ao longo da vida nos diversos contextos e interações sociais dos indivíduos (Coelho et al., 2021). A forte influência do género na saída de casa da família de origem, enquanto fator modelador de escolha na trajetória individual do curso de vida (Moreno, 2012; Nico, 2012; Minguez et al., 2012; Blaauboer & Mulder, 2010), direcionou a presente investigação para a compreensão das diferentes perspetivas, expectativas e experiências das/os jovens, tendo em conta o género, na identificação de diferenças e/ou semelhanças nos dados recolhidos e analisados.

A socialização de género molda crenças, papéis sociais, expectativas e estereótipos, nomeadamente na esfera privada. Estas impactam, igualmente, as escolhas dos homens e mulheres. Os diferentes comportamentos parentais com os/as filhos/as moldam as escolhas que os/as mesmos/as efetuam relativamente à saída de casa. Se, por um lado, os homens

beneficiam de menor controlo parental, as mulheres tendencialmente, procuram autonomizar-se mais cedo à procura de liberdade, autonomia e privacidade (Nico, 2011; Torres et al., 2018). As diferentes características da família de origem e as suas decisões no que concerne à disponibilidade de alocação de recursos, em função do género, parecem ser fatores que influenciam as saídas de casa de homens e mulheres (Blaauboer & Mulder, 2010).

Fundamenta-se, na presente investigação, a importância da lente de género introduzida na compreensão do papel da família na autonomização habitacional. O impacto do género não só se faz sentir nas instituições privadas como na confluência das mesmas com diferentes outras esferas, de forma simbiótica e/ ou individual. Nas escolas, as expectativas de género individuais e dos pais sobre os filhos/as afetam as expectativas, perspetivas e escolhas dos/as jovens e consequentemente as competências, oportunidades e rendimentos ao longo da vida (OCDE, 2023b), concludentemente importantes para a autonomização financeira e habitacional.

Neste sentido, o presente estudo aborda o tema da transição para a vida adulta das/os jovens portuguesas/es. Tem como objetivo geral compreender o processo de autonomização habitacional das/os jovens adultas/os portuguesas/es em tempos de pandemia COVID-19. Mais especificamente procura: (a) conhecer os padrões de mudança e experiências sobre a saída de casa da família de origem em tempos de pandemia COVID-19; (b) compreender os constrangimentos e motivações das/os jovens adultas/os na saída de casa durante pandemia COVID-19; (c) compreender como a pandemia COVID-19 afetou o mercado de habitação e como este afetou a autonomização habitacional das/os jovens; e (d) compreender o papel da família de origem no processo de autonomização habitacional.

A questão de partida que orientou a presente investigação foi: como se procede a autonomização habitacional das/os jovens adultas/os portuguesas/es na saída de casa da família de origem em tempos de pandemia COVID-19?

## 2. Métodos, Técnicas e Instrumentos de Recolha

Em Ciências Sociais, a escolha dos procedimentos referentes à recolha de dados é feita tendo em consideração “o grau de diretividade” das perguntas e a presença/ausência do investigador na altura da recolha (Carmo & Ferreira, 2008). Tendo em consideração a questão

de partida, objetivos e as duas dimensões anteriormente descritas, optou-se pela utilização da metodologia qualitativa, com o recurso a entrevistas semiestruturadas (Ver Apêndice A)<sup>23</sup>.

A utilização da técnica de entrevista semiestruturada permitiu flexibilidade de forma a não comprometer o discurso das/os entrevistadas/os por uma estrutura rígida. Pedindo às/aos entrevistadas/os que reflitam sobre eventos específicos e processos que os antecederam, é possível compreender como as ações e atividades singulares e/ou coletivas se desenvolvem ao longo do tempo. A ponderada estrutura semiaberta permite não condicionar excessivamente os/as entrevistados/as e incorporar informações eventualmente importantes para o tema. Dada a multiplicidade de percursos individuais dentro do tema analisado, é importante que a estrutura guie a entrevista em torno dos objetivos investigativos a fim de obter respostas, contudo, que permita explorar os diversos percursos apresentados pelos entrevistados/as (Bryman, 2012; Carmo & Ferreira, 2008).

A presente investigação é de natureza exploratória, uma vez que propõe elucidar as experiências, percepções e significados atribuídos à realidade social vivida pelas/os entrevistadas/os (Carmo & Ferreira, 2008; Guerra, 2006). A compreensão contextual alargada permite conhecer melhor o indivíduo no mundo social onde opera e conseqüentemente compreender melhor ações e reações (Bryman, 2012).

A entrevista esboça-se como um momento essencial e singular na recolha de informação, onde a interação direta é fundamental. Se inicialmente os dois/duas interlocutores/oras, cada um dotado/a de características e variáveis distintas, pouco sabem um/a sobre o outro/a, o objetivo da entrevista é reduzir essa lacuna aplicando a regra da reciprocidade, um princípio fundamental das relações humanas. Para isso, o/a entrevistador/a deve apresentar-se, explicar o problema e os objetivos da pesquisa, esclarecendo o papel do/a entrevistado/a para o desenvolvimento do conhecimento sobre o tema abordado (Carmo & Ferreira, 2008).

---

<sup>23</sup> Segundo Carmo & Ferreira (2008), o termo “inquérito”, é indicado para abranger todos os atos e diligências destinados a averiguar algo. Nas Ciências Sociais, a expressão remete para a designação de processos de recolha estruturada de dados passíveis de serem comparados. Alguns autores, de forma redutora, utilizam o termo para englobar unicamente dados cuja posterior análise é quantitativa. A possibilidade de recolha sistemática com o fim de responder a um problema definido é o que define um inquérito, não a possibilidade de quantificar a informação adquirida.

A troca inicial de informações permite ao/à entrevistado/a entender a sua importância como fornecedor/a de informação, promovendo a colaboração voluntária ao invés de uma interação coerciva. O objetivo é criar um ambiente informativo, de partilha voluntária. A interação direta na entrevista requer a gestão simultânea de três problemas: a influência do entrevistador sobre o/a entrevistado/a, as diferenças sociais e culturais, de género e idade entre ambos/as e a sobreposição de canais de comunicação (Carmo & Ferreira, 2008).

Embora seja desejável conceber uma situação simétrica no diálogo entre entrevistador/a e entrevistado/a, geralmente há uma assimetria objetiva entre ambos. O/A entrevistador/a detém um estatuto diferente, o que pode limitar a comunicação, inibindo o/a entrevistado/a de colaborar livremente, por desconfiança, podendo remeter a respostas de acordo com o que acha que o/a entrevistador/ar deseja. Esse risco aumenta se o/a entrevistador/a não conseguir criar um ambiente de confiança e empatia, e se não colocar bem as perguntas, induzindo respostas ou excluindo possibilidades com perguntas enfáticas (Carmo & Ferreira, 2008).

Também as diferenças culturais entre o/a entrevistador/a e entrevistado/a podem criar obstáculos à comunicação e conseqüentemente à investigação. Nomeadamente, questões de invasão de privacidade; e questões fora do campo de conhecimentos e compreensão do/a entrevistado/a que o/a remetem para especulações e respostas artificiais, baseadas em pré-conceitos, devido à incompreensão ou interpretação incorreta das perguntas (Carmo & Ferreira, 2008).

A sobreposição de canais de comunicação é crucial. Uma pergunta não é apenas verbal: a entoação, postura, expressões faciais e lapsos inconscientes do/a entrevistador/a também influenciam a entrevista e revelam determinadas expectativas do/a entrevistador/a. Por isso, o/a investigador/a deve considerar a forma não verbal de enquadrar as perguntas, o seu conteúdo, a estratégia formal adotada e a estruturação do guião, reconhecendo a sua parcialidade no momento da entrevista (Carmo & Ferreira, 2008).

Com o objetivo de combater alguns dos problemas anteriormente descritos, realizou-se uma entrevista exploratória prévia ao início da recolha de informação, posteriormente incluída no grupo de entrevistas analisadas. Com esta entrevista, realizada *a priori*, foi possível reformular algumas das questões, alterar a ordem de algumas questões, melhorar o discurso

de apresentação da entrevistadora, dos objetivos da pesquisa e do plano investigativo, ajustando a estratégia.

A escolha da estratégia qualitativa demonstra-se necessária nesta pesquisa, ao contrário dos métodos quantitativos, pela procura de relatos descritivos, aprofundados e detalhados que permitam conhecer e refletir sobre os significados e experiências de cada indivíduo sobre os temas apresentados, de acordo com o guião de entrevista elaborado. O guião, que tem por base as temáticas discutidas e refletidas na literatura, fornece as linhas orientadoras para o desenvolvimento das entrevistas. Contudo, o aprofundamento de outras questões ou temáticas não se limita por este (Bryman, 2012).

As subquestões desta investigação, importantes no desenvolvimento do guião de entrevista e o decorrer dos procedimentos de investigação, são: (1) Como é que o rendimento mensal médio do agregado afeta o processo de autonomização na dimensão da habitação das/os jovens adultas/os portuguesas/es?; (2) Será que as/os jovens adultas/os recorrem mais a alternativas habitacionais, nomeadamente a partilha de quarto/casa para se autonomizarem na dimensão da habitação?; (3) Estarão as/os jovens a autonomizar-se na dimensão da habitação motivadas/os pelo desejo de independência e liberdade, pela entrada na conjugalidade ou por motivos escolares/laborais?; (4) Como é que a pandemia COVID-19 veio afetar em termos de género a autonomização das/os jovens na dimensão da habitação?; (5) Os apoios dados pela família de origem esboçam-se como uma forma de incentivo à continuidade da autonomia habitacional ou o contrário?

As entrevistas destinam-se a jovens portuguesas/es de ambos os sexos, entre os 20 e os 35 anos, que saíram de casa da família de origem, e/ou que já o tinham feito, pelo menos uma vez, e voltado para casa. Mais uma vez, um dos alicerces desta investigação é a procura da diversidade dos percursos de autonomização habitacional de jovens, algo que guiou os critérios de inclusão/ exclusão. Numa fase inicial, como estipulado no projeto, procurou-se incluir apenas jovens que se tivessem autonomizado para uma das áreas pertencentes à área metropolitana de Lisboa. Contudo compreende-se que é mais benéfico para a investigação abranger todas/os as/os jovens, com as idades anteriormente compreendidas, independentemente do local de habitação de origem e local de autonomização. Ainda que, no projeto, tenha sido proposto atingir o ponto de saturação sobre a informação dada, não é

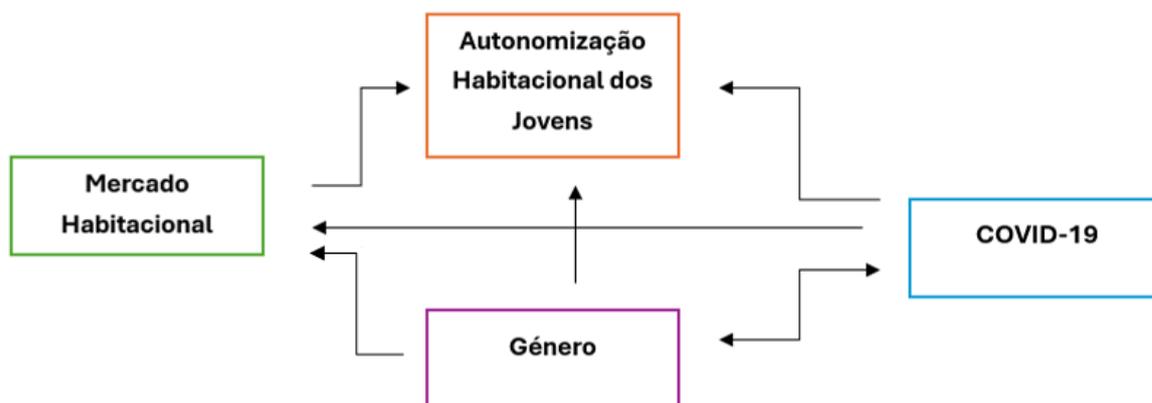
possível cumprir, dado o reduzido tempo de recolha de dados e a diversidade das realidades habitacionais vivenciadas pelas/os jovens. A cada participante é pedida a referenciação de outras/os entrevistadas/os.

O guião da entrevista é composto por um grupo inicial de questões destinado à recolha dos dados sociodemográficos de todas as pessoas entrevistadas. Seguidamente, o grupo “Experiências Sobre O Sair De Casa” procura explorar os diversos percursos habitacionais das/os jovens questionando sobre realidade habitacional desde a saída de casa da família de origem até ao atual momento da entrevista, solicitando, que, de forma detalhada, o/a entrevistado/a fale da sua experiência com descrições, caracterizações, significados, expectativas, motivos, constrangimentos e benefícios. O grupo seguinte, nomeado “Família, Estado, Apoios e Gestão”, integra questões direcionadas para a reação, convivência, apoio/os e papel da família e do Estado no processo de autonomização habitacional. Por fim, o grupo “Pandemia COVID-19”, inclui questões focadas para as vivências da pandemia e efeitos sentidos e percebidos pelas/os jovens nas distintas áreas da vida (saída de casa, laboral, escolar, social, habitacional).

O guião conta com um conjunto de questões direcionadas apenas às/aos jovens que saíram de casa e regressaram. A escolha de introduzir questões exclusivas a este grupo de pessoas fundamenta-se no interesse em identificar os pontos divergentes e convergentes das situações de autonomização, a fim de retratar a diversidade de realidades vivenciadas pela juventude portuguesa.

### 3. Modelo de Análise, Tratamento e Análise de Dados

A partir da revisão da literatura é possível identificar as temáticas mais estudadas no âmbito da transição para a vida adulta, permitindo criar um modelo de análise, articulado com a questão de partida e os objetivos da pesquisa. Identifica-se como principais conceitos/fenómenos sociais “**Autonomização Habitacional dos Jovens**”; “**Género**”; “**COVID-19**”; e “**Mercado Habitacional**”. Estes são os quatro principais eixos orientadores da investigação, que auxiliam na delimitação do objeto de estudo e definição do grupo de pessoas a entrevistar.



**Figura 1- Modelo de Análise (Criação Própria)**

Conforme ilustrado no modelo de análise, procura-se compreender como a COVID-19 afetou a autonomização habitacional das/os jovens e por sua vez compreender, igualmente, como o mercado habitacional foi afetado pela COVID-19. Foi utilizada uma lente de género a fim de compreender as diferenças no processo de autonomização habitacional, tendo em conta eventuais mudanças advindas da COVID-19 e potenciais mudanças advindas da COVID-19 nas vivências de género. Importa conhecer as vivências das/os jovens no mercado habitacional, tendo em conta uma perspetiva de género, no processo de autonomização habitacional.

Relativamente à análise das informações recolhidas, esta foi efetuada primeiramente através da transcrição das entrevistas, realização de sínteses e reflexão crítica das mesmas com posterior análise através do *software* MaxQDA. A utilização deste *software* permite, nas análises qualitativas, a visualização das diversas entrevistas realizadas, de forma agregada. Permite, igualmente, facilitação na identificação e organização dos temas e subtemas relevantes, através da codificação. Partindo dos elementos obtidos na primeira fase, procede-se ao desenvolvimento dos códigos iniciais. Os códigos (categorias analíticas atribuídas a excertos das entrevistas) remetem para uma categorização intuitiva e o reconhecimento de elementos comuns entre os discursos (Kuckartz & Radiker 2019).

Procurando realizar uma análise, cujo sistema de códigos permitisse uma visão geral ampla e uma capacidade de cruzamento entre eles, elabora-se um sistema hierárquico de códigos, considerado mais flexível e apropriado para este efeito. Este consiste na criação de códigos de nível superior e níveis de subcategorias (Kuckartz & Radiker 2019). No caso, foram

elaborados 5 códigos de nível superior (1. Dados Sociodemográficos 2. A Saída de Casa da Família de Origem; 3. O Papel da Família de Origem na Saída de Casa; 4. O Regresso a Casa da Família de Origem; 5. A Pandemia e a Saída de Casa.), cada um destes com subcódigos, que em alguns casos, geraram subcódigos por si<sup>24</sup>.

Os códigos iniciais foram elaborados através da simbiose da observação dos objetivos gerais e específicos definidos e o guião de entrevista utilizado na recolha de informação. Desta fusão, resultaram os códigos primários, posteriormente agrupados seguindo a ordem lógica do desenvolvimento da entrevista (uma visão macro-micro) e a estrutura dos temas, utilizado na recolha de informação. Esta escolha foi efetuada pensando na facilitação da posterior análise dos diferentes excertos (Kuckartz & Radiker 2019).

Através dos dados codificados, agrupados por semelhanças/padrões, foi possível identificar temas/categorias e subcategorias. A fase final da análise temática remete para a apresentação e discussão dos resultados (Capítulo III), organizada em cinco secções, obtidas através da análise interpretativa do discurso, em conformidade com as linhas teóricas que orientam o estudo.

#### 4. Considerações Éticas

A presente investigação é norteada pelos princípios éticos no que concerne à pesquisa com indivíduos, a fim de proteger os direitos dos mesmos e as suas liberdades, autodeterminação, intimidade, anonimato e a confidencialidade. Para tal, foram esclarecidos os direitos no início das entrevistas especificando que a/o entrevistada/o tem o direito a decidir livremente sobre a sua participação, que o faz de forma voluntária, podendo desistir a qualquer momento e que a sua intimidade é respeitada assim como a sua identidade.

Anteriormente ao início das entrevistas foi apresentado o consentimento informado e pedida uma autorização prévia para a gravação do áudio das entrevistas. Nas entrevistas realizadas presencialmente, as/os participantes assinaram a declaração do consentimento informado, enquanto nas entrevistas *online* (igualmente com gravação de áudio), o

---

<sup>24</sup> Este sistema permite uma visão geral que admite trabalhar as informações de forma complexa, permitindo a análise de diferentes subcódigos em simultâneo. Sendo que um dos interesses da autora é a identificação de pontos divergentes e convergentes das situações de autonomização, é importante poder realizar uma análise que permita estudar questões simultâneas, nos diferentes grupos analisados (Kuckartz & Radiker 2019).

consentimento foi verbal e enviado por *email* aos participantes, a quem foi pedido que respondesse com a confirmação/negação do consentimento. Com o fim de garantir o anonimato dos/as jovens entrevistados/as, os seus nomes verdadeiros foram alterados para nomes fictícios. Não obstante, para um consentimento completamente livre, as principais informações relacionadas com os procedimentos da investigação e os direitos foram comunicadas previamente à realização da entrevista. A investigação segue, igualmente, os princípios e normas orientadoras previstas na Carta Ética do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

## CAPITULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

### 1. Caracterização do Grupo de Entrevistados

No total realizaram-se 17 entrevistas (7 homens e 10 mulheres), no período de 3 meses, (5 presenciais a mulheres JQSC; 4 presenciais a homens JQSC<sup>25</sup>; 5 a mulheres JQSCR [4 *online* e 1 presencial] e 3 a homens JQSCR [2 *online* e 1 presencial])<sup>26</sup>. Por conta da maior adesão por parte das mulheres, do que dos homens ao estudo, aliada aos constrangimentos temporais no desenvolvimento e escrita da presente dissertação, não foi possível a recolha das 20 entrevistas previstas <sup>27</sup>.

O grupo de pessoas entrevistadas tinha uma média de idades de 28,6 anos sendo a idade mínima 23 anos (mulher) e a máxima 35 anos (homem). A idade média dos homens no geral é de 30,3 anos e das mulheres é 27,4 anos. Por sexo, a idade mínima é de 23 anos para as mulheres e 24 anos para os homens. A idade máxima é de 33 anos para as mulheres e 35 anos para os homens. A idade média das mulheres JQSC é de 28,4 anos e das mulheres JQSCR de 26,4 anos. A idade média dos homens JQSC é de 31 anos e dos homens JQSCR é 29,3 anos.

Relativamente à naturalidade dos/as entrevistados/as, estas são diversas. Quatro pessoas da Ilha da Madeira (2 mulheres JQSC e 2 mulheres JQSCR); duas de Viseu (1 homem JQSC e 1 mulher JQSCR); cinco de Lisboa (1 mulher JQSCR; 2 mulheres JQSC; 2 homens JQSC); duas de Leiria (2 homens JQSCR); uma de Portalegre (1 mulher JQSCR); uma de Castelo Branco (1 mulher JQSCR); uma de Aveiro (1 homem JQSCR); e uma do Algarve (1 homem JQSC).

Relativamente à escolaridade, o grupo de pessoas entrevistadas apresenta um nível de escolaridade elevado, equilibrado em termos de género. A grande maioria das/os entrevistadas/os tem formação superior. Seis ao nível do mestrado; quatro com licenciatura e a terminar mestrado; uma pessoa com licenciatura e pós-graduação; três com licenciatura; e uma a terminar a licenciatura. Apenas duas pessoas tem o 12º ano.

---

<sup>25</sup> JQSC- Jovens que saíram de casa; JQSCR- Jovens que saíram de casa e regressaram

<sup>26</sup> O trabalho de campo decorreu entre março e junho de 2023, sendo que uma das entrevistas foi recolhida em janeiro de 2023. Este período corresponde à fase final da pandemia COVID-19, cujo término foi declarado em maio de 2023 (WHO, 2023).

<sup>27</sup> Com o objetivo de ajudar a guiar o/a leitor/a foi efetuado um conjunto de tabelas referentes às pessoas entrevistadas onde estão contemplados os principais dados sociodemográficos. Foi igualmente efetuada uma tabela mais geral que permite guiar o/a leitor/ao longo do texto, nomeadamente no enquadramento dos excertos das entrevistas (**Ver Apêndice D**). Foi igualmente elaborado um conjunto de sínteses referentes às principais ideias e conclusões da análise e discussão de dados. Recomenda-se a sua leitura no fim de cada subponto do presente capítulo (**Ver Apêndice C**).

Relativamente a posicionamentos individuais na tipologia nacional de categorias profissionais (INE, 2011), o mais comum no grupo de pessoas entrevistadas é especialista das atividades intelectuais e científicas: Geólogo/a (1 homem JQSC, 1 mulher JQSCR, 1 homem JQSCR); Marketing Digital (1 mulher JQSCR); Assistente Social (1 mulher JQSCR). Duas pessoas integram a categoria técnica/o e profissões de nível intermédio: Técnica de Análises Laboratoriais (1 mulher JQSC); Assistente Operacional (1 mulher JQSCR). Pessoal administrativo: Rececionista (1 homem JQSC) e Administrativa Clínica (3 mulheres JQSC). Três entrevistadas/os inserem-se em profissões de prestação de serviços (1 mulher JQSC, 1 homem JQSC, 1 homem JQSCR); trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores: Vigilante (1 homem JQSC). E um trabalhador não qualificado: Manutenção em Hotel (1 homem JQSCR).

Respeitante ao posicionamento do grupo de entrevistadas/os na tipologia de classes sociais de Almeida, Costa e Machado (Machado et al., 2003), utiliza-se a profissão e a condição perante o trabalho para aferir os posicionamentos individuais na estratificação social. A maioria das pessoas entrevistadas desenvolvem trabalhos integrados na classe social de: Profissionais e Técnicos de Enquadramento (7), sendo as mulheres (5 entrevistadas - 1 JQSC e 4 JQSCR) as mais inseridas neste posicionamento individual, face aos homens (2); e Empregados/as Executantes (7 entrevistados/as), estando relativamente equilibrado em termos de género (4 mulheres- 3 JQSC e 1 JQSCR; e 3 homens- 2 JQSC e 1 JQSCR); e Trabalhadores/as Independentes (1 mulheres e 2 homens).

Relativamente às situações contratuais, verifica-se uma grande diversidade: contratos efetivos/ sem termo (2 mulheres JQSC e 2 homens JQSC); Recibos Verdes (1 mulher JQSC, 1 homem JQSC e 1 homem JQSCR). Os restantes entrevistados estão com contratos a termo certo até 1 ano (1 mulher JQSC; 1 homem JQSCR; 1 mulher JQSC e 1 JQSCR); contrato a termo incerto (1 mulher JQSCR); contrato a termo renovável (1 mulher JQSCR); a realizar Estágio (2 mulheres JQSCR) e desempregados/as (1 mulher JQSCR e 1 homem JQSC)<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Em média, o rendimento do grupo de entrevistados é de 800 euros para homens e mulheres, sendo a média ligeiramente mais elevada para os homens. Alguns dos entrevistados não apresentam à altura das entrevistas rendimentos médios mensais dada a situação de desemprego, sendo que os rendimentos mais baixos se observam nas/os entrevistadas/os em situação de prestação de serviços (300-500 euros mensais) e estágio profissional (600 euros mensais). Os rendimentos médios mensais mais elevados atingem os 1200 euros mensais, sendo que 1 entrevistado recebe mensalmente 350 euros do aluguer da sua casa própria a acumular aos rendimentos provenientes do trabalho (Ricardo<sup>E06</sup>).

Referente à condição face à habitação os/as entrevistados/as que saíram encontram-se em diversas situações, nomeadamente:

- a) Partilha de casa com amigos/as (1 mulher e 1 homem) - o valor da renda pago pela mulher é dividido com 2 amigas (267 euros (individualmente) sem apoios, contudo paga 185 euros porque acedeu ao apoio Porta 65). O valor pago pelo homem é por quarto sem acesso total à casa (350 euros sem apoios);
- b) Casa própria com parceiro e filhos (3 mulheres) - nestes casos 2 mulheres pagam o valor mensal da renda ao banco (não especificaram valor), sem apoios atualmente, mas com apoio para entrada inicial da casa providenciada pelos senhorios e noutro caso pelos pais. A outra mulher não paga nenhum valor dado que a casa tinha sido oferecida pelos pais;
- c) Casa própria da família de origem (1 homem) - não paga renda mensal e no rés de chão vivem os Avós;
- d) Residência universitária (1 mulher e 1 homem) - não paga valor mensal pois é participado pela bolsa de estudo;
- e) Casa alugada com parceira e filhos (1 homem) - o entrevistado paga o valor com a esposa de 438 euros, sem apoios.

Relativamente aos entrevistados JQSCR, nota-se que, os entrevistados homens JQSCR encontram-se, ao tempo da entrevista, a viver fora da casa da família de origem. Designadamente em:

- a) Quartos alugados em casas partilhadas (2 homens), ambos pagam 420 euros mensais pelo quarto, sem apoios. Um dos homens nesta situação tem uma casa própria arrendada pelo valor de 350 euros;
- b) Residência universitária (1 homem) - não paga valor mensal pois é participado pela bolsa de estudo.

Por sua vez, as mulheres encontram-se todas a residir na casa da família de origem, à exceção de 1 entrevistada que reside numa segunda habitação própria da família de origem, sem a família. Nenhuma destas entrevistadas está a pagar renda<sup>29</sup>.

## 2. A Saída de Casa da Família de Origem

### 2.1. Experiências e Padrões de Mudança

Dado o elevado nível de escolaridade dos/as entrevistados/as, o principal **motivo** identificado para a saída de casa são os **estudos** (13 entrevistados/as). Destes 13 entrevistados/as, 7 jovens retomaram posteriormente, pelo menos uma vez para a casa da

---

<sup>29</sup> A maioria das pessoas entrevistadas não tem filhos (14), das 3 pessoas com filhos, uma mulher JQSC e que tem uma filha; um homem JQSC e que tem 2 filhas e 1 filho; e 1 JQSC e que tem 1 filho).

família de origem<sup>30</sup>. Os dados indicam que a saída de casa dos pais, motivada pelo acesso ao ensino superior diminui a idade da primeira saída, mas aumenta a probabilidade de regresso, tornando este tipo de saídas mais reversíveis que as restantes (dos/as 8 JQSCR, 7 identificam os estudos como o principal motivo de saída) (Goldscheider & Goldscheider, 1999; Nico, 2011).

O **trabalho** é identificado por um entrevistado homem, como principal motivo de saída de casa, distintamente das mulheres, que não o fazem. Na generalidade dos países europeus, os homens abandonam mais cedo a escola do que as mulheres (Eurostat, 2023; OCDE, 2023b), sendo que na UE, os homens têm uma maior participação no mercado de trabalho, relativamente às mulheres (GEP, 2022)<sup>31</sup>.

Apenas uma jovem mulher identificou a **entrada na conjugalidade** como principal motivo para a saída de casa da família de origem. Verifica-se que as mulheres europeias, incluindo as portuguesas, tendem a sair de casa motivadas pela entrada em projetos de conjugalidade, contudo nota-se que a geração influencia. Nas gerações mais velhas era mais comum a saída para a conjugalidade, do que nas gerações mais jovens (Torres et al., 2018). O excerto infra destaca a relevância dos limites etários na transição para a vida adulta (Groppo, 2017). Embora, tradicionalmente, os marcadores de transição sejam delimitados com base em idades, e crescentemente se desvaneça a sua importância, os mesmos permanecem como padrões referenciais no imaginário social (Chan et al., 2023; Chevalier, 2021; Ferreira & Nunes, 2010; Sousa, 2010).

---

<sup>30</sup> Todos/as os/as jovens entrevistados/as que saíram e retomaram a casa de origem identificaram os estudos como principal motivo, excetuando o **Ricardo**<sup>E06</sup> que identificou a procura de liberdade e autonomia. Acredita-se que os problemas familiares motivem esta resposta.

<sup>31</sup> Apesar disto, a análise das entrevistas relativamente à primeira experiência de entrada na vida adulta remete para a ideia de que os/as jovens reconhecem a entrada no mercado de trabalho como a 1ª experiência de entrada na vida adulta (11), seguindo-se a saída de casa e o prosseguir dos estudos (em muitos casos, associado à saída de casa da família de origem). Reconhecem cumulativamente e simultaneamente outras experiências (dos/as 17 entrevistados/as, 6 reconhecem mais do que uma experiência). Os dados indicam que a residência de origem poderá moderar este resultado, uma vez que dos/as 6 jovens, quatro nasceram na Ilha da Madeira (**Antónia**<sup>E17</sup>; **Camila**<sup>E14</sup>; **Madalena**<sup>E10</sup>; **Ana**<sup>E08</sup>) e os outros dois jovens (**Santiago**<sup>E03</sup> e **Benedita**<sup>E11</sup>) autonomizaram-se para residências próximas da residência de origem. Os dados revelam que as mulheres valorizam mais a saída de casa do que homens (7 das 10 entrevistadas). Das 17 entrevistas realizadas, nenhum homem identifica a saída de casa como a 1ª experiência de entrada na vida adulta, mas sim o trabalho e os estudos. A socialização de género e a divisão de tarefas poderá, em parte, explicar esta questão (Torres et al., 2018; Nico, 2011; Goldscheider e Goldscheider, 1999). Nota-se que nenhum/a dos entrevistados/as identifica o namoro/conjugalidade.

*“...já tinha 25 anos, já trabalhava, já estava com alguém há algum tempo e já tinha a necessidade de ter este espaço e de ter esta independência, acabou aqui por se juntar uma data de fatores que contribuíram em tudo para alugarmos uma casa e para começarmos a viver juntos.”*

**E09- Telma, 33 anos, JQSC**

Uma mulher jovem identifica como principal motivo os **problemas familiares**<sup>32</sup>, o que a levou a prosseguir os estudos longe da residência da família de origem (**Madalena**<sup>E10</sup>). A qualidade do relacionamento parental, que influencia o ambiente familiar, determina o tempo de saída do/a jovem, reduzindo a probabilidade de este/a retomar a casa. As mulheres parecem ser mais afetadas do que os homens pelos conflitos e tensões na casa da família de origem, sendo que desde a infância que tendencialmente os homens vivenciam ambientes de maior liberdade e as mulheres de maior restrição e supervisão. Nota-se que o contexto masculino de maior liberdade se reveste muitas vezes da percepção de negligência parental (Maciel, 2021). Um bom ambiente doméstico permite às/aos jovens permanecer em casa até estarem prontas/os para sair (Goldscheider & Goldscheider, 1999; Schwanitz et al., 2017; Blaauboer & Mulder, 2010; Minguez, 2016).

Nota-se que, dos/as quatro JQSC motivado/as pela **procura de liberdade e autonomia**, três jovens não teriam prosseguido os estudos superiores à data da saída (um dos entrevistados terá prosseguido estudos superiores após a saída de casa e após a compra da primeira casa (**Ricardo**<sup>E06</sup>). Remete-se aqui para a ideia de que as/os jovens, mesmo em situações de relativa ou total estabilidade habitacional, familiar, laboral e/ou económica, continuam a desejar sair de casa e procurar a sua autonomização habitacional para obtenção de **espaço e liberdade** (Goldscheider & Goldscheider, 1999)<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Os/as entrevistados/as provenientes de contextos familiares problemáticos reconhecem que a saída de casa significa melhoria na saúde mental. Os/as jovens identificam mais paz e tranquilidade após a saída.

<sup>33</sup> A análise dos dados indica que para os/as jovens a importância da saída de casa para entrada na vida adulta reside na aquisição de mais responsabilidades; a saída da zona de conforto/segurança; independência e crescimento pessoal. Em termos de género nota-se uma distinção: os homens JQSC identificam mais a aquisição de responsabilidades e saída da zona de conforto, havendo ainda uma distinção entre os homens JQSC e os JQSCR (identificam a independência relativamente aos pais, a gestão e decisão total das suas vidas como fatores primordiais). Relativamente ao crescimento pessoal, as mulheres são as únicas a identificar o mesmo como um fator importante na saída de casa. Associados à saída de casa estão influentes sentimentos e expectativas de procura de liberdade, desafios, superações e responsabilidades, nomeadamente a aquisição de responsabilidades no que concerne à vida doméstica e económica e gestão de tempo, misturada com o desejo de liberdade face às expectativas/hábitos/controlo dos pais e liberdade individual para ser e fazer o que se deseja e aspira (por exemplo, liberdade sexual). Ainda que se sintam adultos na casa dos pais, a partir do momento que saem, esta ideia é efetivada pela saída da zona de conforto e conhecimento. São eles que sozinhos, organizam e gerem a sua vida sem a constante proteção, controlo e segurança percebida que a família lhes fornece. O assumir de novos papéis e responsabilidades ocorre da transição para a vida adulta (Baranowska-Rataj et al., 2016; Ferreira & Nunes, 2010; Moreno, 2012; Nico, 2011).

*“Eu já estava a trabalhar e achei que já conseguia, pronto, naquela idade, 21 anos. Achei que já era independente e propus aos meus pais “ ah se houvesse a possibilidade de eu...”, sempre perto dos meus pais, eu sou muito ligada aos meus pais, mas queria dar um passo em frente na minha vida”*

**E11- Benedita, 23 anos, JQSC**

Nota-se que nenhum/a entrevistado/a identifica como motivo a **parentalidade**. A precária e instável integração no mercado de trabalho (que influencia largamente a capacidade de o/a jovem aceder a recursos e segurança para cumprir projetos individuais), resulta no adiamento e desvalorização de marcadores tradicionais, nomeadamente a entrada na parentalidade (Torres et al., 2018). Ainda que o/A jovem se encontre dependente a nível residencial e/ou financeiro da família de origem, reconhece a sua independência em acontecimentos pontuais dessincronizados, importantes para a formação do indivíduo (Ferreira & Nunes, 2010; Minguez et al., 2012; Moreno, 2012; Pappámikail, 2010; Sousa, 2010).

Dado o elevado nível de escolaridade dos/as entrevistados/as apurasse que o **destino** da saída de casa, mais referido, são as residências universitárias. As transições escolares detêm impacto no processo de saída de casa dos pais, influenciando o destino da saída (Nico, 2011).

Segue-se o quarto/casa alugado/a. Evidencia-se que, nos casos dos/as jovens que tiveram a possibilidade de aceder a casas alugadas, vivenciam/vivenciavam situações de conjugalidade (no caso de **Telma**<sup>E09</sup>, que saiu para a conjugalidade e no caso de **Antónia**<sup>E17</sup>, que na altura da saída, ainda que motivada pelos estudos, decidiu ir viver com o namorado). Nestes casos, existe um ou mais do que um rendimento disponível, fator positivo para a saída de casa (Iacovou, 2010), ou existe a disponibilidade de recursos monetários dos pais. Resultante da ausência de mecanismos de apoio estatais, o apoio da família revela-se crucial enquanto fonte de suporte no processo de autonomização (Minguez, 2016; Swartz & O'Brien, 2009).

Verifica-se que alguns dos jovens que saíram para quartos arrendados, partilham o espaço com **pessoas desconhecidas**, mas também com **pessoas amigas**. Os/As jovens procuram alternativas habitacionais como dividir casa com colegas para responder às exigências do mercado habitacional. Os jovens com maiores qualificações educacionais, estão mais propensos a considerar a partilha de casa e/ou outras alternativas, mais atraentes e adequadas, permitindo efetuar mais poupanças, obtendo, potencialmente, maior qualidade na habitação, mobilidade geográfica e privacidade (Iacovou, 2010; Nico, 2011).

Uma das jovens que saiu para uma casa alugada foi para estudar, contudo partilhou casa com o **namorado (Antónia<sup>E17</sup>)**. No caso de **Telma<sup>E09</sup>**, motivada pela conjugalidade, saiu para uma casa alugada que acabou por comprar, com o parceiro (o que ela refere ser benéfico nestas questões habitacionais). A combinação do escalão etário e rendimento disponível é importante para o acesso a uma habitação. Quanto maior for o rendimento disponível, maior é a probabilidade de sair de casa. Em situações de conjugalidade, os rendimentos são mais elevados (Iacovou, 2010). Sendo **Ricardo<sup>E06</sup>** um dos entrevistados mais velhos, menciona que se autonomizou para uma casa própria, que conseguiu aceder dada a conjuntura social/económica (créditos jovens) (Xerez et al., 2019).

Observa-se ainda um conjunto de entrevistados cuja autonomização foi efetuada para casas próprias de famílias, isto é, segundas habitações próprias das famílias de origem, disponíveis a habitar (jovens cujos pais têm maiores condições socioeconómicas e financeiras)<sup>34</sup>. Observa-se que os jovens que se autonomizam da habitação de origem para a habitação de outro familiar, têm usualmente rendimentos menores.

*“Quando vim estudar para Lisboa, o primeiro ano estive a morar em casa da minha avó. “*  
**E07-Filipe, 24 anos, jovem que saiu e voltou para casa**

A maioria dos/as jovens **saiu sozinho/a**, sendo que as mulheres parecem mais dispostas a alternativas habitacionais (viver com outros familiares, e/ou amigos/as, parceiros/as) (Blaauboer & Mulder, 2010). Os homens prosseguem **percursos mais individuais** (apenas dois saíram com familiares, motivados pelos recursos económicos). No caso de **Santiago<sup>E03</sup>**, o mesmo e a família possuem habitação própria, o que lhe permitiu viver sozinho, ainda que na propriedade familiar. No outro caso, **Filipe<sup>E07</sup>**, não possui apoio da família de origem, estando numa situação social/económica mais desfavorecida (recibos verdes). Ainda que ambos vivam em habitações de/com familiares, são situações sociais/económicas distintas motivadas por razões distintas, resultantes na incapacidade de aceder a outras alternativas habitacionais, no caso de **Filipe<sup>E07</sup>**. Com ou sem rendimentos, a probabilidade de os homens saírem para viver sozinhos/com amigos é maior (diminuindo a probabilidade de viver com um/uma parceiro/a na

---

<sup>34</sup> No caso: Maria<sup>E16</sup> (cujos pais têm uma empresa de seguros); Benedita<sup>E11</sup> (cujos pais são administradores e possuem casas para arrendamento - autonomizou-se para uma habitação oferecida pelos pais); Santiago<sup>E03</sup> (família possui habitações próprias e o pai é dono de um *franchising* com elevados rendimentos). Em Portugal, a família detém um papel cruciforme na provisão e financiamento de habitação, seja pelo apoio financeiro direto ou como fonte de transferências de imóveis (Minguez, 2016; Xerez et al., 2019).

inexistência de rendimentos). Para as mulheres, ter rendimentos aumenta a probabilidade de viver sozinha/com amigos. Não ter rendimentos aumenta a probabilidade de sair de casa da família para todos os destinos, estando por isso mais dispostas a mais alternativas habitacionais, nomeadamente partilha de casa com amigos/desconhecidos (Iacovou, 2010).

No que concerne aos **padrões de mudanças entre habitações** dos 17 entrevistados, 15 deles efetuaram mudanças entre a primeira habitação e as restantes, os motivos são diversos. As exceções foram **Benedita**<sup>E11</sup> (saiu de casa da família de origem para uma habitação própria) e **Telma**<sup>E09</sup> (para uma casa alugada que acabou por comprar).

Os dados indicam mudanças motivadas pela **escolaridade**, pois determinados cursos superiores motivam mudanças para estágios ou formações complementares. Também o término dos estudos serve para justificar mudanças de habitação, especialmente para jovens que acedem a residências universitárias. A nível **profissional**, caracterizado por mudanças de emprego, início/fim de empregos longe das residências de origem e/ou habitações iniciais. A nível **relacional/ familiar**, a rutura de um relacionamento amoroso leva à reformulação de planos de mudanças a nível habitacional (Nico, 2011). A partilha/divisão habitacional com desconhecidos/as, remete quando possível, para mudanças em que o/a jovem tem a possibilidade de viver com amigos/conhecidos. As mudanças familiares, divórcios, recomposições familiares, nascimento de filhos/as, motivam igualmente os/as jovens a mudar de habitação. Esta fase da vida é caracterizada por constantes alterações a nível escolar, profissional e/ou pessoal, sendo por isso necessário flexibilidade e liberdade em termos habitacionais (Iacovou, 2010; Nico, 2011).

A nível **habitacional**, as desigualdades e condições de acesso, inacessíveis a muitos/as jovens, influenciam os percursos habitacionais (Drago, 2020; Rodrigues et al., 2022, 2023; Xerez et al., 2019), nomeadamente pela transformação de habitações em AL, pelo aumento progressivo das rendas (Eurostat, 2022) e pelas condições insalubres de algumas habitações arrendadas, mencionado pelos/as entrevistados/as como motivo de mudança. A **COVID** promoveu igualmente mudanças de habitação entre os jovens, como iremos verificar mais adiante<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Ver Apêndice C- Síntese 1

## 2.2. Benefícios e Constrangimentos

Relativamente aos **benefícios**, os/as jovens identificam o **distanciamento familiar**, que remete para maiores benefícios quando previamente o ambiente familiar é negativo. É certo que um ambiente acolhedor e uma relação familiar mais positiva poderá conduzir a situações de coresidência com a família de origem prolongadas (Blaauboer & Mulder, 2010; Goldscheider & Goldscheider, 1999; Minguez, 2016; Schwanitz et al., 2017). A coresidência com os/as pais/mães detém impactos, a longo prazo, nas relações parentais, nomeadamente menores níveis de confiança e respeito e a maiores níveis de conflito (Swartz & O'Brien, 2009). Alguns/mas entrevistados/as revelam que, após a saída de casa, tiveram melhorias na sua saúde mental e até mesmo nas relações com os familiares, devido ao distanciamento. Previamente, estariam mais tensas. No caso de **Mariana**<sup>E12</sup> e **Telma**<sup>E09</sup>, ambas as mulheres teriam relações mais tensas com as mães. Relações que foram moderadas e melhoradas após a saída. No caso dos homens, se existiam relações tensas previamente à saída, assim se mantiveram, não sendo realçada uma melhoria no relacionamento, apenas a nível de saúde mental (**Filipe**<sup>E07</sup>). Em casos onde as famílias são economicamente desfavorecidas, os/as filhos/as acabam por ser um apoio financeiro, não havendo espaço para prosseguir os seus planos individuais. Quando saem acabam por fazer uma gestão diferente do seu dinheiro, conseguindo **poupar dinheiro** (**Manuel**<sup>E02</sup>)<sup>36</sup>.

*“Foi a nível mental, diria, embora tenha ficado com muito mais preocupações e muito mais responsabilidades, o fato de sair do seio familiar foi uma ajuda, (...) esse distanciamento facilitou, de certo modo, um bem estar emocional e tudo mais”*

**E07-Filipe, 24 anos, jovem que saiu e voltou para casa**

*“... na altura em que eu saí de casa dos meus pais, com a minha mãe, principalmente, estava ali muito a roçar o vamo-nos zangar a sério, portanto o facto de eu sair e não nos vermos tantas vezes e tudo mais, acho que vai*

---

<sup>36</sup> A maioria dos/as jovens (11 das 17 pessoas entrevistadas) menciona que a saída de casa da família de origem tinha sido **positiva e correspondida** às expectativas. No entanto, alguns/mas entrevistados/as **acham que seria mais fácil**, em termos de gestão diária e doméstica (elevados níveis de conforto familiar identificados pelos próprios). Apesar disso, continuam a identificar a mudança como positiva. Isto remete para a ideia de que os/as jovens procuram a autonomização habitacional mesmo quando estas providenciam menos segurança, estabilidade e conforto do que as habitações de origem (Blaauboer & Mulder, 2010; Goldscheider & Goldscheider, 1999; Iacovou, 2010). Para outros/as jovens, **as expectativas não foram correspondidas** e a autonomização é associada a sentimentos negativos (ansiedade/medo/solidão), motivados em grande parte pelas dificuldades em aceder e manter um acesso não constrangido ao mercado habitacional e laboral. Ainda assim reconhecem recompensas. Uma mudança que acarreta grandes responsabilidades, mas grandes recompensas - liberdade. Já para os/as jovens que se deparam com percursos de autonomização compostos de avanços e recuos, os sentimentos revelam-se ambivalentes.

*trazer outra vez a relação melhor que ela tinha..."*

**E12- Mariana, 33 anos, JQSC**

**Os/As jovens reconhecem também a independência, aquisição de responsabilidade conexo a ideias de liberdade e crescimento pessoal/social** (mencionado por 16 entrevistados/as, exceto **Filipe**<sup>E07</sup>, que identificou a diminuição das responsabilidades familiares aquando da saída), por se verem obrigados a atuar em situações que previamente teriam o apoio (total/parcial) dos pais, fora da zona de conforto, ou até mesmo liberdade para experienciar atividades, experiências e partes da vida e do ser individual, que não tinham total liberdade por estarem na casa dos pais. A superação do medo em prol dos benefícios a longo prazo da saída de casa. Nota-se ainda uma menção dos benefícios referentes à possibilidade de ter o seu próprio espaço, enquanto necessidade (**Ana**<sup>E07</sup>; **Benedita**<sup>E11</sup>; **Telma**<sup>E09</sup>). Verifica-se que os benefícios anteriormente expostos são cumulativos.

No que concerne aos **constrangimentos** os/as jovens identificam constrangimentos **relacionais** interligados à rutura de relacionamentos amorosos com parceiros/as e as mudanças advindas, a solidão e saudades da família (principalmente em situações de maior distância entre a habitação de origem e o local de residência escolhido). Os dados revelam ainda constrangimentos relacionados com a partilha de espaços habitacionais com outras pessoas. Os constrangimentos de ordem **doméstica**, ligados à **gestão doméstica** da habitação, conexo ao aumento de responsabilidades.

*"...as saudades também pesam não é, porque quando nós saímos de casa deixamos para trás a nossa família e isso acaba por pesar, eu acho que é uma questão bastante contornável, não tem assim uma conotação negativa"*

**E08- Ana, 27 anos, JQSC**

Por fim, os constrangimentos de ordem **estrutural** remetem para a inexistência e/ou dificuldade de acesso a **apoios** (bolsas e ou/ outros durante os estudos) (Minguez et al., 2012; Sousa, 2010), às **condições habitacionais e à dificuldade em efetuar mudanças habitacionais com sucesso** (aceder a uma habitação com melhores condições e privacidade) De modo a se autonomizarem, os/as jovens têm de se sujeitar a determinados riscos, nomeadamente casas que correspondem aos seus rendimentos e com menos condições. Todas estas questões remetem para a **imprevisibilidade do mercado habitacional** (Breidenbach, 2018; Iacovou, 2010; Nico, 2011). Os fatores estruturais são importantes enquanto condicionantes da ação individual dos/as jovens. Divergem consoantes contextos institucionais e normativos, sendo

Portugal um país caracterizado por condições estruturais a nível profissional e habitacional pouco atrativas à autonomização dos/as jovens com poucas políticas de incentivo à saída de casa (Breidenbach, 2018; Chan et al., 2023; Ferreira & Nunes, 2010; Minguez, 2016; Torres et al., 2018).

*“Entramos em contacto com senhorios muito malucos não é, pedia-nos 4 rendas de caução, com umas condições assim um pouco difíceis de atingir porque nós na altura ainda por cima não estávamos a trabalhar, portanto não trabalhávamos há dois meses e foi assim um pouco complicado”*

**E08- Ana, 27 anos, JQSC**

Finalmente, os constrangimentos de ordem **económica**, identificados por cinco entrevistados/as, desenvolvido no ponto seguinte. Para além dos investimentos necessários para aceder inicialmente a uma casa, também é difícil para os/as jovens conseguir aceder a todos os bens necessários para viver com condições<sup>37</sup>. Certo que, todos os constrangimentos anteriormente descritos têm valor cumulativo: quantas mais condições convergem, menos exequível é a saída de casa (Breidenbach, 2018; Nico, 2011)<sup>38</sup>.

### 3. O Papel da Família de Origem na Saída de Casa

No que concerne à reação da família de origem, verifica-se que as **reações** divergem entre **feliz no início, contudo com o aparecimento de reações negativas mais tarde (pressionante, negação, culpabilização e de controlo)**. Para **Santiago**<sup>E03</sup>, o primeiro sinal de autonomização habitacional foi **positivo**, contudo o jovem refere que se tornou **pressionante** quando se autonomizou para uma habitação mais distante. Verifica-se que a distância da habitação de destino é um fator que contribui para alterações nas reações da família. Quando

---

<sup>37</sup> A análise efetuada à gestão financeira dos/as jovens conclui que a família de origem é muito importante no apoio providenciado aos/às jovens. Ainda que a viver fora da casa dos/as pais/mães, dependem total ou parcialmente, a nível financeiro para fazer face a determinadas despesas, colocando pressão nas economias do agregado familiar (Xerez et al., 2019). Em muitos casos, são os/as pais/mães que assumem, durante determinado tempo, as despesas do/a jovem, ou apenas alguns apoios esporádicos e pontuais (durante o tempo inicial em que o/a jovem estuda e se está a autonomizar) (Minguez, 2016).

Os/As jovens, revelam também a importância dos trabalhos esporádicos para a progressiva autonomização. Mesmo a trabalhar, contam com o apoio parental esporádico em situações de maior necessidade. Por outro lado, no caso em que os/as jovens não têm apoio parental disponível, necessitam de mais do que um trabalho para fazer face às despesas. Ao contrário dos/as jovens que dependem financeiramente dos pais, aqueles que conseguiram efetuar transições habitacionais e laborais bem-sucedidas revelam uma gestão despreocupada, mas adequada aos ganhos-gastos mensais com a possibilidade de efetuar poupanças, em particular quando a renda não se apresenta como uma despesa mensal (elevada). Os/As entrevistados/as refere também a necessidade de uma gestão mais cuidadosa, com redução de gastos mensais a fim de conseguir fazer face ao mês e à totalidade das despesas, principalmente em situações em que não existe apoio financeiro por parte da família de origem e os/as jovens encontram-se em situações laborais instáveis (Baranowska-Rata et al., 2016). Os/As jovens reconhecem a importância das poupanças em situações inesperadas (desemprego).

<sup>38</sup> Ver Apêndice C- Síntese 2

maior for a distância, mais negativa a reação, especialmente se existe uma relação familiar de proximidade prévia à autonomização.

Quando a relação familiar anterior é negativa, as reações tendencialmente são mais negativas para os irmãos/ãs. Ainda que fiquem felizes, entram em estados de negação e culpabilização relativamente ao/à jovem. Temos o exemplo de **Madalena**<sup>E10</sup> (irmão culpa-a pelo sair de casa) e **Ricardo**<sup>E06</sup> (irmão teve uma reação “estranha” e “paranoica”). As reações relatadas pelo/a entrevistado/a, no que concerne aos irmãos, podem ter sido, em certa medida, potenciada pelos problemas familiares que ambos referem ao longo da entrevista.

Também o nível de preparação prévia relativamente à saída, a introdução do assunto, parece influenciar a reação da família. Se a família não falou sobre o tema, sobre as possíveis mudanças, ou teve um nível baixo de participação no momento de saída, a reação parece ser mais negativa (negação e culpabilização, sentimentos de abandono, com impactos nas relações após a saída, como veremos mais adiante).

Nota-se que a reação é mais positiva consoante o **nível de participação parental** *“Eu acho que também lá está, a parte de eles terem escolhido uma parte, não se perde ali a ligação...”* **Benedita**<sup>E11</sup>. Verifica-se que a participação que os/as jovens permitem aos pais/mães nesta fase da vida, apresenta-se como um efeito moderador nas reações advindas. Quanto mais os/as pais/mães participam, mais facilmente e com confiança aceitam a saída. Dado que a saída requer uma readaptação das relações e papéis, será de esperar que um maior nível de participação de todas as partes diminua os sentimentos negativos, em especial, quando o tempo com a família de origem é valorizado (Breidenbach, 2018; Moreno, 2012).

Novamente, **se os/as pais/mães já estavam à espera da saída, esta foi positiva e a família incentivou**. Verifica-se que a visão/experiências dos pais relativamente à sua própria autonomização moldam as suas reações relativamente às autonomizações dos/as filhos/as e as expectativas dos/as próprios/as jovens relativamente à sua saída. Nota-se ainda que, se socialmente for algo que se verifica realizar normativamente (sair para estudar, por exemplo), os pais aceitam mais facilmente e incentivam o jovem. A existência de irmãos/ãs mais velhos/as que já tenham “desbravado esse caminho” previamente, ajuda os/as pais/mães a terem mais confiança nos/as filhos mais novos/as quando chegam a essa fase. Verifica-se que os/as pais/mães estão mais propensos/as a aceitar e incentivar se o motivo for para prosseguir os

estudos e/ou se for para a vivência de uma relação amorosa (Blaauboer & Mulder, 2010; Swartz & O'Brien, 2009), ainda que se verifiquem sentimentos de tristeza associados, pela boa relação familiar. Nota-se que, em saídas mais positivas, os/as pais/mães fazem questão de reforçar que em caso de necessidade, a/o jovem pode voltar para casa, fazendo com que este/a se sinta mais apoiado e com segurança. Este tipo de apoio prestado pela família, nomeados de transferíveis imateriais, remetem para o ambiente e estrutura familiar; os valores e preferências; cuidado e a compreensão intrafamiliar (Schwanitz et al., 2017).

*“Honestamente foram muito “suportivos”, foi do gênero “vai filho, faz o que achas que... nós estamos aqui e apoiamos-te”. Basicamente foi assim. Achei bom, achei que lá esta, não me estavam a expulsar de casa, às vezes isso acontece. Estavam apenas a dizer apenas “tens a liberdade para fazer isto, e caso alguma coisa corra mal, tens-nos sempre aqui para amparar a queda”*

**E04- Martinho, 31 anos, JQSC**

Nota-se que as saídas custam mais aos pais homens, seja pelo sentimento de proteção em relação às filhas (**Amélia<sup>E13</sup>**), seja pelo sentimento de que os filhos deveriam “continuar o legado” (**Alexandre<sup>E05</sup>**). Neste caso, o pai do jovem esperava que o mesmo continuasse em casa e aprendesse o ofício e a gestão da empresa. Em geral, quando os/as jovens classificam as reações das famílias como positivas, estas são acompanhadas de incentivos e apoio familiares (Blaauboer & Mulder, 2010; Swartz & O'Brien, 2009).

*“... eu acho que eles sempre me apoiaram independentemente do rumo que eu escolhesse, mesmo que nem sempre concordassem. Como foi aqui o sair da residência e ir para uma casa, que eu sei que não é uma coisa que eles obviamente queriam. Obviamente preferiam que eu tivesse voltado para casa e estava lá debaixo da alçada dos pais, mas eles aceitaram e obviamente compreenderam e apoiaram.”*

**E08-Ana- 27 anos, JQSC**

Ainda que em algum ponto os/as pais/mães tentem convencer o/a filho/a a regressar, quando percebem que é a decisão do/a jovem, apoiam. Nesta questão de “puxar para o ninho” não é apenas no momento da saída que ocorre, mas sim quando pais/mães verificam que o/a filho/a se encontra em algum tipo de situação que precisa de cuidado e apoio.

*“Quando eu perdi os meus dois trabalhos em agosto e fiquei ali praticamente sem nada, a minha mãe ficou muito aflita e disse para eu voltar para casa. Quando eu fico doente, ela fica muito aflita e diz logo para eu voltar para casa. Quando acha que eu estou sozinha, ela acha que eu não tenho amigos, acha que eu estou sozinha no mundo, é muito mãe protetora. “*

**E08-Ana- 27 anos, JQSC**

Nota-se que: os/as pais/mães cujos/as filhos/as saem para prosseguir os estudos, tendem a visualizar as saídas como intermitentes, acreditando que o/a filho/a regressará quando terminar os estudos. O que retira a carga negativa associada à ausência física permanente, criando reações, de certa forma, neutras relativamente à saída de casa.

*“Lá esta, como foi um sair na altura temporário, não foi um adeus completo nem com esse pesar, fui só ali a lisboa fazer a licenciatura e já vem, vou ficar ali em lisboa a fazer o mestrado e já vem, e depois passou a se calhar vou demorar um pouco mais a ir, não é do género ela vai lá ficar para sempre, ainda não há essa ideia.”*

**E08-Ana- 27 anos, JQSC**

No que concerne ao relacionamento com a família de origem, nota-se que a relação familiar que já teria tendências negativas, mantém-se tendencialmente negativa, alimentada por sentimentos de culpabilização por parte da família em relação ao/à jovem, sobre responsabilidades e papéis não correspondidos (filho/a, irmã/o). Nota-se também uma diminuição na comunicação dado o afastamento físico, alimentado pela necessidade de independência do/a jovem.

*“Sim, principalmente nos últimos anos, a relação com a minha mãe tem azedado um bocado, sinto que também foi a distância, mas principalmente o facto de ela sentir que eu estava a fugir às minhas responsabilidades para com a família. “*

**E07- Filipe, 24 anos, JQSCR**

Outros casos referem que a relação melhora, em parte, porque existe desenvolvimento pessoal e afastamento em termos de espaços físicos, possibilitando a cada pessoa a vivência de experiências individuais e espaço para criar confiança (especialmente no caso dos/as jovens que saíram para estudar). Para os/as restantes jovens, a relação mantém-se, havendo espaço para a comunicação e apoio mútuo e respeito pelos limites de cada um/a.

*“Acho que sim, tornei-me (...) não era tao boa pessoa como consegui tornar depois de sair de casa. Acho que, na altura, como era apapricado demais, (...) era mais desleixado com as minhas relações. Enquanto agora tento ter um bocadinho mais cuidado com isso”*

**E04- Martinho, 31 anos, JQSC**

*“...estava numa fase em que estava muito saturada e na altura como não estava assim a 100% com a minha mãe, já estava um bocadinho saturada. Então isto foi um bocadinho uma lufada de ar fresco e, a partir daí, tudo foi melhorando até mesmo a parte da relação entre mim e ela. Tudo melhorou, porque tudo ficou mais leve. Tenho o apoio deles, continuo ainda hoje a ter o apoio deles.”*

**E09- Telma, 33 anos, JQSC**

Segundo os dados recolhidos, o **papel da família de origem durante o processo de saída** passa pela **educação**, ou seja, apoio direto nas burocracias relacionadas com a educação

ou monetárias relacionadas com o pagamento de propinas; de apoio no acesso a **bens essenciais não monetários**, de entre os quais, marmitas, carne de criação própria, compras ao supermercado (comida, farmácia) ou roupa; questões de **gestão e logística da mudança**. Este tipo de apoios é dado, porque as famílias têm recursos para tal. No caso de **Maria**<sup>E16</sup> e **Alexandre**<sup>E05</sup> (enquanto proteção extra aos apoios monetários já providenciados). No caso de **Martinho**<sup>E04</sup>, como o próprio refere “(...) *compravam roupa nova para eu usar, ou calçado, assim mais esse tipo de coisas, ou mandavam-me comida quando eu vinha visitar. Eles monetariamente não conseguiam mesmo ajudar...*”. No caso de **Manuel**<sup>E02</sup>, através da disponibilização de apoio para a mudança e de bens materiais necessários para a habitação “*Não, simplesmente perguntaram se queria ajuda com o facto de mudar de casa, se eu precisava de ajuda para comprar algum eletrodoméstico ou afim, mas de ajudas mesmo ajudas, não*”. A transição para a vida adulta é moldada pela classe social (Blaauboer & Mulder, 2010; Goldscheider & Goldscheider, 1999).

No caso de jovens com filhos/as, a família apoia na **articulação trabalho- família**.

*“Quando podem, ficam com a menina, se bem que eu sou muito mãe galinha, estou sempre a tentar, mas sim, apoiam no que podem, vão buscá-la, quando eu preciso.”*

**E09- Telma, 33 anos, JQSC**

O tipo de apoio mais identificado pelos/as jovens (9) é o apoio emocional, nomeadamente na comunicação diária (a importância dos meios de comunicação, do apoio em dias mais difíceis e nas mudanças do quotidiano); na disponibilidade para regressarem a casa, se necessário; conforto, aconchego e opiniões, nomeadamente **Camila**<sup>E14</sup>; **Eunice**<sup>E15</sup>; **Maria**<sup>E15</sup>; **Ana**<sup>E08</sup>; **Benedita**<sup>E11</sup>; **Telma**<sup>E09</sup>; **Alexandre**<sup>E05</sup>; **Santiago**<sup>E03</sup>; **Tiago**<sup>E01</sup>. Nota-se neste sentido que a relação familiar é importante para a autonomização e que a disponibilidade familiar, não só monetária, é visualizada como um importante recurso para o/a jovem.

No caso de jovens cujas famílias detêm negócios e habitações próprias, o apoio identificado foi de **acesso a emprego e habitação**. Nota-se que, no que diz respeito ao **apoio habitacional**, os/as pais/mães apresentam-se primordiais na providência de apoio monetário direto e em termos habitacionais (habitação direta, por períodos mais prolongados no tempo).

*“Então apoiam-me, portanto, dando-me casa, por exemplo...”*

**E16- Maria, 28 anos, JQSCR**

É visível, ainda, que os/as jovens que saem de casa da família de origem, muitas vezes dependem da “generosidade” dos familiares mais afastados na providência de habitação em momentos mais vulneráveis, especialmente se o sítio de residência após a saída é distinto da residência de origem. A família afastada apresenta apoio habitacional esporádico em períodos de tempo mais curtos.

*“Cheguei e a minha sorte é que o meu primo estava cá com o namorado, na casa de uma amiga deles. Ele falou com ela para eu ficar lá 2 dias, tive dois dias para arranjar um quarto”*

**E10- Madalena, 26 anos, JQSC**

A família apresenta ainda um grande apoio ao nível de procura e acesso a habitações no que diz concerne a **burocracias documentais**, na **procura habitacional** e enquanto **fiadores**.

*“... pedi, porque eu era a única das três com um agregado elegível para fiador, portanto quando eu lhes pedi para serem meus fiadores, uma coisa extremamente delicada, os meus pais não hesitaram. A resposta deles foi sempre que sim, que me ajudavam e sempre recebi muito apoio”*

**E08- Ana, 27 anos, JQSC**

Por fim, **apoio a nível monetário/económico**. O mais observável entre os/as entrevistados/as é apoio monetário nas despesas com as rendas, estudos superiores e outras despesas fixas mensais (ginásio, carro, em momentos em que os/as jovens ficam sem poupanças ou pelo menos num momento inicial após a saída). Em Portugal, os/as jovens dependem da solidariedade prolongada das suas famílias, em termos económicos, habitacionais e na procura de emprego (Sousa, 2010).

Quando questionados/as sobre a **possibilidade de regressar a casa da família de origem**<sup>39</sup>, os/as jovens referem que, em parte, já teriam considerado essa possibilidade (em momentos de maiores dificuldades financeiras/emocionais/profissionais, mas que procuram acima de tudo manter a sua liberdade e independência); ou, por outro lado, que não teriam considerado pelo medo dos retrocessos ao nível de desenvolvimento individual/pessoal e que só se não existir alternativa é que pensam nisso. Por fim, há quem negue inteiramente, preferindo procurar outro tipo de apoios.

---

<sup>39</sup> Esta questão foi exclusivamente direcionada para JQSC.

*“Não, quem dá um passo em frente não pode dar outro atrás. A opção seria arranjar apoios, nas camaras municipais dão (...)”*

**E10- Madalena, 26 anos, JQSC**

Relativamente a outro tipo de apoios, os/as jovens mencionam os apoios do Estado e os apoios de amigos/as e/ou outros. A maioria refere que os apoios que recebem/receberam por parte do Estado foram quase sempre direcionados para o apoio ao ensino superior, seja através das bolsas de estudo, seja através do acesso a residências universitárias, com preços mais acessíveis do que o mercado habitacional. Ainda que considerem os valores das bolsas baixos, reconhecem ser um apoio essencial para, pelo menos, cobrir algumas das elevadas despesas que têm, sendo a família a cobrir o resto (a gestão do quotidiano). Considerando o acesso fácil e com apoios a nível da candidatura, nota-se que alguns/mas jovens reconhecem a existência de alguns apoios, contudo não acedem (uns/umas porque não querem, outros/as por crença de que vão concorrer e não vão ser aceites).

*“Não, nada, eu sei que havia apoios da Câmara, alunos deslocados, mas só soube disso, tipo, quase no fim da licenciatura, mas também nunca pedi nada. Porque, como recusaram a primeira vez da bolsa, eu pensei que também não vão dar este tipo de apoio.”*

**E13- Amélia, 28 anos, JQSCR**

Dos/as jovens entrevistados/as que já residiam em casas/quartos alugados, alguns/mas acedem/acederam ao apoio da Porta 65. No caso de **Ana<sup>E08</sup>**, teve de falar com o senhorio para conseguir colocar a renda nos limites pedidos.

*“... Porta 65, (...) nós tivemos de negociar com o nosso senhorio aqui este ajuste de 50 euros da renda. Portanto tivemos que fazer um novo contrato com este ajuste, mas depois a candidatura até nem foi difícil, porque os documentos são poucos. Até foi fácil, foi tudo online. O senhorio foi bastante prestável.”* **E08-Ana- 27 anos, JQSC**

Realça-se que muitos/as jovens não acedem a determinados apoios, ainda que tenham direito a eles, pela precariedade do mercado habitacional. Sem contratos habitacionais regularizados, não podem/conseguem aceder aos apoios.

*“Sei que agora há o Porta 65, mas a verdade é que também não tenho contrato.”*

**E05- Alexandre, 29 anos, JQSCR**

No que diz respeito ao apoio de amigos/as e/ou outros, reconhece-se o apoio dos amigos em termos emocionais e num dos casos o apoio informal de um senhorio, que possibilitou a compra de casa<sup>40</sup>.

*“A nossa sorte foi que, na altura, o nosso senhorio, aquele valor que nós não tínhamos, aqueles 10%, ele adiantou e deixou-nos pagar durante uns anos a pagar um X até ficar tudo liquidado. Ele foi muito querido. Por isso é que eu tenho a noção de que realmente é difícil, porque nem toda a gente está preparado para ter aquele valor, ou então gasta as economias todas.”*

**E09- Telma, 33 anos, JQSC**

#### 4. O Regresso a Casa da Família de Origem

A análise das entrevistas revela que os/as jovens, na maioria dos casos, identificam como **principais motivos para o regresso à casa da família de origem, questões estruturais** relacionadas com a habitação, o trabalho, os estudos. Ainda que, para alguns/mas, seja uma escolha ponderada (motivada pela procura de uma mudança), para outros/as é a única escolha que podem efetuar, devido às restrições/constrangimentos que enfrentam a nível pessoal/individual e estrutural.

*“Porque eu acabei o mestrado no Covid. As empresas estavam a despedir pessoas, não estavam a contratar. Eu enviava currículos, ninguém me respondia. Então, resolvi voltar para lá, ajudá-los no negócio deles, que é os seguros. Depois fui, fui ficando lá, fui enviando currículos também, só que, por exemplo, a mim já me ofereceram menos que o ordenado mínimo...”*

**E16- Maria, 28 anos, JQSCR**

O excerto anterior remete para as dificuldades de aceder ao mercado de trabalho após o término dos estudos (que por si só, já é de difícil acesso aos jovens), durante a pandemia COVID-19 (Aboim, 2020; Caleiras, 2022; OIT, 2021). Impossibilitada de integrar o mercado de trabalho, **Maria**<sup>E16</sup> acabou por regressar a casa, para trabalhar na empresa do pai e da mãe. Tentando simultaneamente integrar o mercado de trabalho, mesmo fora da sua área de estudos, permaneceu mais tempo em casa da família de origem. Balanceando tudo, acabou por concluir que, entre o facto de não conseguir integrar a sua área de estudos, as poucas condições oferecidas pelos cargos a que se candidatou e o valor elevado das rendas habitacionais, preferia ficar em casa dos pais, onde poderia viver uma vida mais confortável (com menos despesas), o que lhe permitiria efetuar poupanças para o futuro (Swartz & O'Brien, 2009). Os sacrifícios que teria de realizar em prol da sua autonomização habitacional

---

<sup>40</sup> Ver Apêndice C- Síntese 3

seriam demasiados. Acabou por sair de casa dos pais, para um estágio em Lisboa, onde teria a segunda habitação própria dos pais. Verifica-se neste caso que, pelas condições descritas, a entrevistada encontra-se entre habitações da família para conseguir concretizar alguns momentos de transição para a vida adulta. Neste caso os recursos disponíveis da família de origem têm-se demonstrado cruciais para a autonomização da jovem.

**Antónia<sup>E17</sup>**, por sua vez, perdeu o acesso à residência, quando esta entrou em obras. A entrevistada não era considerada uma das alunas prioritárias para permanecer, não lhe sendo disponibilizadas respostas ou facilidades de acesso a outros meios habitacionais. Acabou por não conseguir arranjar um alojamento para sair, no tempo definido pelos serviços responsáveis pela residência, pelas dificuldades de arrendamento de um mercado habitacional difícil de aceder. Viu-se forçada a voltar para casa da família de origem e a terminar os estudos em regime *online*, terminando mais tarde em registo de pandemia. Acabou por arranjar um estágio e permanecer na casa dos pais.

*“Eu estive nessa casa, depois arranjei residência, que era muito mais barata, era 170 euros. E como não era aluna bolseira, uma das residências entrou em obras e eu perdi a prioridade de ficar lá. (...) Em Setembro, Aveiro fica uma loucura de arrendamentos, então eu não tinha espaço para ficar. Não arranjei nenhum sitio, então arranjei maneira de tirar o último ano em regime de aulas online e por isso, quando terminei o curso, estávamos todos em casa e depois eu arranjei um estágio aqui e fiquei.”*

**E17- Antónia, 26 anos, JQSCR**

Verifica-se desta forma que, a entrevistada, por constrangimentos estruturais, neste caso, a falta de respostas existentes para estudantes no que diz respeito a habitação, complementada por um mercado de arrendamento fragilizado com preços pouco acessíveis às camadas mais jovens, viu-se forçada a fazer uma escolha.

No caso de **Amélia<sup>E13</sup>**, a entrevistada encontrava-se a terminar os estudos e perdeu o acesso à residência universitária por ser o fim do ano letivo. Acabou por voltar a casa dos pais para terminar os estudos.

*“... então eu vim para casa na minha boa-fé...” e por não estar integrada no mercado de trabalho. Como a própria indica “..., mas pronto, lá está, na altura, não estava trabalhando, não estava nada. Voltei para casa dos meus pais.”.*

**E13- Amélia, 28 anos, JQSCR**

Os motivos de regresso da entrevistada **Camila<sup>E14</sup>** refletem a mesma ideia. Verifica-se ainda que a escolha de regressar a casa é motivada pela consciência e reconhecimento do

peso que o valor da habitação exerce sobre os orçamentos familiares. Neste sentido, mais uma escolha realizada pelos constrangimentos económicos (Torres et al., 2018; Minguez, 2016; Chan et al., 2023).

Ao contrário da entrevista anterior de **Amélia**<sup>E13</sup>, onde voltar para casa foi uma escolha ponderada, refletida nos benefícios a longo prazo (poupanças), a tendência de não ingressar o mercado de trabalho enquanto se estuda (ou integrar de forma pontual e precária, como o caso de **Camila**<sup>E14</sup>) aumenta a probabilidade de regresso a casa. Como a literatura indica, o não ingresso no mercado de trabalho ou situações de precariedade laboral remetem para situações de prolongada dependência face à família de origem (Breidenbach, 2018; Ferreira & Nunes, 2010; Nico, 2011; Sousa, 2010).

No caso de **Alexandre**<sup>E05</sup>, os motivos de regresso passam pelos benefícios que a escolha providenciou, pela procura de mudança de contexto aliado à mudança de faculdade no término dos estudos.

*“... já não sabia bem o que é que era passar lá muito tempo (...) quando começou a pandemia, passei lá um tempo, mas eu sentia-me bem, não me sentia saturado lá está, ainda não estava cansado de lá estar...”.*

Importa mencionar que o jovem reflete ainda sobre os preços praticados no mercado habitacional *“... e eu também com os preços aqui em Lisboa, o meu pai tinha lá trabalho para mim”.*

**E05- Alexandre, 29 anos, JQSCR**

O caso de **Alexandre**<sup>E05</sup> ilustra a tendência verificada, na generalidade das entrevistas realizadas JQSCR, ao estarem a estudar e em situações de semiautonomia (em que vivem em casa/quartos separados da família de origem, contudo dependem financeiramente dos mesmo). Acabam por regressar aquando do término dos estudos, ou para finalizar os estudos, sem conseguir efetivar a autonomização profissional/financeira quando se deparam com situações de eminente mudança, que carece da necessidade de recursos económicos, nomeadamente, procura de habitação. Procuram nos pais/mães apoio emocional, apoio habitacional e nos casos onde existem negócios de família, trabalho (que possibilitam poupanças para o futuro).

A curto/médio prazo, os/as jovens, mesmo quando integram o mercado de trabalho, permanecem em casa da família de origem pois não veem necessidade de sair de casa e ter esse gasto extra, quando podem ficar em casa da família. Para ele/as, é visto como desnecessário e sem sentido. Por outro lado, verifica-se que a segurança e conforto

proporcionado pela casa da família provoca medo de efetuar escolhas que apresentam maiores riscos.

*“(...) era da minha vontade, ou seja, eu adorei viver aí, e eu adorava conseguir arranjar trabalho aí. Para mim, era um risco perder esta segurança do estágio aqui e ir arranjar alguma coisa... poderia não arranjar, então, eu tenho sempre esta coisa dentro de mim que me faz querer sair de novo...”*

**E17- Antónia, 26 anos, JQSCR**

Dois jovens homens (**Ricardo**<sup>E06</sup> e **Filipe**<sup>E07</sup>) efetuaram um regresso a casa forçados pela situação de pandemia COVID-19. A negativa relação com a família de origem fez com o que o regresso fosse de difícil gestão a nível emocional e menor em termos de tempo de retorno (quando tiveram a oportunidade de sair, logo após o fim das quarentenas, saíram).

No caso de **Alexandre**<sup>E05</sup> e **Eunice**<sup>E15</sup>, que identificam a COVID-19 como um motivo de retorno, verifica-se um encarar da situação mais positivo, empoderado pelas relações mais positivas com a família de origem. Quando a casa da família de origem providencia sentimentos de segurança e conforto, as estadias tendem a prolongar-se no tempo, ao contrário dos jovens com relações menos positivas com as suas famílias de origem.

No caso do entrevistado **Ricardo**<sup>E06</sup>, o jovem teve de regressar a casa da família de origem durante o período de COVID, saído posteriormente para casa de uma tia, de forma a procurar trabalho na área de Lisboa. Acabou por ir trabalhar para a Ilha da Madeira durante 5 meses e regressou novamente para casa da tia durante 1 mês. É notório que, ainda que o regresso não seja desejado, é efetuado por falta de outras opções. Contudo, ao contrário do que anteriormente foi descrito, estes regressos duram menos tempo.

De certo modo, os/as jovens com boas relações com a família de origem valorizaram o regresso a casa da família de origem motivado pelo COVID-19. Permitiu-lhes passar mais tempo com a sua família e viver um tempo de medo, receio e incerteza no conforto e segurança. De facto, a literatura indica que nos países de sul da Europa existe uma maior valorização do tempo passado em família (Breidenbach, 2018; Moreno, 2012).

De um modo geral, os/as jovens identificaram, no regressar a casa, sentimentos negativos: tristeza; retrocesso e impotência; perda de independência, mesmo em situações que os/as entrevistados identificam como positivas no início.

*“Eu senti-me um bocado meio deprimida, (...) por uma coisa que não tinha sido bem escolha minha...”*

**E16- Maria, 28 anos;**

*“É assim, inicialmente senti que estava a dar um passo atrás e do que eu estava à espera, porque estava à espera de manter-me em Lisboa...”*

**E15- Eunice, 26 anos, JQSCR**

Os **benefícios** identificados foram a possibilidade de poupar dinheiro; a família ter uma empresa própria (no caso dos jovens em que era este o caso); conseguir ficar mais focado/a e isolado/a para efetuar trabalhos para a faculdade (5 dos 8 entrevistados/as mencionaram benefícios).

Relativamente aos constrangimentos, os/as jovens identificam o retrocesso na autonomia e liberdade associado a questões de dificuldade de aceitação e gestão emocional da situação, sensação de estar a retroceder na vida. Para além disso, observa-se o isolamento social aquando do regresso, principalmente nos/as jovens cuja saída de casa ocorreu para um sítio longe/distinto da residência de origem da família. Nota-se ainda uma dificuldade em sair de novo, por não terem recursos financeiros para tal e ficarem acomodados/as com a situação

*“Eu não tenho dinheiro para pagar uma renda. No ano passado, andei à procura de casa. No entanto, eu queria comprar, em vez de alugar, porque, por exemplo, em Viseu aumentou como em todo o lado, mas em Viseu está uma coisa absurda. Para tu teres noção, os quartos alugados a estudantes não há nada a menos de 200 EUR e Viseu é uma cidadezinha do interior. “*

**E13- Amélia, 28 anos, JQSCR**

*“... uma pessoa também se pode acomodar, no sentido de não sendo uma coisa que eu me vejo a fazer para a minha vida, estar com ele [pai] na empresa dele é uma coisa que eu me posso acomodar face aos objetivos que eu tenho para mim.”*

**E05- Alexandre, 29 anos, JQSCR**

Finalmente os/as jovens identificam como constrangimentos o relacionamento com a família/parceiros/as amorosos/as, tensões relacionadas com o isolamento social causado pela pandemia, gestão de espaços e privacidade, distanciamento físico na relação amorosa.

Como se mencionou anteriormente de forma breve, o relacionamento com a família de origem após o regresso tende a sofrer alterações. Entre relações onde foi possível encontrar um equilíbrio entre o que era para o/a jovem antes do retorno e após, a relações complicadas previamente ao regresso e que pioraram após o mesmo, verificamos que os jovens na sua maioria identificam dificuldades relacionais conexas à perda de liberdade,

autonomia e infantilização por parte da família. E estes sentimentos são potenciados pela COVID-19.

Por outro lado, verificamos uma **parentificação** por parte de jovens em relação aos pais. Sentem que, com o avançar da idade dos pais/mães, estes precisam de mais ajuda, apoio e orientação e por isso acabam por sentir a longo prazo uma certa inversão dos papéis, mais comum e perceptível nas mulheres. Quando saem, muito dependentes dos pais, passam um processo de crescimento e quando voltam a casa da família de origem sentem-se cuidadoras dos pais.

*“Sim, fiquei muito mais chegada a eles. Agora sou eu a mãe deles. Dou em maluca para eles comerem direitinho, tentar que eles façam um bocado de exercício físico e depois também tive que fazer bué ginástica, mental, género, eles são os meus pais. Não sou eu a mãe deles, porque já estava a dar em maluca. Então com a Covid, eu queria que eles pusessem máscara e se desinfetassem a todo o momento e eles a viverem a vida dele. Agora tenho dois filhos.”*

**E16- Maria, 28 anos, JQSCR**

Relativamente ao desejo de sair da casa no futuro, a maioria dos/as jovens menciona que deseja/desejou sair de casa da família de origem após o regresso, sendo que alguns/mas já o teriam feito na altura da entrevista. A entrevistada **Eunice<sup>E15</sup>** foi a única que mencionou que não tinha intenções de sair dada a situação económica. A mesma encontrava-se a realizar um estágio profissional na área do Serviço Social, aquando da entrevista.

As que ainda não teriam saído de casa na altura da entrevista, nomeadamente **Amélia<sup>E13</sup>; Camila<sup>E1</sup>; e Antónia<sup>E17</sup>** identificaram uma grande vontade de sair de casa, contudo sempre demonstrando uma perspetiva negativa relativamente ao futuro. Entre a falta de meios económicos para efetivar a saída, a perda de estabilidade de um trabalho fixo no local de residência, as jovens desejam sair, contudo sentem-se receosas em relação ao futuro. **Maria<sup>E16</sup>; Alexandre<sup>E05</sup>; Ricardo<sup>E06</sup>; e Filipe<sup>E07</sup>** já teriam saído novamente de casa da família de origem e todos/a mencionaram um grande desejo de sair<sup>41</sup>.

## 5. A Pandemia e a Saída de Casa

No que concerne aos **impactos da pandemia na saída de casa**, os/as jovens que não identificam impactos na saída de casa são, em geral, jovens que estão em situações habitacionais estáveis, na maioria habitações próprias; empregados/as (**Benedita<sup>E11</sup>**;

---

<sup>41</sup> Ver Apêndice C- Síntese 4

**Mariana<sup>E12</sup>; Telma<sup>E09</sup>; Santiago<sup>E03</sup>**) ou em autonomizações de longa duração, facto que pode produzir um efeito moderador neste sentido (**Madalena<sup>E10</sup>; Tiago<sup>01</sup>; Manuel<sup>E02</sup>**)<sup>42</sup>.

Alguns/mas dos/as jovens já tinha regressado previamente à pandemia ou efetivaram regresso momentâneo. É perceptível que os impactos sentidos da pandemia passam primeiramente pelo regresso momentâneo a casa da família de origem, causado pelas exigências da pandemia (**Ricardo<sup>E06</sup> e Filipe<sup>E07</sup>**).

Constata-se ainda que, da totalidade do grupo de entrevistados/as, apenas mulheres identificam ter regressado previamente ao início da COVID-19, ao contrário dos homens. Na maioria, não identificam nenhum impacto advindo da mesma, apenas retornos momentâneos potenciados pela “obrigação” do momento.

*“Durante a primeira quarentena voltei para casa, em Aveiro, e fiquei lá, até ao final do semestre. Portanto desde 27 de março, acho que foi quando começou, até ao final do semestre. O resto do tempo passei na residência. (...) Não, assim que pude, voltei para a residência, foi só mesmo uma questão de obrigação. ”*

**E07- Filipe, 24 anos, JQSCR**

Outros/as jovens identificam que regressam por causa da covid e/ou efeitos da mesma.

*“Foi por causa da pandemia que regressei inicialmente eu estava aí. Mas houve uma altura, comecei a trabalhar, mas depois foi quando deixei., Só tive acho que tinha um mês aí, depois já estava cá. Acabei por fazer as quarentenas cá, na Madeira.”*

**E15- Eunice, 26 anos, JQSCR**

Nota-se que o motivo de retorno é a falta de emprego/oportunidades de emprego que se fez sentir durante a pandemia. Se os/as jovens já se enquadram nas populações que mais discriminação sofrem no acesso ao mercado de trabalho, durante a pandemia, os efeitos escalaram e forçaram o regresso por falta de meios/oportunidades para efetuar escolhas não condicionadas (Ferreira & Vieira, 2018; Mamede et al., 2020; Marques et al., 2021; Suleman, 2022).

Tomemos em consideração, por exemplo, o caso de **Alexandre<sup>E05</sup>**. O jovem já se encontrava numa situação vulnerável, previamente ao início da COVID-19 (situação escolar, habitacional e laboral complexa: não conseguir terminar o curso; mudanças de habitação sistemáticas com aumento de preços contínuos; não conseguir encontrar trabalho. A COVID-

---

<sup>42</sup> Ainda que não identifique nenhum impacto negativo, Benedita<sup>E11</sup> reconhece um impacto positivo, uma vez que teve a possibilidade de se autonomizar na fase pandémica.

19 só agravou as razões para o jovem regressar. Compreende-se que medo do desconhecido e necessidade de segurança possa ter potenciado a vontade de voltar para casa.

*“... não estava a conseguir arranjar trabalho, mas também não estava a pedir dinheiro. Então eu passei 3 meses a gastar do meu dinheiro (...) De preferência, todas as semanas estão ia trabalhar com ele [o pai] e fazia o dinheiro aqueles dias (...). E ainda sobrava alguma coisa. Então quando começou a pandemia, eu já estava nesse sistema, sabes? Já estava no sistema, estava a trabalhar com ele.”*

**E05- Alexandre, 29 anos, JQSCR**

Contudo, sentimentos semelhantes obtiveram respostas distintas, no caso de **Martinho**<sup>E04</sup>. Neste caso, o jovem está integrado no mercado de trabalho, ainda que de forma precária, o que fez com que não pudesse regressar a casa da família de origem (mais uma vez, verifica-se o efeito positivo que a integração no mundo laboral proporciona na autonomização do/a jovem). Se, por um lado, a segurança proporcionada pelo regresso a casa (em específico contra as adversidades advindas da pandemia) motivou **Alexandre**<sup>E05</sup> para o regresso, para **Martinho**<sup>E04</sup> essa mesma segurança foi percebida como prejudicial a longo prazo e evitável (para o que o jovem considera ser o seu processo de desenvolvimento).

Conclui-se assim que a pandemia provocou um novo medo. No caso de **Ana**<sup>E08</sup>, ainda que tivesse pensado em regressar a casa, não o fez por medo de infetar a família. No caso de **Ricardo**<sup>E06</sup>, o medo do desconhecido aliado à situação habitacional e profissional precária levou ao regresso momentâneo à casa da família de origem.

*“Fui forçado a ter que voltar a casa da minha mãe na altura do COVID, mas não foi uma decisão fácil, mas teve que ser (...) Pronto, na altura, fiquei um bocado assustado, porque Lisboa estava a arder, entre aspas. Era o pior foco de infeção que existia no país. Eu decidi não facilitar. Na primeira oportunidade que tive, voltei para a Nazaré, que na altura nem um caso tinha. Achei que seria mais seguro por vários sentidos. Até porque, se fechassem a residência, não sei como é que seria.”*

**E06- Ricardo, 35 anos, JQSCR**

Os efeitos sentidos divergem consoante as situações sociais e económicas prévias ao início da pandemia. Mais uma vez reforça-se a ideia de que os/as que tiveram recursos, apoios e estabilidade económica/profissional/habitacional não sentiram tanto os efeitos advindos da pandemia (Antunes & Seixas, 2022; Drago, 2021). Contudo as diferenças individuais na perspetiva e vivência das situações catastróficas moderam os impactos.

Para além dos efeitos mencionados anteriormente a nível de habitação e saída de casa, os/as jovens entrevistados/as identificam outros impactos, nomeadamente a nível do trabalho, onde se verificou um facilitismo em arranjar trabalho em áreas mais necessárias

durante a época do COVID-19 (área da saúde, um aumentar rendimentos nessas mesmas áreas e maior valorização de determinadas profissões na área da saúde/contextos clínicos).

Por outro lado, uma dificuldade em ingressar no mercado de trabalho pela primeira vez, despedimentos, redução de rendimentos e alterações a nível do quotidiano laboral, regras e sistemas normativos (Suleman, 2022).

*“Do trabalho, ainda estamos a senti-los, não é? Principalmente aqui é um contexto clínico, portanto, nós só recentemente começamos a largar as máscaras e todo este material de contenção pandémica passava sempre por nós, portanto ainda existe alguma coisa que é remanescente.”*

**E03- Santiago, 35 anos, JQSC**

A nível **escolar**, as alterações nos métodos de ensino tiveram alguns efeitos negativos e outros positivos. Alguns/mas jovens adaptaram-se melhor aos métodos de ensino não tradicionais e conseguiram focar-se unicamente na faculdade. Outros/as sentiram uma redução das aulas práticas e estágios sem posterior reposição. Em muitos casos, com impactos no nível de aprendizagem, desenvolvimento de trabalhos finais e exames. Houve ainda a questão do acesso a materiais de estudo por parte de alguns/mas jovens (Mamede et al., 2020; OIT, 2021; Peralta et al., 2022; Tavares, 2022).

Por fim, identificam-se impactos a **nível pessoal e social**<sup>43</sup>. Alterações ao nível dos convívios, interações e maior isolamento social, o desconhecido, sentimentos de medo individual e coletivo, com impactos na saúde mental e física. Ainda assim, apesar de todos os desafios, a ideia de crescimento pessoal<sup>44</sup>.

*“..., mas também acho que me fez crescer (...) Fui mais posto à prova”*

**E05- Alexandre, 29 anos, JQSCR**

---

<sup>43</sup> Respeitante à análise dos objetivos futuros, os/as jovens identificam a nível **escolar/profissional**: o concluir e/ou prosseguir os estudos; sucesso no trabalho: abrir um negócio próprio; melhores condições de trabalho; arranjar e/ou mudar de emprego. Conexo às ideias anteriormente introduzidas, conseguir uma boa articulação trabalho- família e não se preocupar com os essenciais à vida. A nível **familiar** ter (mais) filhos/as e/ou constituir família (“*dar o próximo passo*”). A nível **habitacional**: mudar e/ou comprar casa. Conseguir efetuar uma autonomização habitacional bem-sucedida seja ela sozinho/a, com amigos/as, ou parceiros/as. Para os/as que já têm uma habitação própria, ou uma situação habitacional mais ou menos estável, o objetivo passa pela ambição de algo melhor. Para os/as que não têm, o seu principal objetivo será comprar casa e não alugar, ter a sensação que estão a investir em algo que é deles.

<sup>44</sup> Ver Apêndice C- Síntese 5

## CONCLUSÃO

Este estudo pretendeu compreender como se procede a autonomização habitacional de jovens adultas/os portuguesas/es na saída de casa da família de origem em tempos de pandemia COVID-19, focando-se em quatro objetivos específicos. O estudo, de cariz qualitativo, abrangeu 17 jovens (7 homens e 10 mulheres), que saíram de casa da família de origem ou que saíram e regressaram, com idades compreendidas entre os 23 e os 35 anos. Realizou-se a análise de conteúdo das entrevistas com uma visão de género, privilegiando-se a história de cada indivíduo e as suas trajetórias individuais. O presente estudo contribuiu para a consolidação de conhecimento científico na área das transições habitacionais juvenis.

Por um lado, procurou-se **conhecer os padrões de mudança e as experiências** sobre a saída de casa da família de origem em tempos de pandemia COVID-19. Conclui-se que as transições para a vida adulta são um processo complexo e multifacetado. Para os/as jovens a entrada na vida adulta é assinalada por diversas experiências (de forma individual, progressiva e por vezes simultânea), nomeadamente prosseguir os estudos, sair de casa e ingressar no mercado de trabalho (que se revela como um indicador central para a entrada na vida adulta) (Chan et al., 2023; Chevalier, 2021; Minguez et al., 2012; Sousa, 2010).

Outros fatores como o género, o contexto familiar e o contexto geográfico de origem contribuem para a multiplicidade de contextos previamente analisados e para a importância que os/as jovens depositam nas experiências. É certo que o género é dos fatores que mais influencia as saídas de casa (Torres et al., 2018; Nico, 2011; Goldscheider e Goldscheider, 1999). As mulheres (especialmente mulheres cujas residências de origem são mais isoladas geograficamente) valorizam mais a saída de casa e tendem a valorizar todas as experiências de entrada para a vida adulta, ao contrário dos homens. Para as mulheres, a saída de casa representa uma importante meta a nível de crescimento pessoal. Já para os homens, representa uma conquista de independência em relação aos pais<sup>45</sup>.

Concluiu-se que, em geral, os/as jovens saem de casa mais **motivados** pela educação e que este tipo de saída aumenta a probabilidade de regresso (Nico, 2011). As exceções

---

<sup>45</sup> As diferenças de género são assinaladas no decorrer da análise (decorrentes da socialização de género) sendo mais visíveis em termos de valorização, motivos e destinos da saída, acesso a recursos parentais e relacionamento familiar, que consequentemente afetam o regresso a casa e a vivência de situações de maior vulnerabilidade.

evidenciam que, os homens tendem a sair motivados pelo trabalho e as mulheres pela entrada na conjugalidade, refletindo diferenças de género e evidenciando papéis de género (Torres et al., 2018). Identicamente, o ambiente familiar negativo serve de incentivo significativo para a saída de casa (especialmente para as mulheres), reduzindo a probabilidade de regresso à casa de origem (Blaauboer & Mulder, 2010; Goldscheider & Goldscheider, 1999; Maciel, 2021; Minguez, 2016; Schwanitz et al., 2017).

No que concerne ao destino de saída, os/as jovens que saíram para estudar assinalaram as residências universitárias como o principal destino (exceto os/as jovens, cujo apoio financeiro dos pais e mães permitiu o arrendamento de quartos). Os/as jovens em relacionamentos conjugais optam por alugar casas (Iacovou, 2010). O arrendamento partilhado é uma estratégia comum entre os/as jovens para enfrentar o elevado custo do mercado imobiliário. A influência das condições socioeconómicas dos pais/mães é também visível para os/as jovens que têm possibilidade de aceder a segundas habitações próprias da família <sup>46</sup> (Minguez, 2016; Swartz & O'Brien, 2009; Xerez et al., 2019).

A maioria dos/as jovens sai de casa sozinho/a, sendo as mulheres mais flexíveis nas opções habitacionais, enquanto os homens seguem trajetórias mais individuais (Blaauboer & Mulder, 2010; Iacovou, 2010)<sup>47</sup>. As mudanças de habitações são recorrentes e ocorrem por diversos motivos, incluindo educação, emprego, relações afetivas, habitacionais<sup>48</sup> e, mais recentemente, a pandemia da COVID-19 (Drago, 2020; Rodrigues et al., 2022, 2023; Xerez et al., 2019).

No que concerne aos **constrangimentos e benefícios** da saída de casa durante a pandemia COVID-19, os/as jovens (principalmente aqueles/as que previamente viviam em ambientes familiares negativos) referem o distanciamento familiar como um benefício,

---

<sup>46</sup> Verifica-se a clara influência dos recursos socioeconómicos da família de origem e os seus impactos na saída de casa do jovem. A análise relativa à gestão financeira das/os jovens permitiu compreender que aqueles que dispõem de maiores recursos têm maior agência para efetuar movimentos consoante as suas preferências. Verifica-se que os benefícios dos apoios parentais são cumulativos uma vez que permitem ao/à jovem, muitas vezes, poupar o seu rendimento, efetuar poupanças e realizar outros movimentos da transição para vida adulta (por não pagar renda habitacional ou por deter apoio mensal para determinadas despesas) - remetendo para situações de dependência e semiautonomia que se podem perpetuar por muitos anos (Carmo & Matias, 2019).

<sup>47</sup> Também a escolaridade influencia os destinos da saída, sendo que as/os jovens que prosseguem o ensino superior são mais propensos a considerar alternativas habitacionais, como a partilha de casa (Iacovou, 2010; Nico, 2011).

<sup>48</sup> Evidencia-se que as condições do mercado habitacional, a nível de acesso e manutenção influencia os percursos das/os jovens remetendo para o aumento progressivo das rendas e das condições insalubres, a que muitas/os jovens têm de se submeter para aceder ao mercado habitacional.

consequentemente melhorias a nível de saúde mental e, no caso das mulheres, melhoria nas relações familiares. Embora os homens tenham experienciado melhorias na saúde mental, não relataram mudanças significativas nas relações familiares (Blaauboer & Mulder, 2010; Goldscheider & Goldscheider, 1999; Minguez, 2016; Schwanitz et al., 2017). Em geral, os benefícios da saída são de índole individual e incluem a independência, aquisição de responsabilidades, liberdade, crescimento pessoal e a possibilidade de ter um espaço próprio.

A nível de constrangimentos, os/as jovens identificam desafios a nível relacional, individual (solidão) e de índole doméstico. A nível estrutural, os/as jovens identificam a falta de apoio financeiro, condições habitacionais precárias, falta de privacidade e a imprevisibilidade do mercado imobiliário. Muitos/as jovens acabam a viver em habitações com menos condições devido às suas limitações financeiras<sup>49</sup>. Em suma, a transição para a vida adulta é uma experiência de benefícios individuais cumulativos, mas de constrangimentos, principalmente, estruturais e financeiros.

Conclui-se que **o papel da família de origem**, a nível da autonomização habitacional, é diverso, de acordo com as condições socioeconómicas da mesma. As famílias que dispõem mais recursos (monetários, habitacionais e outros) dispensam um apoio mais direto, permanente e abrangente, (permite ao/à jovem viver com menos preocupações, mais segurança, mais agência nas suas decisões, menores riscos e um certo nível de vida e consumo mais elevado) (Blaauboer & Mulder, 2010; Minguez, 2016; Swartz & O'Brien, 2009; Xerez et al., 2019).

No que concerne **ao papel da família no regresso a casa de origem** é importante ressaltar que as dificuldades estruturais motivam, na generalidade, o regresso do/a jovem, nomeadamente o acesso à habitação; falta de habitação acessível; inserção no mercado de trabalho e os efeitos sentidos da COVID-19, nessas mesmas áreas. Para alguns/mas jovens, o regresso à casa da família de origem é eminente, dados os constrangimentos e as dificuldades vivenciados, mesmo quando essa não é a sua escolha primordial (verificámos uma vontade dos/as jovens em querer manter a independência da casa de origem). A dificuldade de

---

<sup>49</sup> A análise da gestão financeira dos/as jovens permitiu compreender a importância dos trabalhos esporádicos e segundos trabalhos para a autonomização habitacional (especialmente aqueles/as que não detêm apoio parental).

ingressar e efetivar uma transição profissional/financeira bem-sucedida resulta numa maior probabilidade de regressar a casa.

Os/As JQSCR, cujas relações familiares prévias eram positivas, menciona, que o tempo de regresso foi positivo e uma oportunidade de aproveitar em família, levando a permanências mais prolongadas. Os benefícios resultam na possibilidade de efetuar poupanças e priorizar os estudos. A nível de constrangimentos, os/as jovens identificam questões a nível de saúde mental e sentimentos negativos. Além disso, enfrentam dificuldades em sair novamente, seja por falta de recursos ou por acomodação à situação (segurança sentida vs. a instabilidade da autonomização).

Por fim, para **compreender como a pandemia COVID-19 afetou o mercado de habitação e como este afetou a autonomização habitacional das/os jovens** é necessário, mais uma vez, verificar que a pandemia COVID-19 afetou de maneira desigual o processo de autonomização habitacional das/os jovens, existindo variações conforme a situação socioeconómica prévia e as diferenças individuais face à vivência de situações catastróficas (Ferreira & Vieira, 2018; Mamede et al., 2020; Marques et al., 2021).

Os/as jovens que mais sentiram os efeitos da pandemia foram: aqueles/as cujas vulnerabilidades seriam prévias à pandemia, levando a um reforço do desejo de voltar a casa; aqueles/as que já pensariam em regressar (ao contrário daqueles/as que vivenciavam situações habitacionais/profissionais/económicas estáveis e que tiveram acesso a recursos e apoios)<sup>50</sup> (Antunes & Seixas, 2022; Drago, 2021). Em termos de género, verificou-se uma distinção (talvez resultado da dificuldade das mulheres na inserção no mercado de trabalho) (OCDE, 2023b; Torres et al., 2018), onde as mulheres regressaram mais a casa da família de

---

<sup>50</sup> Mais uma vez, os efeitos positivos da inserção laboral das/os jovens parecem ser um fator determinante para a autonomização bem-sucedida e manutenção desta autonomização a longo prazo. A estabilidade financeira resultante de uma transição laboral bem-sucedida é um fator-chave para uma autonomização habitacional bem-sucedida (Iacovou, 2010; Nico, 2011). Verifica-se assim o valor que os rendimentos e a estabilidade do vínculo laboral exercem sobre o processo de saída de casa, verificando-se as problemáticas inerentes aos efeitos estruturantes da difícil/inexistente inserção no mercado de trabalho, que coloca os/as jovem em situações de prolongada dependência financeira face à família de origem (em alguns casos, o retorno à casa da família de origem) (Breidenbach, 2018; Ferreira & Nunes, 2010; Nico, 2011; Sousa, 2010). Independentemente de viverem fora da casa da família de origem, os/as jovens vivem situações de semiautonomia que se podem prolongar, afetando a capacidade de agência destes/as e a o assumir de novos desafios, com particular impacto na capacidade de fazer suprir despesas (Carmo & Matias, 2019).

origem antes da COVID-19, comparativamente aos homens (Aboim, 2020; Caleiras, 2022; OIT, 2021).

Reconhece-se que a investigação contou com algumas **limitações**, nomeadamente a discrepância entre homens e mulheres entrevistados/as, o elevado nível de escolaridade dos/as entrevistados e o facto de todos/as serem caucasianos/as. Neste sentido, sugere-se que, para **investigações futuras**, seja adotada uma perspetiva mais abrangente e interseccional de fatores como raça/etnia, presença de deficiência, escolaridade, orientação sexual (entre outros) na compreensão do processo de autonomização habitacional dos/as jovens.

Não obstante, a presente investigação é relevante para o tema, por incluir uma multiplicidade de histórias e percursos individuais permitindo compreender que os/as jovens percecionam a saída de casa, na generalidade, como um objetivo que consolida a sua perceção de adultez. Para além disso, confere-lhes responsabilidades e o assumir de novos papéis (muitos deles esperados e desejados). Reconhece-se a importância da família enquanto pilar de apoio para o/a jovem e a necessidade de uma alternativa que seja inclusiva a todos/as os/as jovens portuguesas/as que não dispõem de recursos e apoios familiares. Os/as jovens procuram a sua autonomização habitacional, a liberdade e espaço próprio. Contudo receiam o futuro e as incertezas de um país que dispõe de poucos recursos direcionados à população juvenil. Ainda que os constrangimentos sejam generalizados a todo um grupo etário, são distintos e sentidos a vários níveis quando olhamos com uma lente de género e classe social.

## BIBLIOGRAFIA

- Aboim, S. (2020). Covid-19 E Desigualdades De Género: Uma Perspetiva Interseccional Sobre Os Efeitos Da Pandemia. In R. Carmo, I. Tavares, & A. Cândido (Eds.), *Um Olhar Sociológico Sobre a Crise Covid-19 em Livro* (pp. 130–147). Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte. <https://doi.org/10.15847/ciesod2020covid19>
- Antunes, G., & Seixas, J. (2022). Impactos da pandemia na evolução do acesso à habitação na Área Metropolitana de Lisboa. *Cidades, Comunidades e Territórios*, 45, 55–79. <https://doi.org/10.15847/cct.26600>
- Azevedo, A. (2020). *Como vivem os portugueses: população e famílias alojamentos e habitação*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Banco de Portugal. (2023). *Boletim Económico*. [https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/pdf-boletim/be\\_out2023\\_p.pdf](https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/pdf-boletim/be_out2023_p.pdf)
- Baranowska-Rataj, A., et al. (2016). Report on the impact of the institutional setting and policies on the autonomy of youth in insecure labour market positions in EU-28 & Ukraine. In *Except Working Papers*. [https://www.except-project.eu/files/filemanager/files/WP9\\_Report\\_on\\_the\\_impact\\_of\\_the\\_institutional\\_setting\\_and\\_policies\\_on\\_the\\_autonomy\\_of\\_youth\\_in\\_insecure\\_labour\\_market\\_positions.pdf](https://www.except-project.eu/files/filemanager/files/WP9_Report_on_the_impact_of_the_institutional_setting_and_policies_on_the_autonomy_of_youth_in_insecure_labour_market_positions.pdf)
- Berlin, G., Furstenberg Jr., F., & Waters, M. (2010). Introducing the Issue. *The Future of Children-Princeton-Brookings*, 20 (1), 3–18. [https://futureofchildren.princeton.edu/sites/g/files/toruqf2411/files/media/transition\\_to\\_adulthood\\_20\\_01\\_fulljournal.pdf](https://futureofchildren.princeton.edu/sites/g/files/toruqf2411/files/media/transition_to_adulthood_20_01_fulljournal.pdf)
- Billari, F., & Liefbroer, A. (2010). Towards a New Pattern of Transition to Adulthood? *Advances in Life Course Research*, 15(2–3), 59–75. <https://doi.org/10.1016/j.alcr.2010.10.003>
- Blaauboer, M., & Mulder, C. (2010). Gender differences in the impact of family background on leaving the parental home. *Journal of Housing and the Built Environment*, 25(1), 53–71. <https://doi.org/10.1007/s10901-009-9166-9>
- Breidenbach, A. L. (2018). Constrained From Leaving or Comfortable at Home? Young People's Explanations for Delayed Home-Leaving in 28 European Countries. *International Journal of Comparative Sociology*, 59(4), 271–300. <https://doi.org/10.1177/0020715218807261>
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods* (4th ed.). Oxford University Press.
- Buchmann, M. C., & Kriesi, I. (2011). Transition to adulthood in Europe. In *Annual Review of Sociology* (Vol. 37, pp. 481–503). <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-081309-150212>

- Caleiras, J. (2022). Pandemia E Desigualdades No Emprego: Que Políticas Para Uma Recuperação Sustentável? In R. Carmo, I. Tavares, & A. Cândido (Eds.), *Que Futuro para a Igualdade? Pensar a Sociedade e o Pós-pandemia* (pp. 27–42). Observatório das Desigualdades. <https://doi.org/10.15847/ciesod2020futuroigualdade>
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação- Guia para Auto-Aprendizagem 2.a Edição*. [www.univ-ab.pt](http://www.univ-ab.pt)
- Carmo, R., & Matias, A. (2019). As dimensões existenciais da precariedade: jovens trabalhadores e os seus modos de vida. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 118, 53–78.
- Carvalho, B., Esteves, M., & Peralta, S. (2021). *A pandemia e o mercado de trabalho: O que sabemos um ano depois*. Portugal, *Balanço Social 2021- Nota Intercalar*.
- Chan, R., Pandolfini, V., & Pažur, M. (2023). *Multi-Faced Nature Of Youth Transitions*. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7742902>
- Chevalier, T. (2021). Varieties of Youth Transitions? A Review of the Comparative Literature on the Entry to Adulthood. In A.-M. Castrén, I. Crespi, R. Gouveia, & A. Mínguez (Eds.), *The Palgrave Handbook of Family Sociology in Europe*. Palgrave Macmillan.
- Coelho, B., Maciel, D., & Torres, A. (2021). Gender, Social Class, and Family Relations in Different Life Stages in Europe. In A.-M. Castrén, I. Crespi, R. Gouveia, & A. Mínguez (Eds.), *The Palgrave Handbook of Family Sociology in Europe*. Palgrave Macmillan.
- DGEEC. (2021). *Educação e Formação em Portugal*.
- Doutor, C. (2016). Um Olhar Sociológico sobre os Conceitos de Juventude e de Práticas Culturais: Perspetivas e Reflexões. *Última Década Centro de Estudios Sociales Chile*, 45, 159–174.
- Drago, A. (2020a). Habitação, Pandemia, Crise. In R. Carmo et al., (Eds.), *Um Olhar Sociológico Sobre a Crise Covid-19 em Livro* (pp. 98–114). Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte. <https://doi.org/10.15847/ciesod2020covid19>
- Drago, A. (2020b). Habitação. In R. Mamede & P. Silva (Eds.), *O Estado da Nação 2020 e as Políticas Públicas : Valorizar as Políticas Públicas* (IPPS-ISCTE, pp. 99–106). [www.ipps.iscte-iul.pt](http://www.ipps.iscte-iul.pt)
- Drago, A. (2021). *Habitação entre crises: partição das classes médias, políticas de habitação acessível e o impacto da pandemia em Portugal*. [https://www.ces.uc.pt/ficheiros2/files/crisalt/Caderno%2315\\_Habitacaoentre%20crises\\_fev\\_2021.pdf](https://www.ces.uc.pt/ficheiros2/files/crisalt/Caderno%2315_Habitacaoentre%20crises_fev_2021.pdf)
- Eurofound. (2021). Employment and labour markets-COVID-19: Implications for employment and working life. In *Publications Office of the European Union*. <https://doi.org/10.2806/024770>

- Eurostat. (2020). *Archive: Age of young people leaving their parental household*. [https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?oldid=494351#Development over the years](https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?oldid=494351#Development_over_the_years)
- Eurostat. (2021). *When do young people leave the nest?* <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/-/edn-20210812-1>
- Eurostat. (2022a). *How many students worked while studying in 2021?* <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/-/ddn-20220829-1>
- Eurostat. (2022b). *Leaving home: Young Europeans spread their wings*. <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/-/ddn-20220901-1>
- Eurostat. (2023). *When do young Europeans leave their parental home?* <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/w/ddn-20230904-1>
- Ferreira, T., & Vieira, M. M. (2018). *Emprego, empregabilidade e empreendedorismo: As políticas públicas para o emprego jovem. Policy Brief*.
- Ferreira, V., & Nunes, C. (2010). Transições para a idade adulta. In *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa* (pp. 39–67). ICS.
- Furlong, A. & Cartmel F. (2007 [1997]), *Young People and Social Change*, New York, Open University Press
- GEP. (2011). *As Qualificações no Mercado de Trabalho em Portugal*.
- Giddens, A. (2001). *Sociologia* (6th ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goldscheider, F. & Goldscheider, C. (1999). *The Changing Transition to Adulthood- Leaving and Returning Home*, London, Sage.
- Groppa, L. Antonio. (2017). *Introdução à Sociologia da Juventude*. Paco Editorial.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Príncipe Editora.
- Huang, L. W. (2013). When Young Adults Leave Home: Dependency or Autonomy? In *Quality of Life in Asia* (Vol. 2, pp. 223–242). [https://doi.org/10.1007/978-94-007-4081-5\\_11](https://doi.org/10.1007/978-94-007-4081-5_11)
- Iacovou, M. (2010). Leaving Home: Independence, Togetherness and Income. *Advances in Life Course Research*, 15(4), 147–160. <https://doi.org/10.1016/j.alcr.2010.10.004>
- Instituto Nacional Estatística. (2010). *Classificação Portuguesa das Profissões 2010*. [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_bo ui=107961853&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_bo ui=107961853&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt)

- Jamieson, L., & Simpson, R. (2013). Living Alone: Globalization, Identity and Belonging. In *Living Alone*. Palgrave Macmillan Studies in Family and Intimate Life. <https://doi.org/10.1057/9781137318527>
- Kuckartz, U., & Rädiker, S. (2019). Analyzing Qualitative Data with MAXQDA: Text, Audio, and Video. In *Analyzing Qualitative Data with MAXQDA: Text, Audio, and Video*. Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-15671-8>
- Lages, J. P. (2022). Habitação em pandemia: os desafios da COVID-19 a partir da experiência de mulheres em situação de precariedade habitacional. *Cidades, Comunidades e Territórios*, 45, 80–94. <https://doi.org/10.15847/cct.26604>
- Lei nº83/2019, de 3 de Setembro, Lei de Bases Da Habitação, Diário da República, 1.a série, no168, 11 (2019). <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/83-2019-124392055>
- Machado, F., Da Costa, A., Mauritti, R., Martins, S., Casanova, J., & De Almeida, J. (2003). Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, 45–80.
- Maciel, D. (2021). *Género na perspetiva individual: Agência, constrangimentos, recursos e oportunidades*. Tese de Doutoramento ISCSP.
- Mamede, R., Pereira, M., & Simões, A. (2020). *Portugal: Uma análise rápida do impacto da COVID-19 na economia e no mercado de trabalho*. [https://www.social-protection.org/gimi/Media.action;jsessionid=ewS5bfIV6xUHJusv1sjJQ-Q\\_dyzT4GGC1X6vbrN5XS\\_WRypaywvT!1393577045?id=18160](https://www.social-protection.org/gimi/Media.action;jsessionid=ewS5bfIV6xUHJusv1sjJQ-Q_dyzT4GGC1X6vbrN5XS_WRypaywvT!1393577045?id=18160)
- Marques, P., Suleman, F., Guimarães, R., Figueiredo, C. (2021). Jovens no Mercado de Trabalho em Portugal 2007-2018. In *Observatório Emprego Jovem*. <https://www.obsempregojovem.com/p/60effc1ab74c236b8f911e56>
- Mauritti, R. (2011). *Viver Só: Mudança Social e Estilos de Vida*. Mundos Sociais.
- Mínguez, A. (2016). Late Leaving of the Parental Home in Southern Europe: Lessons for Youth Policy. *Comparative Sociology*, 15, 485–507.
- Mínguez, A., Peláez, A., & Sánchez- Cabezudo, S. (2012). La Transición de los jóvenes a la vida adulta: Crisis Económica Y Emancipación Tardía. In *Colección Estudios Sociales* (34).
- Moreno, A. (2012). The Transition to Adulthood in Spain in a Comparative Perspective: The Incidence of Structural Factors. *Young*, 20(1), 19–48. <https://doi.org/10.1177/110330881102000102>

- Mulder, C. (2009). Leaving the parental home in young adulthood. In Furlong A, *Handbook of Youth and Young Adulthood* (pp. 203–210). Routledge Internacional Handbook. <https://doi.org/10.4324/9781315753058>
- Nico, M. (2011). *Transição Biográfica Inacabada: Transições para a Vida Adulta em Portugal e na Europa na Perspectiva do Curso de Vida*. Tese de Doutoramento ISCTE.
- Nico, M. (2016). Discussão sociológica a propósito da saída de casa dos pais na Europa. *Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política*, 2, 28–52.
- OECD. (2023a). *Education and Skills the Persistence off Gender Gaps in Education and Skills*.
- OECD. (2023b). *Education at a Glance 2023: OECD Indicators*. OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/e13bef63-en>
- OIT. (2020). *Jovens e a COVID-19 Impactos no emprego, na educação, nos direitos e no bem-estar mental Relatório do Inquérito 2020*. Organização Internacional do Trabalho.
- Pais, J. (1993), *Culturas Juvenis, Lisboa*, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pappámikail, L. (2010). Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. *Sociologia: Revista Do Departamento de Sociologia Da FLUP, XX*, 395–410.
- Pavel, F. (2020). Em que casa fico? Reflexões Acerca do Direito a Cidade e a Habitação em Tempo de Covid-19. *Finisterra*, 55(114), 203–206. <https://doi.org/10.18055/finis19764>
- Peralta, S., Carvalho, B. P., & Fonseca, M. (2022). *Portugal, Balanço Social 2022 Relatório Anual*.
- PORDATA. (2023). Diplomados no ensino superior: total e por sexo. Obtido de PORDATA: <https://www.pordata.pt/portugal/diplomados+no+ensino+superior+total+e+por+sexo-664>
- Ramos, V. (2018). Transitions to adulthood and generational change in portugal. *Societies*, 8(2). <https://doi.org/10.3390/soc8020021>
- Rodrigues, P., et al. (2022). *O mercado imobiliário em Portugal*. In *Fundação Francisco Manuel dos Santos*.
- Rodrigues, P., Lourenço, R., & Vilarés, H. (2023). *A Crise da Habitação nas Grandes Cidades: Uma Análise*. <https://ffms.pt/pt-pt/estudos/policy-papers/crise-da-habitacao-nas-grandes-cidades-uma-analise>
- Sagnier, L., & Morell, A. (2021). Os jovens em Portugal, hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem. In *Fundação Francisco Manuel dos Santos*.

- Schwanitz, K., Mulder, C., & Toulemon, L. (2017). Differences in leaving home by individual and parental education among young adults in Europe. *Demographic Research*, 37(63), 1975–2010. <https://doi.org/10.4054/DemRes.2017.37.63>
- Settersten, R., & Ray, B. (2010). What's Going on with Young People Today? The Long and Twisting Path. *The Future of Children- Princeton- Brookings*, 20(1), 19–41.
- Sousa, F. (2010). *O Que É Ser Adulto? A Sociologia Da Aduldez*. Memória Imaterial.
- Suleman, F. (2022). *O lado invisível do desemprego jovem- A transição dos graduados de 2020 para o mercado de trabalho*. <https://obsemprego jovem.com/p/61bc4e15edccd03a6a3e1484>
- Swartz, T. & O'Brien, K. (2009). Intergenerational support during the transition to adulthood. In Furlong, A, *Handbook of Youth and Young Adulthood*. Routledge Internacional Handbook.
- Tavares, I. (2022). A Educação Em Tempos De Covid-19: Onde Fica A Desigualdade Entre O Novo E O Antigo Normal? In R. Carmo, I. Tavares, & A. Cândido (Eds.), *Que Futuro para a Igualdade? Pensar a Sociedade e o Pós-pandemia* (1st ed., pp. 59–80). Observatório das Desigualdades. <https://doi.org/10.15847/ciesod2020futuroigualdade>
- Torres, A., et al. (2018). *Género na infância e juventude: educação, trabalho, família e condições de vida em Portugal e na Europa*. [www.analiatorres.com](http://www.analiatorres.com)
- Vieira, C. P. (2022). Prefácio- Falas sobre Juventudes, em Tempos de Pandemia: Introdução ao Discurso. In *Dialogando sobre Juventudes* (pp. 11–18). Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação. <https://doi.org/10.29327/556662>
- Xerez, R., et al. (2019). *Habitação Própria em Portugal numa Perspetiva Intergeracional*. Fundação Calouste Gulbenkian. [https://cdn.gulbenkian.pt/de-hoje-para-amanha/wp-content/uploads/sites/46/2022/02/JI\\_6\\_Habitacao\\_PT\\_IMP\\_v1.pdf](https://cdn.gulbenkian.pt/de-hoje-para-amanha/wp-content/uploads/sites/46/2022/02/JI_6_Habitacao_PT_IMP_v1.pdf)

## APÊNDICES

## APÊNDICE A- Guião de Entrevista

### Guião de Entrevista

A presente entrevista tem como objetivo compreender o processo de autonomização habitacional dos jovens adultos portugueses, entre os 20 e os 35 anos, na saída de casa da família de origem em tempo de pandemia COVID-19, considerando experiências, motivações e perceções sobre sair de casa da família de origem em tempos de pandemia COVID-19.

<b>1. Identificação da Entrevista</b>
Nº da Entrevista: _____
Data: _____ Hora: I _____ F _____ Local: _____
Observações:
_____
_____
_____
_____

#### 2. Identificação do Entrevistado/a

2.1. Sexo:

2.2. Idade:

2.3. Naturalidade:

2.4. Concelho Residência:

2.5. Escolaridade:

2.6. Nº Filhos:

3. Neste momento encontra-se a trabalhar? (Situação face ao trabalho (se desempregado, último trabalho) (profissão; descrição de funções e tipo de contrato; rendimento médio mensal).

#### 4. Experiências Sobre O Sair De Casa

4.1. Casa atual: Descrição e caracterização da residência atual; com quem vive atualmente? A casa em que reside é alugada, casa própria, casa de familiares, casa de amigos, outra situação?

4.2. O que/qual considera ter sido a primeira experiência(as) que definiu a sua entrada na vida adulta? Porque (caso seja a saída de casa da família de origem)? Considera a saída de casa uma experiência importante para a entrada na vida adulta?

4.3. Portugal é um dos países europeus onde os jovens saem mais tarde de casa (Eurostat, 2022). Porque é que acha que isso acontece?

4.4. O que significou para si sair de casa da família de origem?

4.5. Fale-me da sua saída da casa da família de origem (desde a primeira saída). Quando e como foi? Com que idade? Saiu sozinho? Com amigos? Com outros familiares? Com companheiro/a? Como se sentiu em relação a isso? Como considera que eram as condições da habitação face ao seu custo? Como foi feita a procura da habitação? Quais as condições de aluguer/ compra exigidas? Como se sentiu nessa procura? Como foi o processo de alugar ou comprar? Teve apoio de alguém na procura (monetário e/ou outro)?

4.6. Para além da casa de família de origem e a atual habitação, já residiu noutra casa? Se sim, porque mudou? Quantas habitações já teve para além da atual?

4.7. O que motivou a saída de casa da família de origem?

4.8. Sente que as expectativas que tinha em relação à saída de casa foram correspondidas?

4.8. Consegue identificar benefícios da saída de casa da família de origem?

4.9. Consegue identificar constrangimentos e dificuldades no processo de saída de casa da família de origem?

4.10. Como organiza/organizava a sua gestão financeira para fazer face às despesas habitacionais e outras (alimentação, gás, eletricidade, lazer, etc). Considera que seja fácil gerir tudo? E despesas inesperadas? Poupanças?

4.11 Considera que o seu rendimento e/ou rendimento do agregado é suficiente para fazer face às despesas que tem?

## **5. Família, Estado, Apoios e Gestão**

5.1. Quem é para si a sua família de origem? (Composição Família de Origem; Escolaridade e Profissão dos Pais (se desempregados ou reformados perguntar qual a última profissão exercida) e rendimento mensal do agregado; Descrição da residência da família de origem.

5.2. Qual foi a reação da sua família quando lhes disse que ia sair de casa? Como se sentiu em relação a isso?

5.3. Neste processo de saída casa da família de origem que papel deteve a sua família? Apoiou/ apoia de alguma forma? Quando? Como? (monetário, outro?)

5.3.1. E do estado? Quais? Como foi o processo de acesso a esses apoios? Como se sentiu? Outro tipo de apoios, quais?

5.4. Sente que os apoios dados pela sua família serviram de incentivo a continuidade da autonomização habitacional ou o contrário?

5.5. Após a saída de casa da família de origem alguma vez retornou ou pensou em retornar à casa da família de origem? Se sim, porquê? Se não, porquê? Se tivesse de sair da sua casa, voltar para casa da sua família de origem seria um opção? E Alguma vez os seus pais lhe disseram que poderia/deveria voltar para casa dele? se sim, em que situações isso aconteceu? **\* Unicamente para os jovens que saíram e não voltaram a casa de origem\***

5.6. Sentiu diferenças na convivência com a sua família após sair de casa da sua família de origem?

**\*6. Os jovens que voltaram para casa da família de origem:\***

6.1. Porque sentiu necessidade de retomar a casa da sua família de origem? Quando é que isso foi?

6.2. Como se sentiu após ter voltado para a casa da sua família?

Consegue identificar benefícios? E dificuldades/ constrangimentos?

6.3. Sentiu diferenças na convivência com a sua família após voltar para casa da sua família de origem?

6.4. Futuramente, procura sair da casa da sua família de origem?

6.4.1. Se sim, que condições considera que precisa de ter e/ou fazer para voltar a sair de casa da sua família?

## **7. Pandemia Covid-19:**

7.1. Durante a crise pandémica/ quarentenas onde ficou? Como se sentiu em relação a isso?

7.2. A pandemia COVID-19 teve algum impacto na saída de casa da família de origem?

**\*7.3. Durante a crise pandémica pensou em retornar a casa da sua família de origem?\*** **\* Unicamente para os jovens que saíram e não voltaram a casa de origem\***

7.4. A pandemia COVID-19 teve algum impacto na sua vida laboral e/ou escolar?

7.5. Na sua perspetiva, a nível social, a pandemia covid-19 provocou algumas alterações a nível escolar, laboral ou de habitação? Se sim, quais?

7.6. No futuro, quais os seus principais objetivos a nível laboral, habitacional e familiar? Como se sente em relação a esses objetivos?

7.7. Neste momento, o que pensa sobre as questões habitacionais em Portugal?

## APÊNDICE B- Consentimento Informado



### Consentimento Informado

A presente entrevista tem como objetivo compreender o processo de autonomização habitacional dos jovens adultos portugueses, entre os 20 e os 35 anos, na saída de casa da família de origem em tempo de pandemia COVID-19, considerando experiências, motivações e perceções sobre sair de casa da família de origem em tempos de pandemia COVID-19.

A entrevista insere-se no âmbito da Dissertação de Mestrado em Família e Género ministrada pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, realizada pela aluna Carina Maia com a orientação da Professora Doutora Diana Maciel.

A entrevista obedece aos princípios éticos e deontológicos de confidencialidade e proteção das fontes recolhidas, sendo os dados fornecidos anónimos e confidenciais, utilizados exclusivamente para fins de investigação científica.

A entrevista pode ser interrompida ou suspensa a qualquer momento, caso o entrevistado/a assim o deseje. A duração prevista de entrevista é de 45 minutos.

É feita a gravação áudio da entrevista, com a autorização prévia do entrevistado/a, sendo o seu uso inteiramente exclusivo para o desenvolvimento da investigação em curso.

Cada entrevistado/a ficará com uma cópia do consentimento informado, podendo a qualquer momento desistir da colaboração.

#### Contactos:

- Carina Maia (aluna) [carinaagrmaia@gmail.com](mailto:carinaagrmaia@gmail.com)
- Professora Diana Maciel (orientadora de dissertação) [dmaciel@iscsp.ulisboa.pt](mailto:dmaciel@iscsp.ulisboa.pt) ou [maciel.diana@gmail.com](mailto:maciel.diana@gmail.com)

Concordo

Não Concordo

Data:

Lisboa, \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Assinatura:

\_\_\_\_\_

Muito obrigada pela participação!

## APÊNDICE C- Sínteses Capítulo III

### Síntese 1: Experiências e Padrões de Mudança

#### Em Suma

- A educação é dos principais motivos que levam os/as jovens a saírem de casa da família de origem. A continuação dos estudos reduz a idade da primeira saída, mas aumenta a probabilidade de regresso.
- Os homens saem mais motivados pelo trabalho (não identificado por nenhuma mulher), o que pode ser explicado, em parte, pelo maior abandono escolar e pelos papéis e expectativas de género. Por outro lado, as mulheres destacam a conjugalidade como motivo mais frequente para sair de casa (não identificado por nenhum homem).
- Outro fator impulsionador da autonomização juvenil, ainda mais evidenciado nas mulheres, é a existência de problemas familiares, o que reduz a probabilidade de regresso à casa de origem.
- Mesmo em condições de total ou relativa estabilidade habitacional, profissional e/ou monetárias, os/as jovens procuram sair de casa pela procura de espaço e liberdade.
- O principal destino da autonomização dos/as entrevistados foram as residências universitárias, dado o elevado nível de escolaridade do grupo. Jovens em situações de conjugalidade (com mais de um rendimento disponível) preferem alugar casas, enquanto aqueles com apoio financeiro dos/as pais/mães parecem mais capazes de aceder a quartos alugados. O arrendamento de quartos e a partilha de casas, com amigos ou desconhecidos, são estratégias comuns para lidar com as exigências do mercado habitacional. Destaca-se, contudo, a importância dos apoios estatais e familiares (monetários e habitacionais).
- Alguns/mas entrevistados/as autonomizaram-se para segundas habitações próprias da família de origem, disponíveis para habitar, o que reflete a influência das condições socioeconómicas dos/as pais/mães. Observa-se que as/os jovens que se autonomizam da habitação de origem para a habitação de outro familiar, têm usualmente rendimentos menores.
- A maioria dos/as jovens saiu de casa sozinho/a. As mulheres demonstram maior flexibilidade nas opções habitacionais e os homens seguem percursos mais individuais, influenciado, mais uma vez, pelos recursos económicos disponíveis.
- Os motivos para as mudanças habitacionais variam entre: educação (mudanças por realização de estágios; fim dos estudos); profissionais (início e fim de empregos); relacionais (rutas amorosas, nascimento de filhos, mudanças familiares); condições habitacionais (o aumento das rendas, precariedade de algumas moradias e crescente transformação de imóveis em alojamentos locais). A pandemia COVID-19 também impulsionou mudanças de habitação entre os jovens.

## Síntese 2: Benefícios e Constrangimentos

### Em Suma

- Em geral, a saída de casa da família de origem é considerada pelas/os jovens como uma experiência positiva que correspondeu às expectativas, ainda que algumas/uns esperassem que fosse mais fácil, em termos de gestão diária e doméstica. Principalmente, jovens com elevados níveis de conforto familiar. Para os/as jovens cujas expectativas não foram correspondidas, a saída é associada a sentimentos negativos (ansiedade/medo/solidão), motivados em grande parte pelas dificuldades em aceder e manter um acesso não constrangido ao mercado habitacional e profissional. Ainda assim reconhecem recompensas (liberdade). Para os/as jovens que enfrentam percursos de autonomização constituídos por avanços e retrocessos, os sentimentos revelam-se ambivalentes.
- O distanciamento familiar evidencia ser um dos principais benefícios da saída de casa, especialmente quando o ambiente familiar é negativo. Muitas/os jovens relatam melhorias na saúde mental e nas relações familiares, previamente tensas, particularmente no caso das mulheres. Já os homens, embora a saúde mental tenha melhorado, as relações familiares tensas geralmente permaneceram inalteradas. Quando o/a jovem representa um apoio financeiro para a família de origem (limitando a sua autonomia), revela que ao sair de casa, consegue gerir melhor o próprio dinheiro e economizar. A independência, aquisição de responsabilidades, liberdade e crescimento pessoal/social são apontados como benefícios por quase todos os/as entrevistados/as. Outro benefício mencionado é a possibilidade de ter o próprio espaço, uma necessidade reconhecida. Os benefícios são cumulativos.
- Os/As jovens mencionam constrangimentos de ordem relacional (rugas amorosas, solidão e saudades da família, e partilha de espaços com outras pessoas); doméstica (dificuldades na gestão doméstica habitacional, conexas ao aumento de responsabilidades).
- Do ponto de vista estrutural, as/os jovens enfrentam dificuldades no acesso (existência de) a apoios, como bolsas de estudo; problemas relacionados com as condições habitacionais precárias e a falta de privacidade. Para se autonomizarem, muitos/as jovens acabam por residir em habitações com menos condições, para que correspondam aos seus rendimentos/recursos. Todas estas questões remetem para constrangimentos financeiros e a imprevisibilidade do mercado habitacional.

### Síntese 3: O Papel da Família de Origem na Saída de Casa

#### Em Suma

- As reações da família de origem à saída de casa dos/as jovens variam de acordo com diversos fatores, nomeadamente: a distância da habitação de origem-destino, o nível de preparação prévia e o nível de participação parental no decorrer do processo. Quando a distância é maior e há uma relação familiar próxima, a reação tende a ser mais negativa, especialmente se a saída não foi discutida previamente e não houve uma participação parental ativa. No entanto, se os/as pais/mães estavam à espera e participaram ativamente no processo, a aceitação é mais fácil e confiante.
- A experiência dos pais/mães sobre a sua própria autonomização e o contexto social influenciam igualmente a aceitação da saída dos/as jovens. Ter irmãos/ãs mais velhos/as que passaram por esse processo também ajuda a aumentar a confiança dos/as pais/mães nos/as filhos/as mais novos.
- Os pais/mães tendem a aceitar melhor a saída quando o motivo é escolar e/ou conjugal. No caso dos/as jovens que saem para estudar, a saída é muitas vezes visualizada como temporária tornando a reação familiar neutra, já que esperam o retorno dos/as filhos/as após a conclusão.
- Sobre a relação com a família, aqueles que já tinham relações negativas tendem a mantê-las assim, exacerbadas por culpabilização e responsabilização sobre papéis não correspondidos (filho/a, irmã/o). Noutros casos, a relação melhora com o tempo (devido ao crescimento pessoal e à criação de espaços individuais). Para alguns/as, a relação familiar permanece estável, com comunicação e apoio mútuo.
- A família de origem desempenha um papel importante a nível de educação (no apoio burocrático ou financeiro relacionado à educação, como o pagamento de propinas); prático (apoio de bens e na logística da mudança). Para os/as jovens com filhos/as, o apoio estende-se à articulação trabalho-vida familiar.
- No caso de famílias com negócios ou propriedades habitacionais, o apoio incluiu o acesso a emprego e habitação (com distinções, a nível do tipo de apoio e duração, entre a família nuclear e afastada).
- Muitos jovens consideram a possibilidade de voltar para casa em momentos de crise, mas priorizam/valorizam a independência. Alguns rejeitam essa ideia completamente, temendo os retrocessos a nível do desenvolvimento pessoal.
- Outros tipos de apoio incluem o Estado (como bolsas de estudo e residências universitárias, sendo valorizados, embora considerados insuficientes); amigos/as (apoio emocional); e em alguns casos, apoio informal, como o apoio de senhorios.

## Síntese 4: O Regresso a Casa da Família de Origem

### Em Suma

- As questões estruturais motivam, na generalidade, os/as jovens a regressar à casa da família de origem (dificuldades no acesso à habitação; falta de habitação acessível; dificuldade na inserção do mercado de trabalho, especialmente no término dos estudos e agravado pela pandemia COVID-19). Para alguns/mas, o regresso é uma escolha ponderada, enquanto para outros/as é a única opção dadas as restrições e constrangimentos.
- Muitos/as jovens regressam a casa da família de origem (durante os estudos e/ou no seu término) pelo peso que a habitação representa nos orçamentos familiares ou porque não conseguem efetivar uma transição profissional/financeira bem sucedida.
- Visualizaram-se regressos a casa forçados pela situação de pandemia COVID-19. Para aqueles com relações familiares problemáticas, o regresso foi emocionalmente difícil e, logo que possível, os/as jovens autonomizaram-se. Já para jovens com boas relações familiares, o regresso (mais prolongado) foi encarado de forma positiva, proporcionando segurança num período de incerteza.
- Apesar de alguns benefícios, como a possibilidade de efetuar poupanças e estar mais focados/as nos estudos, os/as jovens relatam sentimentos negativos ao regressar (retrocesso na independência, tristeza e impotência). Constrangimentos como a perda de autonomia, tensões familiares, isolamento social e dificuldades na gestão de espaço/privacidade são comuns, especialmente para aqueles/as com relações amorosas à distância. Além disso, enfrentam dificuldades em sair de novo por falta de recursos e por ficarem acomodados com a situação. Ao regressar, a segurança e conforto oferecidos pela casa da família pode gerar receio em tomar decisões arriscadas, levando-os a permanecer mais tempo na casa dos/as pais/mães.
- O relacionamento familiar após o regresso tende a sofrer alterações. As/Os jovens revelam alguma perda de liberdade, autonomia e infantilização por parte dos/as pais/mães. Nalguns casos, ocorre uma "parentificação", onde os jovens, especialmente as mulheres, assumem o papel de cuidadoras dos/as pais/ mães, à medida que estes envelhecem- potenciado pela COVID-19.
- A maioria dos/as jovens expressa desejo de sair de casa, mas enfrentam incertezas e receio quanto ao futuro. Mesmo aqueles/as que já saíram ou estão a planear sair demonstram preocupação com a instabilidade financeira e o acesso a trabalho/habitação.

## Síntese 5: A Pandemia e a Saída de Casa

### Em Suma

- Os impactos da pandemia na autonomização juvenil variam conforme a situação social/económica prévia, realçando vulnerabilidades e reforçando o desejo de voltar para casa da família de origem, por medo e necessidade de segurança. As diferenças individuais na perspetiva e vivência das situações catastróficas moderaram os impactos.
- Aqueles/as em situações habitacionais estáveis, com empregos e autonomizações de longa duração, não identificaram grandes mudanças. Os/as que tiveram recursos, apoios e estabilidade económica/profissional/habitacional não sentiram tanto os efeitos advindos da pandemia, enquanto os/as mais vulneráveis enfrentaram maiores dificuldades. O impacto positivo da inserção no mercado de trabalho foi evidenciado, pois proporcionou maior autonomia aos/às jovens.
- Alguns/as jovens já tinham regressado a casa da família de origem antes da pandemia ou fizeram um retorno temporário devido às exigências do período. Nota-se uma diferença de género. Mais mulheres a regressar a casa da família de origem antes da COVID-19, em comparação com os homens
- A nível profissional, nota-se que houve uma facilidade em encontrar emprego em áreas essenciais durante a pandemia, especialmente na saúde, com aumento de rendimentos e valorização dessas profissões. Por outro lado, muitos/as enfrentaram dificuldades (demissões, dificuldades em ingressar no mercado de trabalho pela primeira vez e reduções de salário). A nível da educação, os métodos de ensino transformaram-se, e se alguns/mas jovens conseguiram adaptar-se bem ao ensino à distância, outros/as enfrentaram dificuldades devido à falta de aulas práticas, estágios e materiais de estudo, o que impactou a aprendizagem e o desempenho académico. A nível pessoal/social, os/as jovens mencionaram o isolamento, o medo e mudanças nas interações sociais, com impactos na saúde mental e física. Apesar disso, destacam um crescimento pessoal durante este período.
- Em relação aos objetivos futuros, os/as jovens destacam o concluir/prosseguir dos estudos, alcançar sucesso no trabalho, melhorar condições profissionais, arranjar e/ou mudar de emprego, conseguindo uma boa articulação trabalho- família. A nível familiar, alguns expressam o desejo de ter mais filhos/as e constituir família. Na habitação, muitos/as aspiram a compra de casa e conseguir efetuar uma autonomização habitacional bem-sucedida. Aqueles/as com habitação estável procuram melhorar as condições habitacionais.

**APÊNDICE D- Tabela Dados Sociodemográficos Entrevistados/as**

Homens	E1- Tiago	E2- Manuel	E3- Santiago	E4-Martinho
<b>Idade</b>	29	29	35	31
<b>Escolaridade</b>	Licenciatura e Mestrado em Geologia	12º ano	A terminar Licenciatura em Sociologia	Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas e 1º ano de Mestrado
<b>Profissão</b>	Geólogo	Rececionista	Vigilante	Prestação de Serviços na área da saúde+ Bombeiro Voluntário
<b>Condição perante o trabalho</b>	Desempregado	Trabalhador por conta de outrem	Trabalhador por conta de outrem	Trabalhador por conta própria
<b>Tipo de Contrato</b>	*	Efetivo/ Sem Termo	Efetivo/ Sem Termo	Prestação de Serviços (Recibos Verdes)
<b>Rendimento médio mensal</b>	Poupanças ao momento / S/ rendimento	830-850 euros	1200 euros	300-350 euros
<b>Classe Social</b>	Profissionais e Técnicos de Enquadramento	Empregados/as Executantes	Empregados/as Executantes	Trabalhadores/as Independentes
<b>Parentalidade</b>	Não	Sim (1 filho+ 2 filhas)	Sim (1 filho)	Não
<b>Condição perante a habitação</b>	Casa partilhada com 1 amigo (Paga um quarto sem acesso a casa na totalidade)	Casa alugada com a esposa	Casa própria da família de origem no R/chão vivem os avós	Residência Universitária
<b>Renda da Habitação</b>	350 euros	438 euros	Não paga	Não paga (valor pago pela bolsa)
<b>Apoios</b>	S/ apoios	S/ apoios	S/ apoios	Bolsa de estudo/ Residência universitária

**Tabela 1- Dados Homens que Saíram de Casa da Família de Origem**

Homens	E5- Alexandre	E6- Ricardo	E7- Filipe
<b>Idade</b>	29	35	24
<b>Escolaridade</b>	Licenciatura em Geologia	Licenciatura e Mestrado em Geologia Geotecnia	Licenciatura e a terminar o Mestrado em Arquitetura
<b>Profissão</b>	Manutenção de Hotel	Geólogo de Geotecnia	Prestação de Serviços na área da saúde+ Estagiário em Arquitetura
<b>Condição perante o trabalho</b>	Trabalhador por conta de outrem	Trabalhador por conta de outrem	Trabalhador por conta própria
<b>Tipo de Contrato</b>	Contrato a Termo Certo de 8 meses	Contrato de 1 ano	Prestação de Serviços (Recibos Verdes)
<b>Rendimento médio mensal</b>	750/800 euros	800 euros+ 350 de casa própria que alugou	600 euros
<b>Classe Social</b>	Empregados/as Executantes	Profissionais e Técnicos de Enquadramento	Trabalhadores/as Independentes
<b>Parentalidade</b>	Não	Não	Não
<b>Condição perante a habitação</b>	Quarto alugado em casa partilhada c/ 2 pessoas	Quarto alugado em casa partilhada c/ 2 pessoas	Residência Universitária
<b>Voltou P/ Casa P/pandemia</b>	Sim	Sim	Sim
<b>Renda da Habitação</b>	420 euros	420 euros	Não paga (valor pago pela bolsa)
<b>Apoios</b>	S/ apoios	Bolsa de estudo/ Residência universitária/Crédito Jovem	Bolsa de estudo/ Residência universitária

**Tabela 2- Dados Homens que Saíram da Casa da Família de Origem e Regressaram**

Mulheres	E8- Ana	E9- Telma	E10- Madalena	E11- Benedita	E12- Mariana
<b>Idade</b>	27	33	26	23	33
<b>Escolaridade</b>	Licenciatura e Mestrado em Reabilitação Psicomotora	Licenciatura em Design	Licenciatura em Serviço Social, a terminar Mestrado em Gerontologia Social	12º ano	Licenciatura e Mestrado em Ciências Biomédicas
<b>Profissão</b>	Administrativa + Baby-sitter (Part-time)	Administrativa Clínica	Prestação de Serviços na área da saúde	Administrativa Clínica	Técnica de Análises Laboratoriais
<b>Condição perante o trabalho</b>	Trabalhador por contra de outrem + Trabalhador por conta própria	Trabalhador por contra de outrem	Trabalhador por conta própria	Trabalhador por contra de outrem	Trabalhador por contra de outrem
<b>Tipo de Contrato</b>	Contrato de 6 meses renovável	Efetivo/ Sem Termo	Prestação de Serviços (Recibos Verdes)	Contrato de 1 ano	Efetivo/ Sem Termo
<b>Rendimento médio mensal</b>	825/830 euros	800 euros	400/500 euros	750 euros	1200 euros
<b>Classe Social</b>	Empregados/as Executantes	Empregados/as Executantes	Trabalhadores/as Independentes	Empregados/as Executantes	Profissionais e Técnicos de Enquadramento
<b>Parentalidade</b>	Não	Sim (1 filha)	Não	Não	Não
<b>Condição perante a habitação</b>	Casa partilhada c/ 2 amigas (dividem o total)	Casa própria (vive com marido e filha)	Residência Universitária (partilha quarto c/ 1 pessoa)	Casa própria oferecida pelos pais (vive com o namorado)	Casa própria (vive com marido)
<b>Renda da Habitação</b>	267 sem apoios (185 euros c/apoios)	Paga mensalmente ao banco (não especificou)	Não paga (valor pago pela bolsa)	Não paga	Paga mensalmente ao banco (não especificou)
<b>Apoios</b>	Porta 65	S/ apoios à habitação   Apoio inicial do Senhorio para a entrada da casa	Bolsa de estudo/ Residência universitária	S/ apoios	S/ apoios à habitação   Apoio inicial dos pais para entrada da casa

**Tabela 3- Dados Mulheres que Saíram de Casa da Família de Origem**

Mulheres	E13- Amélia	E14- Camila	E15- Eunice	E16- Maria	E17- Antónia
<b>Idade</b>	28	24	26	28	26
<b>Escolaridade</b>	Licenciatura e Pós-Graduação em Antropologia	Estudante de Medicina (6º ano)	Licenciatura em Serviço Social, Mestrado em Gerontologia Social	Licenciatura em Geologia e Mestrado em Engenharia Geológica e de Minas	Licenciatura em Gestão
<b>Profissão</b>	Assistente Operacional	Estudante	Assistente Social	Geóloga	Marketing Digital
<b>Condição perante o trabalho</b>	Trabalhador por conta de outrem	Estudante/ Desempregada	Estágio Profissional	Estágio de 9 meses	Trabalhador por conta de outrem
<b>Tipo de Contrato</b>	Contrato a termo incerto	*	Estágio Profissional	Estágio	Contrato a termo renovável (quase efetiva)
<b>Rendimento médio mensal</b>	800/900 euros	*	600 euros	900 euros	820 euros
<b>Classe Social</b>	Empregados/as Executantes	Profissionais e Técnicos de Enquadramento	Profissionais e Técnicos de Enquadramento	Profissionais e Técnicos de Enquadramento	Profissionais e Técnicos de Enquadramento
<b>Parentalidade</b>	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Condição perante a habitação</b>	Casa da Família de Origem	Casa da Família de Origem	Casa da Família de Origem	Casa da Família de Origem s/a Família	Casa da Família de Origem
<b>Voltou P/ Casa P/pandemia</b>	Não	Não	Sim	Sim	Não
<b>Renda da Habitação</b>	Não paga	Não paga	Não paga	Não paga	Não paga
<b>Apoios</b>	Residência Universitária enquanto estudante paga sem bolsa/ atualmente nenhum	Residência Universitária / atualmente bolsas de estudo	Não	Não	Residência Universitária enquanto estudante paga sem bolsa/ atualmente nenhum

**Tabela 4- Dados Mulheres que Saíram da Casa da Família de Origem e Regressaram**

<b>Homens que saíram de casa</b>	
<b>E01-</b>	Tiago/ 29 anos/ Mestrado em Geologia/ Desempregado Casa partilhada com 1 amigo (Paga um quarto sem acesso a casa na totalidade)- 350 euros sem apoios
<b>E02-</b>	Manuel/ 29 anos/ 12º ano/ Rececionista Casa alugada com a esposa- 438 euros sem apoios
<b>E03-</b>	Santiago/ 35 anos/ A terminar licenciatura/ Vigilante Casa própria da família de origem no R/chão vivem os avós- não paga
<b>E04-</b>	Martinho/ 31 anos/ Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas e 1º ano de Mestrado/ Prestação de serviços Residência Universitária- não paga/ apoio de bolsa de estudo que paga residência universitária
<b>Homens que saíram de casa e voltaram</b>	
<b>E05-</b>	Alexandre/ 29 anos/ Licenciatura em Geologia/ Manutenção em hotel Voltou para casa na pandemia/ Quarto alugado em casa partilhada c/ 2 pessoas- 420 euros sem apoios
<b>E06-</b>	Ricardo/ 35 anos/ Licenciatura e Mestrado em Geologia Geotecnia/ Geólogo de Geotecnia Voltou para casa na pandemia/ Quarto alugado em casa partilhada c/ 2 pessoas- 420 euros sem apoios
<b>E07-</b>	Filipe/ 24 anos/ Licenciatura e a terminar o Mestrado em Arquitetura/ Prestação de Serviços na área da saúde + Estagiário em Arquitetura Voltou para casa na pandemia/ Residência Universitária- não paga/ apoio de bolsa de estudo que paga residência universitária
<b>Mulheres que saíram de casa</b>	
<b>E08-</b>	Ana/ 27 anos/ Licenciatura e Mestrado em Reabilitação Psicomotora/ Administrativa + Baby-sitter Casa partilhada c/ 2 amigas (dividem o total)- 267 sem apoios (185 euros c/apoios- Porta 65)
<b>E09-</b>	Telma/ 33 anos/ Licenciatura em Design/ Administrativa Clínica Casa própria (vive com marido e filha)/ Paga valor mensalmente ao banco (não especificou)/ S/ apoios à habitação   Apoio inicial do Senhorio para a entrada da casa
<b>E10-</b>	Madalena/ 26 anos/ Licenciatura em Serviço Social, a terminar Mestrado em Gerontologia Social/ Prestação de Serviços na área da saúde Residência Universitária- não paga/ apoio de bolsa de estudo que paga residência universitária
<b>E11-</b>	Benedita/ 23 anos/ 12º ano/ Administrativa Clínica Casa própria oferecida pelos pais (vive com o namorado)- não paga/ sem apoios
<b>E-12-</b>	Mariana/ 33 anos/ Licenciatura e Mestrado em Ciências Biomédicas/ Técnica de Análises Laboratoriais Casa própria (vive com marido)/ Paga mensalmente ao banco (não especificou)/ S/ apoios à habitação   Apoio inicial dos pais para entrada da casa
<b>Mulheres que saíram de casa e voltaram</b>	
<b>E13-</b>	Amélia/ 28 anos/ Licenciatura e Pós-Graduação em Antropologia/ Assistente Operacional Não voltou para casa na pandemia/ Casa da Família de Origem- não paga renda/ sem apoios
<b>E14-</b>	Camila/ 24 anos/ Estudante de Medicina (6º ano)/ desempregada Não voltou para casa na pandemia/ Casa da Família de Origem- não paga renda/ tem bolsa de estudo
<b>E15-</b>	Eunice/ 26 anos/ Licenciatura em Serviço Social, Mestrado em Gerontologia Social/ Assistente Social em Estágio Profissional Voltou para casa na pandemia/ Casa da Família de Origem- não paga renda/ sem apoios
<b>E16-</b>	Maria/ 28 anos/ Licenciatura em Geologia e Mestrado em Engenharia Geológica e de Minas/ Geóloga Estagiária Voltou para casa na pandemia/ Casa da Família de Origem s/ família- não paga renda/ sem apoios
<b>E17-</b>	Antónia/ 26 anos/ Licenciatura em Gestão/ Marketing Digital Voltou para casa na pandemia/ Casa da Família de Origem- não paga renda/ sem apoios

**Tabela 5- Dados Compilados Homens e Mulheres Entrevistados/as**

Entrevistado/a	Composição da Família de Origem	Escolaridade	Profissão	Rendimento Médio Mensal do Agregado	Residência de Origem
E01- Tiago, 29 anos, JQSC	pai; mãe; irmão; padrasto	7º/9º ano; 10º ano; 12º ano; 7º/9º ano	Sommelier; empregados de caixa	Mãe+ padrasto 2000 conjunto	Apartamento T3, 2 WC, sala de convívio, sala de estar, cozinha.
E02- Manuel, 29 anos, JQSC	pai; mãe	4º classe	Pasteleiro; Empregada de mesa	Sem dados	T3
E03- Santiago, 35 anos, JQSC	família materna	Mãe: 10º ano; pai- 6º/7º ano	Mãe- Operadora de máquinas; pai- dono de um franchising	900 (mãe)+ 3000 (pai)	Vivenda, T3 quartos (2 casas).
E04- Martinho, 31 anos JQSC	avós; irmã; padrinhos; primas	4º classe; irmã- 12º ano	Doméstica- reformada; avô gruísta- faleceu	Avó (600-700 euros)	Duas residências, não tinha as melhores condições+ casa no norte
E05- Alexandre, 29 anos JQSCR	pai; mãe; irmã	pais- sem dados; irmã- Doutoramento	Empresa própria; Armazém de flores; médica	800 euros (mãe)+ 3000 (pai)	Moradia+ duplex, jardim, garagem, sótão, cave, T3, sala, cozinha, casa de banho, quintal+ terreno
E06- Ricardo, 35 anos, JQSCR	pai; mãe; irmão	Sem dados	pai- faleceu; mãe reformada	Sem dados	Sem dados
E07- Filipe, 24 anos, JQSCR	ninguém	Sem dados	Sem dados	Sem dados	Sem dados
E08- Ana, 27 anos, JQSC	pai; mãe; irmã; avó; prima; tios	Sem dados	Assistente Operacional; Operadora de fábrica; Administrativa financeira	2300 total (pai/mãe)	Casa própria; 3 andares, garagem T4 quartos, 2 salas, 1 cozinha
E09- Telma, 33 anos, JQSC	pai; mãe;	12º ano; 9º ano	Segurança; Auxiliar de lar	2000 total	T3, cozinha casa de banho e sala.
E10- Madalena, 26 anos, JQSC	pai; mãe; irmão	Sem dados	Assistente Operacional: Telefonista	720-750 cada um	Moradia própria geminada; T3 despensa, 1 cozinha, 3 WC, 1 sala, 1 sótão
E11- Benedita, 23 anos, JQSC	pai; mãe; avós; primos; tios	Sem dados	Administradores (mãe reformada)	Sem dados	Casa própria- Moradia, T3+ 3 WC, sala, cozinha, sala de estar, quarto exterior, piscina
E12- Mariana, 33 anos, JQSC	pai; mãe	7º ano	Mecânico- empresa de alfais agrícolas; Empregada de hotel	820 euros+ 1000 (pai)	Vivenda, casa própria, T4, 2 garagens
E13- Amélia, 28 anos, JQSCR	pai; mãe; irmão	6º classe; 9º ano; 12º ano	Reformado (polícia); Doméstica; Manutenção	Pai- 1300 própria: 800/900	Casa própria, T3+ 2 WC+ 1 sala+ 1 cozinha
E14- Camila, 24 anos, JQSCR	pai; mãe; irmã	Sem dados	Construção Civil; Economista;	1400-1700 cada um	Casa Pai- Apartamento T3, sala, cozinha+ 2 WC; Casa Mãe- Vivenda T4+ 1 escritório+ 1 sala+ 1 cozinha
E15- Eunice, 26 anos, JQSCR	pai; mãe; irmão	7º ano; 11º anos; irmão- sem dados	Empregado de Mesa (sócio-gerente de um bar); Assistente técnica	700-900 cada um	Casa própria, T3+ 2 salas+ 2 casas de banho

					3 salas, cozinha, 1 garagem
E16- Maria, 28 anos, JQSCR	pai; mãe; irmã	12º ano; 9º ano; Mestrado	Companhia de Seguros; Irmã- Advogada	Sem dados	Sem dados
E17- Antónia, 26 anos, JQSCR	pai; mãe; irmãos	Bacharelato; Licenciatura; irmãos- sem dados	Agente Imobiliário; Membro Governo Regional	Sem dados	Casa própria; 3 andares; jardim; sala ext; sala de televisão, 4 quartos.

***Tabela 6- Dados Famílias de Origem de Entrevistados/as***

## **APÊNDICE E- Excertos de Entrevistas do Capítulo III**

### **Primeira Experiência de Entrada na Vida Adulta e a Importância da Saída de Casa**

- **O trabalho enquanto primeira experiência de entrada na vida adulta:**

*“Diria que se calhar foi mesmo este ano quando comecei a trabalhar. Porque foi a primeira noção do que é ter um horário de trabalho, o que é preciso para ter os próprios rendimentos, viver por conta própria...”*

**E07- Filipe, 24 anos, jovem que saiu e voltou para casa**

*“Acho que foi começar a trabalhar, pelo sentido de independência, começar a ter aquele ordenado para investir no futuro.”*

**E01- Tiago, 29 anos, jovem que saiu de casa**

- **Valorização de múltiplas experiências de entrada para a vida adulta; As mulheres valorizam mais a saída de casa do que homens:**

*“Eu sou da Madeira nunca tinha saído da Madeira até à faculdade e quando sai para vir para a faculdade, para mim, eu já considerei isso como uma primeira experiência relacionada com a vida adulta...”*

*“Foi quando comecei a ter os primeiros part-times, eu considero que a entrada é por fases.”*

*“... foi sair de um seio onde era muito protegida onde tinha a família, onde tinha tudo para um sítio completamente desconhecido onde não tinha nenhum apoio, nenhum suporte e onde tive de vir e aprender tudo sozinha, desenrascar-me sozinha, para mim essa foi a primeira experiência de vida real que tive.”*

**E08- Ana, 27 anos, jovem que saiu de casa**

*“Eu diria que, estou indecisa entre ter ido viver sozinha, ou quando... eu sempre trabalhei durante o verão em alguns voluntariados, mas houve um ano que eu trabalhei durante um mês e meio seguido, todos os dias, e sinto que isso se calhar tenha sido a experiência mais adulta, porque eu estava a ir para o trabalho todos os dias, (...) sinto que era muita responsabilidade, uma coisa diferente da faculdade e se calhar foi a primeira vez que trabalhei mais a sério.”*

**E14- Camila, 24 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

- **Distinção de género na importância da saída de casa:**

*“Mesmo que tenhas o dinheiro a viver em casa dos teus pais, epá estás sempre em casa dos teus pais. Não tens a tua casa, não estás a organizar a tua vida. (...) A partir do momento em que tu pagas as tuas contas, tu decides aquilo que fazes com o teu dinheiro, decides aquilo que fazes com o teu tempo (...) Fora o tempo que dás ao patrão no local de trabalho, pela primeira vez vais gerir o teu tempo pessoal.”*

**E06- Ricardo, 35 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

*“Sim, eu acho que é uma experiência essencial, mas é muito a nível de crescimento pessoal, de maturidade.”*

**E08- Ana, 27 anos, jovem que saiu de casa**

- **A importância da saída de casa: O assumir de novos papéis e responsabilidades:**

*“(...) o desvinculo com a proteção dos pais é, sem dúvida um fator importante. “*

**E03- Santiago, 35 anos, jovem que saiu de casa.**

*“...deu-me mais autonomia para perceber algumas coisas, para poder gerir a minha vida, também porque os meus pais, especialmente na altura que eu saí, eu tinha 19 anos e até essa data os meus pais era um pouco controladores, ou seja, um pedacinho mais para o conservadores e não me davam assim imensa liberdade e eu*

*sinto que foi muito bom para eu conseguir lá está, para eu fazer as minhas coisas, gerir os meus horários e, portanto, foi muito bom.”*

**E14- Camila, 24 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

## Gestão Financeira

- **Jovens que vivem foram da casa de origem e dependem total ou parcialmente a nível financeiro da família de origem para fazer face a determinadas despesas:**

*“Inicialmente, eu mandava ao meu pai aquilo que era para pagar e ele pagava a residência, as propinas. Pagava ele as coisinhas todas. Só que depois, imagina, ele dava-me X para autocarro e para comida, para não sei quê, e eu às vezes esquecia-me de pagar a residência ou assim. Então ele começou-me a dar, na altura, acho que era 350 euros ou 400 euros por mês e eu tinha que pagar tudo. Eu tinha que pagar a residência, tinha que pagar o que fosse da faculdade, eu tinha que pagar a comida, tinha que pagar um autocarro (...) E viagens para casa. Então eu tinha que gerir o meu próprio dinheiro. (...) Ao início, até foi mais ou menos. Depois, tipo mais para a frente, começou a ser um bocado mais complicado (...) eu acho que, ao início, era difícil, mas o meu pai não demonstrava tanto, estás a ver.”*

**E13- Amélia, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

- **Importância dos trabalhos esporádicos:**

*“Olha, só houve um período em que eu senti dificuldades, porque quando eu vim para Lisboa para trabalhar eu estudava também, ou seja, era, estava a meio termo, e na altura trabalhava a recibos verdes... na altura que estudava. No primeiro ano, para nós, profissionais de saúde, há uma isenção de iva e de segurança social(...) correu tudo muito bem, até ao momento que termina essa isenção”*

**E12- Mariana, 33 anos, jovem que saiu de casa**

*“... fazia uns biscates, mas era poder fazer as coisas que eu gostava e era porque não gostava de depender dos meus pais para tudo, mas tudo que eu precisava os meus pais davam-me...”*

**E17- Antónia, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

- **Gestão financeira despreocupada, mas ajustada aos ganhos:**

*“A partir daí, mal acabei o mestrado, comecei a trabalhar a tempo inteiro e, a partir daí, nunca mais precisei tanto dessa tal ajuda. Claro, já ganhei menos, agora ganho mais, mas nunca... sempre consegui ajustar os meus gastos ao que ganhava. (...) tive essa preocupação quando comprei casa, que era uma casa que eu sabia que nem que a minha prestação duplicasse que eu conseguia pagá-la na mesma. Tive essa preocupação, portanto não estou muito preocupada com essa parte.”*

**E12- Mariana, 33 anos, jovem que saiu de casa**

*“Sim, isso eu sou sincera, não pagando renda, não tendo nada para pagar neste caso de empréstimos nem nada, tendo o ordenado, o que ganho é o que tenho para gastar, consigo, água, luz tenho tudo bem organizado e chega suficientemente. Acredito que quem tenha de pagar renda ou empréstimos seja muito apertado, sim acredito. Dou-me como sortuda de não ter de pagar uma renda e não ter de pagar um empréstimo e sim chega-me perfeitamente, porque 100 euros dá-me para pagar quase as contas todas, esqueci-me televisão, água e luz, por isso. “*

**E11- Benedita, 23 anos, jovem que saiu de casa**

- **Gestão financeira mais cuidadosa:**

*“...estou a gerir com muito cuidado, evitar despesas adicionais, menos saídas, menos convívios, comprar o essencial e pagar as contas importantes, nomeadamente a casa e em termos de saúde, dentista, médico e afins.”*

**E01- Tiago, 29 anos, jovem que saiu de casa**

*“Olha eu tenho uma gestão, eu sou muito organizada e eu acho que isso ajuda e depois como eu tenho aqui dois part times sempre me vão dando aqui uma ajuda, eu separo sempre o dinheiro das contas é a primeira coisa que eu faço e depois vou gerindo o resto do dinheiro o resto do mês conforme as coisas vão surgindo eu não me privo muito das coisas, por exemplo se eu tiver uma amiga ou duas amigas naquele mês que fazem anos naquele mês eu não deixo de ir aos aniversários por causa do dinheiro, mas se calhar já poupo noutras*

*coisas ou tento diminuir noutras coisas vou sempre fazendo uma gestão consoante as coisas vão aparecendo sem sentir que estou aqui a faltar a alguma coisa importante por questões de dinheiro (...) portanto acho que é uma gestão muito passo a passo”*

**E08- Ana, 27 anos, jovem que saiu de casa**

*“Muita organização, primeiro paga-se as despesas, comida e depois o que sobrar é o restinho. Todos os dias eu faço cortes, antes por exemplo apetecia-me ir jantar fora , às vezes não posso. Prioridades, agora ainda com a pequenina há uma creche para pagar, a alimentação dela que essa, nós no final do mês podemos até comer uma massa com um atum, uma coisa que estica, para ela não, para ela é sempre fresco , do bom e do melhor dentro daquilo que nos sabemos, mas para ela isso não pode falhar não é, a prioridade é sempre as coisas boas para ela e os básicos, pelo menos, o essencial para nós e depois vem os extras, quando não dá para ter extras não se faz.”*

**E09- Telma, 33 anos, jovem que saiu de casa**

## A Saída de Casa da Família de Origem (Experiências e Padrões de Mudança)

### Padrões de Mudanças entre Habitações (Motivos):

- **Escolaridade:**

#### Mudanças para estágios ou formações complementares:

*“Muitas (mudanças de habitação), por um motivo, mudei três vezes porque estive três anos em Castelo Branco e no quarto ano, a nossa licenciatura é de quatro anos, e o quarto ano é estágio, portanto de mês e meio a mês e meio eu tinha que mudar de casa, então mudei bastantes vezes, porque o que nós fazíamos era, se tínhamos estágio em Beja, ia uma primeira pessoa para Beja e alugava o ano todo, mas as pessoas que iam ficando nessa casa ia sendo diferentes de mês e meio a mês e meio.”*

**E12- Mariana, 33 anos, jovem que saiu de casa**

*“Só no meu estágio, porque fui trabalhar para uma mina, no meu estágio curricular, estive em Castro Verde...”*

**E16- Maria, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

#### Término dos estudos:

*“Quando sai da residência continuei a viver sozinho e tive que procurar um quarto, uma casa para alugar nos arredores de Lisboa, não esta casa, outra. Essa procura foi também feita através de um amigo que já estava na respetiva casa, entrei em contacto com o mesmo e resolvemos o assunto, felizmente consegui fazer a mudança para lá. Nessa primeira casa pagava aproximadamente 350 euros também, neste caso não tive de pagar caução nenhuma.”*

**E01- Tiago, 29 anos, jovem que saiu de casa**

#### Regresso aos Estudos:

*“... depois decisões tomam-se, aos 27 anos decidi voltar a estudar então vim para Lisboa e aluguei a minha casa que atualmente é uma fonte de rendimento que tenho...”*

**E06- Ricardo, 35 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

- **Profissional:**

#### Mudanças de emprego:

*“Tive ainda noutra casa na Madeira, mas felizmente foi adquirida através da empresa onde fui trabalhar. A empresa é que dava acesso à casa pois eu estava a trabalhar fora, tecnicamente não tinha despesas relacionadas com a casa. A habitação estava incluída na proposta de trabalho. Foi um aspeto importante do trabalho, a proposta era trabalhar longe, num sitio novo, longe de familiares, longe do sitio habitual, onde não tinha habitação nenhuma, a empresa teria de facilitar a deslocação.”*

**E01- Tiago, 29 anos, jovem que saiu de casa**

#### Início/fim de empregos longe das residências de origem e/ou habitações iniciais:

*“... entretanto viajei para o Brasil, eu tinha 25 anos, aí sim foi a minha experiência muito mais independente. Fui preencher um projeto no Brasil a nível de informática. E estive lá cerca de 10 meses, portanto, cerca de um ano a minha ausência aqui fora de Portugal e depois quando voltei arranjei uma casa alugada (...) entretanto acabei por ir para aquela novamente [casa atual, segunda habitação própria da família de origem]...”*

**E03- Santiago, 35 anos, jovem que saiu de casa**

- **Relacional/ Familiar:**

*“...a meio desse ano letivo eu terminei essa relação e depois procurei um quarto em Aveio, ou seja, sai para procurar um quarto...”*

**E17- Antónia, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

- **Habitacional:**

**Transformação em AL:**

*“... a outra delas era suposto ter sido vendida para mais uma vez desenvolvimento de habitação local, e foi substituída , uma data de 40 e tal quartos ao ar para alojamento local...”*

**E04- Martinho, 31 anos, jovem que saiu de casa**

**Condições habitacionais:**

*“As condições eram péssimas, um quarto sem janela, um extrato do colchão cheio de pelos do cão das donas. Sem uma mesa de cabeceira nem nada, e tinha um ferro que fazia de guarda fato. Tinha uma cozinha muito pequena, onde o cão fazia as necessidades, a casa de banho era pequena e não tinha janela.”*

**E10- Madalena, 26 anos, jovem que saiu de casa**

*“Foi uma situação complicada porque a minha avó tem vários problemas e casa também, não tinha condições para estar lá daí depois procurado a residência, por isso não foi propriamente uma experiência muito agradável.”*

**E07- Filipe, 24 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

*“... eu tive até agora, percorri cerca de 3 residências universitárias porque tive de mudar, porque uma delas foi, estava em risco de ruir, tivemos de sair...”*

**E04- Martinho, 31 anos, jovem que saiu de casa**

- **COVID:**

*“Aqui na fase de COVID, eu ainda tinha mais uns meses de residência mas entretanto veio o COVID em março de 2020, a residência fecha porque houve lá um surto de COVID e entretanto eu trabalhava na altura em duas escolas ninguém sabia o que era o COVID e eu não queria voltar para casa porque tinha medo de infectar os meus pais e portanto fui para casa de uma amiga minha na Serra da Estrela, passei lá 1 mês e meio enquanto o país esteve em confinamento total sem trabalhar sem nada, e depois quando reabriu, porque entretanto fomos para lá as três, pensámos que já não íamos conseguir voltar para a residência e portanto “temos de encontrar um sitio para viver, não podemos ficar na serra para sempre, não estamos a ganhar dinheiro, não estamos a fazer nada da vida portanto temos de ir para Lisboa e para ir para Lisboa não podemos ir para a residência temos de alugar uma casa”. Foi este o processo, começamos logo a procurar casas a entrar em contacto com vários senhorios e depois marcamos uma entrevista com este nosso senhorio e quando nos viemos para Lisboa, dia 1 de Maio, quando viemos para Lisboa já foi para assinar contrato, já fomos lá a casa, já vimos a casa, já assinámos contrato, já fomos a residência buscar as coisas, portanto foi tudo muito seguido.”*

**E08- Ana, 27 anos, jovem que saiu de casa**

*“... na pandemia, não foi logo na pandemia, dois ou três meses a seguir, acabámos por sair, ele [colega de casa] também saiu, eu também sai e deixámos a casa lá, e eu voltei para Leiria, 2020.”*

**E05- Alexandre, 29 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

## O Papel da Família de Origem na Saída de Casa

- **Reação da família de origem à saída**

### Feliz no início; pressionante, negação, culpabilização e controlo depois:

**Controlo:** “... eles ficaram felizes, (...) Opa, foi fixe porque eu também queria, então fiquei feliz porque eles ficaram felizes. Só o depois quando eu saí é que eu não estava. Por exemplo, o meu pai ligava me todos os dias, a minha mãe, se eu não lhe ligasse, ela ficava amuada... Pronto cenas assim. Porque pronto estás a ver, filha de polícia é lixado e depois filha de polícia em Lisboa pior ainda, e tendo em conta que o meu pai trabalhou em Lisboa muitos anos pronto... eu ligava mesmo todos os dias e correu bem o dia, não sei, mas era cena rápida, “então está tudo bem sim? OK, Hoje vais sair. Não, Hoje vai sair para onde? Para tal sítio, OK, tem cuidado” pronto cenas assim, havia ali aquele controlo, mas eu também já tinha aqui e continuo a ter e tenho quase 30 anos. Falava quase todos os dias com os meus pais.”

#### E13- Amélia, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou

**Pressão:** “Mas quando eu fui para o Brasil foi muito, foi muito complicado.(...) houve muito impacto da distância, de saber que eventualmente poderíamos não manter o contato permanente que tínhamos. Houve muita pressão e mesmo depois o retorno para cá, o facto de eu ter ido para uma casa alugada em vez de ter voltado para vivenda, foi... eles pressionaram muito que ele voltasse e eu não queria voltar mesmo para garantir um pouco de Independência nesse aspeto. E houve alguma pressão, mas depois, entretanto, acabaram por compreender mais, ou por aceitar mais quando viram que eu estava há 2 minutos da casa deles, portanto.”

#### E03- Santiago, 35 anos, jovem que saiu de casa

**Culpabilização:** “A minha mãe ia tendo um ataque, achavam que estava a brincar, chorou e ainda hoje chora, o meu pai acho que ficou feliz e orgulhoso, ele nunca me disse, mas acho que ficou feliz por estar a fazer isto, mas ficou triste na mesma claro. O meu irmão culpa-me de ter saído de casa e o ter abandonado”

#### E10- Madalena, 26 anos, jovem que saiu de casa;

“Pá, o meu irmão, teve uma ligação estranha, não sei se se vale a pena explicar, mas estranhei mesmo, paranoica...”

#### E06-Ricardo, 35 anos, jovem que saiu de casa e regressou

**Negação:** “Não acreditaram. Pensava que eu, que estava na brincadeira porque nunca pensaram que seria o mais novo a sair mais cedo de casa [filho]. Epá, de certa forma aceitaram bem, no início pensavam que estava na brincadeira não quiseram acreditar, até ao certo ponto que que chego a casa já com a minha “chavinha” na mão de casa e disse, “está tudo pronto para ir embora”

#### E02-Manuel, 29 anos, jovem que saiu de casa

**Positivo- Nível de participação parental:** “...os meus pais já tinha ali naquela zona um apartamento e decidiram, sempre me disseram caso eu não me adaptasse, não me desse bem, eu voltaria, ainda hoje eu tenho o quarto dos meus pais montado exatamente como eu o deixei, um dia que volte tenho tudo exatamente como deixei...”

“Eu acho que também lá está, a parte de eles terem escolhido uma parte, não se perde ali a ligação, mas foi assim um bocadinho “tens a certeza?” mas sempre me conseguiram agarrar no “senão correr bem não tenhas problemas nenhuns em dar o passo, É um passo em frente, mas não tenhas problemas em dar o passo para atrás”. Tenho mesmo muita sorte, é o melhor que tenho na vida.”

#### E11- Benedita, 23 anos, jovem que saiu de casa.

### Positivo: Já estavam à espera e incentivaram

**A existência de irmãos/ãs mais velhos/as + Experiências dos pais moldam as visões das experiências dos/as filhos/as:** “Foi normal, eu tenho um irmão mais velho e é assim, os meus dois pais são de Lisboa, então o meu pai nasceu lá, mas veio para cá muito cedo, mas a minha mãe viveu lá e eles os dois, felizmente tem uma mentalidade muito aberta, então, eles acham que é fundamental que as pessoas saiam e vão conhecer e vejam e viajem e pronto, ou seja, ai de mim que eu não quisesse isso, é mais o contrário, ou seja não foi uma força

*para me agarrar a ficar, foi tipo, vai, vai, vê e vive e tira o curso e eu na verdade, nunca pensei estar na Madeira agora, mas na verdade o objetivo era eu ficar fora, não era voltar. “*

**E17- Antónia, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Maior facilidade em aceitar se o motivo forem os estudos:** *“Era esperado, já era esperado uma vez uma vez que não havia o curso cá. Portanto, claro que ficaram tristes. Era uma Filha a sair do ninho, claro que os pais ficam sempre, mas já era esperado, portanto, e sempre me apoiaram também a estudar, a sair.”*

**E15- Eunice, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Maior facilidade em aceitar se o motivo for vivência de relação amorosa:** *“Reagiram bem, eu acho que eles já estavam a perceber, a entender que eram esses os meus planos mais cedo ou mais tarde, também já tinha uma relação estável e eles acabaram por aceitar bem, já tinha 25 anos, portanto, já estava criada como se costuma dizer, se bem que eles dizem que vou hei de ser sempre a menina, ainda por cima filha única, mas não... foi aceite com suavidade, com leveza, foi bem aceite.”*

**E09- Telma, 33 anos, jovem que saiu de casa**

**Se socialmente for algo que se verifica realizar normativamente:** *“Acho que não era sequer uma coisa que eles não equacionavam, não é? Pelo menos no meu círculo de amigos, é muito isso. Acabas o 12º ano ou curso normal, sempre incentivaram a que eu saísse de casa”*

**E12- Mariana, 33 anos, jovem que saiu de casa**

- **Papel da família de origem durante o processo de saída:**

**Educação- apoio direto nas burocracias relacionadas com a educação ou monetárias relacionadas com o pagamento de propinas:** *“Sim, sim, sim. Sei me apoiaram e sempre, apesar de houve alturas em que estava, por exemplo, no mestrado não era possível, eu deixei de trabalhar, houve altura que deixei de trabalhar ou pelo menos a passar a part time para me empenhar mais no mestrado e não era possível se não houvesse esta ajuda por parte depois dos meus pais para ajudar a pagar depois as propinas”*

**E15- Eunice, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

*“E eu quando vem cá fazer a matrícula até vim com a minha mãe e irmã...”*

**E05- Alexandre, 29 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Bens essenciais não monetários /gestão/ logística da mudança:** *“A minha avó, normalmente quando eu ia lá eles sempre, ou me compravam roupa, roupa nova para eu usar, ou calçado, assim mais esse tipo de coisas, ou mandavam-me comida quando eu vinha visitar, eles monetariamente não conseguiam mesmo ajudar, era só mesmo complicado, já mesmo lá, a minha avó também tem asma e tem outras doenças e só o dinheiro que aquilo vai em medicamentos é uma coisa complicada, então eu próprio recusava-me a receber dinheiro”*

**E04- Martinho, 31 anos, jovem que saiu de casa;**

*“Não, simplesmente perguntaram se queria ajuda com o facto de mudar de casa, se eu precisava de ajuda para comprar algum eletrodoméstico ou afim, mas de ajudas mesmo ajudas, não”*

**E02-Manuel, 29 anos, jovem que saiu de casa**

**Articulação trabalho- família:** *“Quando podem ficam com a menina, se bem que eu sou muito mãe galinha, estou sempre a tentar, mas sim apoiam no que podem, vão buscá-la, quando eu preciso.”*

**E09- Telma, 33 anos, jovem que saiu de casa**

**Emprego:** *“Eu fui trabalhar como atendimento ao Público na Fidelidade, que a loja é do meu pai...”*

**E16- Maria, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Habitacional direta:** *“Então apoiam me, portanto, dando-me casa, por exemplo...”*

**E16- Maria, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou;**

*“... felizmente a minha família sempre teve algum património e eu sempre consegui ficar assegurado.”*

**E03- Santiago, 35 anos, jovem que saiu de casa;**

*“Cheguei e a minha sorte é que o meu primo estava cá com o namorado, na casa de uma amiga deles, ele falou com ela para eu ficar lá 2 dias, tive dois dias para arranjar um quarto”*

**E10- Madalena, 26 anos, jovem que saiu de casa;**

*“Em julho e agosto fiquei na casa de uns tios meus e em setembro desse mesmo ano procurei logo um quarto e vivi num quarto “*

**E12- Mariana, 33 anos, jovem que saiu de casa**

**Burocracias documental:** *“ ... na altura quando eu fui colocada a minha mãe ligou para lá, falou com a senhora e a senhora que tinha um lugar e 1 semana depois eu fui para lá, a primeira vez que fui a minha mãe foi comigo.”*

**E14- Camila, 24 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Na procura:** *“E cá vim na altura fiquei num quarto, pagava 180. Até foi a minha irmã que me ajudou a arranjar.”*

**E05- Alexandre, 29 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Enquanto fiadores:** *“... pedi, porque eu era a única das três com um agregado elegível para fiador, portanto quando eu lhes pedi para serem meus fiadores, uma coisa extremamente delicada, os meus pais não hesitaram a resposta deles foi sempre que sim que me ajudavam e sempre recebi muito muito apoio”*

**E08- Ana, 27 anos, jovem que saiu de casa;**

*“Tive o apoio dos meus pais na altura que acabaram por ser os fiadores, apesar de não serem os melhores fiadores por não terem valores muito altos, por isso é que tiveram de ser dois, mas acabaram por nos ajudar nessa parte porque se não, por ele não ser efetivo, não sei até que ponto dariam um empréstimo bancário.”*

**E09- Telma, 33 anos, jovem que saiu de casa;**

*“Honestamente acho que as pessoas o fazem-no mais difícil do que realmente é, tu precisas de uma coisa que é, dinheiro para entrada, pronto, tudo isso eu acho que é a parte mais fácil, burocraticamente não achei que fosse muito difícil, achei que fosse mais complicado. Tive apoio dos meus pais, tanto que eu viva sozinha e a casa era para mim e obviamente que eu não auferia se calhar valores de vencimento que me permitissem estar tão à vontade assim, então são os meus fiadores da casa, e acho que isso era uma condição importante para o banco para terem algum ponto de partida. “*

**E12- Mariana, 33 anos, jovem que saiu de casa**

**Monetário/económico:** *“Estava só a estudar, os meus pais os, meus pais é que me pagavam, financeiramente ainda não estava independente, estava dependente dos meus pais.”*

**E15- Eunice, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

*“... recebi alguns apoios por parte dos meus pais quando me acabaram as poupanças. “ ; “Mas estão sempre preocupados se tenho dinheiro para comer e para fazer as coisas que gosto, como o ginásio. E mesmo que eu diga que estou bem eles são pais e por isso dão-me de vez em quando dinheiro.”*

**E10- Madalena, 26 anos, jovem que saiu de casa**

*“Da parte da minha mãe sempre foi uma ajuda, pronto, financeira nos primeiros anos”*

**E07- Filipe, 24 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

- **Retomar a casa da família de origem?**

**Em parte, sim:** *“Todos os dias que estão comigo, sabes que estou numa fase da vida em que começam a falar muito dos filhos e então eles gostavam muito de ter os netos por perto e levar a escolinha e trazer da escolinha, porque a Sertã, sem sombra de dúvida, é o melhor sítio para se crescer sem sobra de dúvida. Mas pronto teria que ser mesmo uma casa própria, apesar que a minha mãe defende muito aquela questão do “Aí é uma vivenda tão grande. Estamos aqui sozinhos e vocês aqui cabiam bem”. “Pois não, não. não vai dar, obrigada.”*

**E12- Mariana, 33 anos, jovem que saiu de casa**

**Não pelo medo dos retrocessos a nível de desenvolvimento individual/pessoal:** *“Neste caso, era preferível porque eu tinha de manter o meu trabalho e tinha de conseguir manter isso para manter os rendimentos e continuar na faculdade e pagar as coisas a tempo, por isso e que eu não consegui mesmo ir, eu acho que*

mesmo que tivesse tido a oportunidade, talvez não fosse, porque o facto de eu ir para casa poderia pôr-me numa situação onde eu estava confortável de mais e se eu ficasse confortável de mais eu tinha receio de voltar a recair para aquilo que eu era um bocado antes e ficar um bocadinho desleixado com as coisas e ficar um bocadinho desleixado com os trabalhos, desleixado com o resto das coisas, com o não procurar se calhar trabalho.”

**E04- Martinho, 31 anos, jovem que saiu de casa**

**Só se não houvesse alternativa:** “Não, é assim os meus pais as vezes dizem que gostavam que vivêssemos todos juntos e tentar algo melhor, temos muito a utopia de uma moradia, uma coisa diferente, não estarmos dentro de uma caixinha, que é no fundo o que os apartamentos são, e para isso, até uma casa maior e vivíamos todos juntos, acho que todos os pais no fundo, ainda para mais desde que tem a neta, acaba por haver aquele sentimento de “estamos pertinho”, mas ainda ficaríamos mais perto, eu pessoalmente prefiro, não quer dizer que não haja um projeto, mas prefiro cada um na sua casa, e muito importante respeitarmos o espaço de cada um, e é saudável, e isso não quer dizer que eu não seja presente, muito pelo contrário, estou presente todos os dias, mas os espaços serem respeitados. É assim, se tivesse necessidade, eu sei que a porta dos meus pais está sempre aberta, mas sem essa necessidade não, já e o meu espaço.”

**E09- Telma, 33 anos, jovem que saiu de casa**

**Não:** “Não, quem dá um passo em frente não pode dar outro atrás. A opção seria arranjar apoios, nas câmaras municipais dão, não são para todos. Acho que o único apoio que vou ter em termos de casa, se precisar, é a minha companheira, se tivesse sozinha iria tentar arranjar um trabalho mais fixo, um ordenado mais fixo e que permitisse pagar um quarto, ia andar sempre apertada, mas como não estou sozinha as coisas tornam-se mais fáceis, a nível psicológico, monetário a divisão das contas ajuda, são duas pessoas a gerir, mas há também muitos fatores que podem excluir na procura de uma casa e tornar mais difícil, nomeadamente a minha sexualidade, o meu baixo rendimento, mesmo com poupanças, é uma questão de sorte no lugar certo.”

**E10- Madalena, 26 anos, jovem que saiu de casa**

Eu já não sinto que a minha casa de origem seja a minha casa, cada vez que vou lá sinto-me mais distante daquilo que era. Foi um ciclo que se fechou, é a minha família, mas quando lá estou já me sinto retraída em certas coisas. Parece que não é meu, mas eles sempre me deixaram a vontade, só sinto que não é a minha casa.”

**E10- Madalena, 26 anos, jovem que saiu de casa**

“Não, senti uma liberdade tremenda o facto de ter saído. Lá está porque a gente passa tanto tempo em casa, não com os pais, né? Que quando saís de casa para uma coisa, tua sentes uma liberdade tremenda.”

**E02-Manuel, 29 anos, jovem que saiu de casa**

**Sim:** “Já, várias vezes ao longo do caminho, porque nem sempre as coisas foram fáceis e vão aparecendo obstáculos, ou porque, para já porque eu tenho uma área muito difícil laboral, a minha área é muito difícil encontrar um trabalho que seja estável e fixo eu trabalhava a recibos verdes até à bem pouco tempo, até à uns meses atrás e portanto andava a saltitar de part time em part-time sem muita estabilidade portanto cada vez que eu saía de um trabalho para entrar noutra ou saía de um trabalho e tinha dificuldade em encontrar outro muitas vezes eu questionava-me até que ponto eu estava a lutar em vão, que estava a tentar a força uma coisa que se calhar não era para ser, ou quando estou mais em baixo eu questiono-me muitas vezes se não deveria voltar e dar um passo atrás e tentar outro caminho, especialmente quando tive que sair da área, foi uma coisa que eu questioneei muito.”

**E08-Ana- 27 anos, jovem que saiu de casa**

“Sim já pensei, há sempre aquela opção se algo correr mal ou a fim de voltar a casa porque é onde esta a família, não seria uma opção que eu escolheria, seria uma opção de último recurso, porque de momento, da minha parte depois de ter um nível de independência e estar sozinho é completamente diferente do que estar a viver com a família, e ao voltar para a família há sempre problemas adicionais e problemas também familiares que complicam as coisas. Nunca incentivaram a voltar, mas deixam sempre essa porta em aberto. “

**E01- Tiago, 29 anos, jovem que saiu de casa**

## O Regresso a Casa da Família de Origem

- **Sentimentos negativos do regresso:**

**Tristeza:** “De certa forma... foi voltar a uma realidade que de certa forma eu achava que já tinha fugido...”  
**E07- Filipe, 24 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Retrocesso e impotência** “Não sei se estás a perceber o retrocesso que isto é, uma pessoa que já viveu sozinha e ter que estar e viver em casa da tia para poder ter trabalho(...) Epá, eu durante 2 meses vivi de um favor, é isto. Eu com 35 anos vi-me numa situação em que a minha tia me disse “não chegues a casa tarde, porque a noite é perigoso” Pá e a verdade é que eu tive que cumprir, porque aquela casa não era minha e ela expulsavam dali se, quisesse, não estou dizendo que ela quisesse fazer, ou que sentisse bem ao fazê-lo, epá, mas a verdade é que foi um favor enorme. Portanto, eu, ao estar a viver nas condições dela que ela não era obrigada a ter-me lá, só tive que me sentir agradecido por isso, como é que foi essa experiência? Foi. Uma \*\*\*\*\*, desculpa a expressão. Foi voltar à infância. É um gajo com corpo de adulto, com vida de adulto que já sente em idade de ser independente, ter uma vida de adulto e, no entanto, ver-se a ele próprio a dar um passo atrás, um passo não, um salto gigantesco. É isto.”

**E06- Ricardo, 35 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

“Eu senti-me um bocado meio deprimida, (...) por uma coisa que não tinha sido bem escolha minha...”

**E16- Maria, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

“...eu na verdade, nunca pensei estar na Madeira agora, mas na verdade o objetivo era eu ficar fora, não era voltar.”

**E17- Antónia, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

“É assim, inicialmente senti que estava a dar um passo atrás e do que eu estava à espera porque estava à espera, manter-me em Lisboa...”

**E15- Eunice, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Perda de independência:** “Confesso que tive algumas saudades da vida da Madeira não só porque eu fazia e geria os meus horários como foi o contrato enorme (...) ter que avisar de tudo, eu gosto de sair a noite e assim, mas não sou uma pessoa que sai todas as semanas, e lá esta as coisas que fui pedindo não me limitavam imenso, mas era a questão de tinha de dar muito mais satisfações, tinha de ter o cuidado obviamente de avisar, não há cá planos de ultima hora como havia na Madeira e nisso eu sinto que era pior, mas pronto. Sinto que me deram alguma liberdade e não me senti presa quando cheguei a casa”

**E14- Camila, 24 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

“... depois quando tive que voltar já senti aquela coisa de dever satisfações e se, por exemplo, vou sair à noite aqui, aqui em Lisboa, chegava às horas que chegasse lá, os meus pais já me queriam colocar ordens outra vez, horas outra vez, eu ficava “não tipo, não faz sentido, 7 anos depois, estarem me a querer a fazer o mesmo, eu não sou a menina de 17 anos que saiu daqui”. E depois tive que fazer um bocado braço de ferro com eles para ver se eles entendiam que eu sou uma mulher adulta...”

**E16- Maria, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Dificuldade em sair de novo:** “Eu não tenho dinheiro para pagar uma renda. No ano passado andei à procura de casa, no entanto, eu queria comprar, em vez de alugar, porque, por exemplo, em Viseu aumentou como em todo o lado, mas em Viseu está uma coisa absurda para tu teres noção. Os quartos alugados a estudantes não há nada a menos de 200 EUR e em Viseu uma cidadezinha do interior.”

**E13- Amélia, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Inicialmente foi bom, mas depois mudou:** “Já sentia que não era ali que eu queria estar, já me saturava, estar sempre na casa dos pais. Sempre, no fundo, estava sempre com a família e ao fim de semana também estava muito cansado e já não tinha aquela vontade de ir fazer coisas, sair de casa para estar com os amigos, epá já não tinha, (...) voltei cá para Lisboa, estava a precisar de mudar de áreas vários e mudar o chip para ver se encaminho a minha vida no outro sentido. Há este desafio dos preços, mas tem que se ter um bocado de

coragem.”

**E05- Alexandre, 29 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

- **Constrangimentos:**

**Retrocesso na autonomia e liberdade** associado a **questões de dificuldade de aceitação e gestão emocional da situação**. Sensação de estar a **retroceder** na vida:

*“... mesmo com a minha personalidade... eu preciso muita da minha independência, eu comecei a trabalhar cedo para fazer as minhas coisas, é muito frustrante, eu até entrei aqui um bocado numa fase difícil, confusa, a questionar tudo depois de voltar, mas não foi estar em casa dos meus pais, foi por não conseguir de maneira nenhuma ser de outra maneira, porque é impensável eu agora mesmo que arranja-se um quarto a 200 euros ou uma casa, não dava, não dá para sair de casa, com as despesas todas que eu tenho, é impossível, por isso... eu de facto continuo, não ando a fazer uma procura ativa mas qualquer oportunidade que me chegue, porque lá está, eu também acho que não ando a fazer uma procura ativa porque eu gosto do que eu faço e porque tenho a facilidade de poder estar com os meus pais mas em qualquer momento se me aparecer uma coisa em que eu receba mais eu não penso duas vezes e vou, porque de facto esta parte da minha independência está-me a pesar muito mais do que aquilo que pensava.”*

**E17- Antónia, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Isolamento social:** *“... então eu também deixei cá (Lisboa) os meus amigos todos deixei (...) depois comecei lá a adaptar, mas sempre que aquela cena já estou a perder bué da cenas, estou a perder bué de coisas”*

**E16- Maria, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Ficar acomodado:** *“... uma pessoa também se pode acomodar, no sentido de não sendo uma coisa que eu me vejo a fazer para a minha vida, estar com ele na empresa dele é uma coisa que eu me posso acomodar face aos objetivos que eu tenho para mim.”*

**E05- Alexandre, 29 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Relacionamento com a família/ parceiros amorosos, tensões relacionadas com o isolamento social causado pela pandemia, gestão de espaços e privacidade, distanciamento físico na relação amorosa:**

*“... foi complicado mas não por causa, ou seja aqui, eu tenho que introduzir duas variáveis que são o meu irmão maior velho e minha prima (...) o meu irmão por si só é uma pessoa complicada, mais velho, portanto, nós durante a pandemia fomos 6 pessoas cá em casa, num espaço grande, temos todos espaço, mas no entanto todos tínhamos uma vida quotidiana muito... não trabalhava, eu e a minha prima tínhamos aulas, o meu pai tinha reuniões, tudo online, e de facto nesta altura, como eu, o meu espaço, o meu quarto não era meu só era de outra pessoa também, eu acho que muitos dos... da insatisfação que eu tinha vinha daí, porque depois o meu irmão como é difícil de lidar, não só para mim mas para toda a família, depois a convivência ficou muito pesada, ficou muito(...) e na altura eu tinha o meu namorado, namorávamos a distância, não nos vimos durante 9 meses as vezes eu queria ir falar para o quarto e estava lá ela”*

**E17- Antónia, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Perder o trabalho:** *“Epá trabalho, deixei de trabalhar na altura, na altura, trabalhava num Call Center, deixei de trabalhar.”*

**E06- Ricardo, 35 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

- **Desejo de sair de casa:**

**Os que ainda não teriam saído de casa na altura da entrevista, identificaram uma grande vontade de sair de casa, contudo sempre demonstrando uma dificuldade de perspetiva relativamente a esta questão no futuro:**

*“Eu gostava muito, mas não estou a ver isto num futuro próximo, e se eu quiser voltar a estudar, lá está o dinheiro ou é para uma coisa ou é para outra. Mas mesmo que eu não volte e continue neste trabalho, não há maneira de, pelo menos no futuro tão próximo, conseguir sair, a não ser que eu me chateie mesmo e que vá*

*para uma casa qualquer, que alugue um quarto e fique, não digo que não de a nível de dinheiro, mas se eu quero juntar para uma casa minha... opa pelo menos estes anos que estou aqui, a viver com os meus pais sempre poupo.”*

**E13- Amélia, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Entre a falta de meios económicos para efetivar a saída, a perda de estabilidade de um trabalho fixo no local de residência os jovens desejam sair, contudo sentem-se receosos em relação ao futuro.**

*“Ter o meu espaço sabes, eu felizmente tenho uma relação muito boa com os meus pais, é muito saudável, é muito tranquila, tenho total liberdade, desde que cumpra os mínimos estás a perceber, mas de facto eu acho que chegar aos 26 anos, porque lá está, eu olho para a minha mãe. A minha mãe, na minha idade, já estava a ter filhos, o primeiro filho, aos 27, estás a perceber, e eu ainda vivo na casa deles, para mim, eu sei que os tempos são diferentes e tudo mais há aqui uma limitação forçada que não era da minha vontade e isso é o que me está a pesar, ou seja apesar de estar a ser ótimo estar com eles e tudo eu sinto que eu precisava de ter o meu espaço nem que seja para... me sentir bem, sabes, para dizer “uau, já tenho a minha casa”*

**E17- Antónia, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

## A Pandemia e a Saída de Casa

- **Impactos da pandemia na saída de casa:**

**Já tinha regressado previamente à pandemia/ regresso momentâneo:** *“Durante a primeira quarentena voltei para casa, em Aveiro, e fiquei lá, até ao final do semestre, portanto desde 27 de março, acho que foi quando começou até ao final do semestre e o resto do tempo passei na residência. (...) Não, assim que pude voltei para a residência, foi só mesmo, uma questão de obrigação.”*

**E07- Filipe, 24 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Voltou por causa da covid e/ou efeitos da mesma:** *“Foi por causa da pandemia que regressei, inicialmente eu estava aí. Mas houve uma altura, comecei a trabalhar, mas depois foi quando deixei, mas só tive acho que tinha um mês aí, depois já estava cá, já estava cá, portanto. Acabei por fazer as quarentenas cá, na madeira.”*

**E15- Eunice, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou;**

*“Porque eu acabei o mestrado no COVID, as empresas estavam a despedir pessoas, não estavam a contratar, eu enviava currículos, ninguém me respondia. Então, resolvi voltar para o para lá ajudá-los no negócio deles, que é os seguros. Depois fui, fui ficando lá...”*

**E16- Maria, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

- **Efeitos sentido e percecionados em diferentes dimensões**

### **Trabalho:**

**Facilitismo em arranjar trabalho:** *“Sim, arranjei trabalho por causa do COVID. Porque na altura eu andava a candidatar-me para as escolas para assistente técnica ou assistente operacional e na altura havia um concurso extra para o hospital e eu bem vou concorrer também mal, não há de fazer, sempre é dinheiro, porque eu já estava mesmo farta de não ter um ordenado e estar sempre a pedir dinheiro aos meus pais. Aquilo foi imagina, a pandemia tinha rebentado em Março eu candidatei-me em Novembro. Em Janeiro chamaram-me logo fui fazer a entrevista em Janeiro e eles disseram nesse dia, “Ai pode demorar um bocadinho”, não sei quê... Nesse dia à noite, ligaram-me, se eu queria começar no dia a seguir, portanto o COVID para mim até me deu jeito.”*

**E13- Amélia, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

*“Na minha vida laboral sim, porque sem sombra de dúvida que o que nós, técnicos de análises clínicas, podemos agradecer um bocadinho à pandemia, o facto de termos mais oportunidades de trabalho, de termos melhor remuneração e porque fomos uma mão de obra muito precisa durante a pandemia, então eu acho que uma forma sim, acho que abriram muito mais concursos, muito mais emprego devido à pandemia, sim, portanto nisso só posso dizer que sim. Já estava a trabalhar, trabalhava em Sintra, ainda fazia assim uma deslocação grande, mas já estava a trabalhar e estava a trabalhar mesmo num Covidário até.”*

**E12- Mariana, 33 anos, jovem que saiu de casa**

**Dificuldade em ingressar o mercado de trabalho:** *“...se eu quisesse não! Se fosse possível, naquela altura estava toda a gente a ser despedida. Quem é que ia contratar uma pessoa nova, acabada de sair da faculdade? Foi isso”*

**E16- Maria, 28 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

*“... e mesmo depois a questão de vir para cá e vir desempregada e tive de procurar trabalho, depois foi um processo muito difícil porque não apareciam oportunidades nenhuma porque tinha adotado tudo em teletrabalho, mas depois foi muito difícil.”*

**E08- Ana, 27 anos, jovem que saiu de casa**

**Despedimento:** *“É pá trabalho, deixei de trabalhar na altura, na altura, trabalhava num Call Center, deixei de trabalhar.”*

**E06- Ricardo, 35 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Redução de rendimentos** “... e também afetou na altura a nível profissional, tinha um part-time que não foi possível trabalhar e afetou as finanças no fim.”

**E01- Tiago, 29 anos, jovem que saiu de casa**

**Alterações a nível do quotidiano laboral, regras e sistemas normativos:** “Do trabalho ainda estamos a senti-los, não é? Principalmente aqui no contexto é um contexto clínico, portanto, nós só recentemente começamos a alargar as máscaras e todo este material de contenção pandémica passava sempre por nós, portanto ainda existe alguma coisa que é remanescente.”

**E03- Santiago, 35 anos, jovem que saiu de casa**

**Escola:**

**Alterações nos métodos de ensino: efeitos negativos e positivos**

**Positivo:**

“... mas acabei por terminar o curso durante a pandemia ou seja, terminei o curso com aulas online, eu cheguei a anular uma matrícula, ou seja fui trabalhar nesse ano, no final acabei por terminar o curso na pandemia e depois arranjei o estágio aqui e fiquei (...) Eu vou-te ser sincera, para mim a pandemia, ao reduzir todas as outras distrações, fez-me focar muito no curso, e eu tive ótimas notas, em plena pandemia tive 19, passei tudo na boa...”

**E17- Antónia, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

“A escolar trouxe. (...), se calhar não teria saído de Lisboa, pelo menos na altura(...) Não consegui acabar química, (...), mas a verdade é que fui acabar Coimbra. Não sei se foi negativo ou positivo, mas eu até gostei daquele tempo,(...) Eu levo como positivo, mas a verdade é que demorei um bocado mais a acabar o curso, não é?”

**E05- Alexandre, 29 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

“... escolar sim, sem duvida, foi a altura no meu percurso escolar em que tive melhores notas, pelo menos a minha experiência na minha faculdade foi a única altura em que toda a gente esteve no mesmo patamar em que não se notou tanto as facilidades financeiras entre os alunos e tendo todos num patamar igual consegui apresentar melhores resultados. “

**E07- Filipe, 24 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

**Negativo:**

“Sim, a nível escolar foi altamente prejudicial , no confinamento mais agressivo só tivemos aulas online por isso tirou-nos a nível prático, eu estava num ano pré-clínico , ou seja não tinha muitas aulas que fossem com doentes, mas tinha aulas práticas , com modelos e coisas assim, e não houve nada disso e as aulas por ser tudo por ZOOM tornava-se muito cansativo, e depois no 4º ano sofremos muito com a pandemia porque não podíamos ter o número de aulas práticas que era suposto, porque nós tínhamos de ir em grupos muito pequeninos e tentaram minimizar obviamente o contacto com doentes no hospital e portanto houve muitas aulas que nós não tivemos, eu tinha um estágio no final do meu terceiro ano, portanto no verão de 2020 que era suposto ser um estágio de 1 mês, de hospitalar, que nós não tivemos , não foi repostado, não havia como, pronto, houve algumas tentativas de compensação extra e isso de todo não houve, muitas aulas práticas, sinto que foi efetivamente prejudicial”

**E14- Camila, 24 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

“Epá sim, na altura estava a escrever a tese a pandemia transformou a minha tese num caos “

**E06- Ricardo, 35 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

“Teve impacto na minha vida escolar, afetou a nível do mestrado neste caso, na tese, foi atrasar os processos...”

**E01- Tiago, 29 anos, jovem que saiu de casa**

## **Nível pessoal e social:**

**Alterações a nível dos convívios, interações e maior isolamento social:** “*Sim, acho que todos sentimos, ainda por cima estava grávida, eu engravidei durante a pandemia, tava a trabalhar na pandemia e já estava grávida e o medo do desconhecido e se eu apanhasse alguma coisa grávida, foi o que mais me assustou na altura, mas a nível de trabalho só isso, depois fiquei em casa na reta final da pandemia*”

**E09- Telma, 33 anos, jovem que saiu de casa**

## **Impactos a nível da saúde mental e física:**

“*... de facto, a coisa que trouxe de má foi um bocadinho na parte da saúde porque eu desleixei-me muito, eu engordei muito, porque literalmente eu levantava-me, ou seja, não fui daquelas pessoas que construiu um ginásio em casa estás a ver, eu tinha aulas e ia comer tostas mistas e depois voltava para as aulas e depois ia comer tostas mistas, ya, eu não olhei muito pela minha saúde nesses tempos, mas em termos escolares foi ótimo.*”

**E17- Antónia, 26 anos, jovem que saiu de casa e regressou**

“*Chata, porque a gente não podia fazer grande parte das coisas que a gente está habituado. O exercício físico no exterior. Aquilo que eu gosto de fazer, por exemplo, ir à pesca. Ficámos muito, neste caso, tivemos basicamente ficar todos fechados em casa*”

**E02-Manuel, 29 anos, jovem que saiu de casa**